

UNIVERSIDADE DE SÃO PAULO  
INSTITUTO DE PSICOLOGIA

SABINE ALTHAUSEN

***Adolescentes com síndrome de Down e Cães:  
compreensão e possibilidades de intervenção***

São Paulo

2006

SABINE ALTHAUSEN

***Adolescentes com síndrome de Down e Cães:  
compreensão e possibilidades de intervenção***

Dissertação apresentada ao Instituto de Psicologia da Universidade de São Paulo para obtenção do título de Mestre em Psicologia.

Área de Concentração: Saúde e Desenvolvimento Humano

Orientadora: Maria Lúcia Toledo Moraes Amiralian

São Paulo

2006

## **FOLHA DE APROVAÇÃO**

Sabine Althausen

Adolescentes com síndrome de Down e Cães:  
compreensão e possibilidades de intervenção

Dissertação apresentada ao Instituto de Psicologia  
da Universidade de São Paulo para obtenção do  
título de Mestre em Psicologia.

Área de Concentração: Saúde e Desenvolvimento  
Humano

Aprovado em:

Banca Examinadora

Prof. Dr. \_\_\_\_\_

Instituição: \_\_\_\_\_ Assinatura: \_\_\_\_\_

Prof. Dr. \_\_\_\_\_

Instituição: \_\_\_\_\_ Assinatura: \_\_\_\_\_

Prof. Dr. \_\_\_\_\_

Instituição: \_\_\_\_\_ Assinatura: \_\_\_\_\_

*Aos meus pais, Sônia e Reinhold, pelo amor e dedicação  
À minha analista, Míriam, por sua escuta e presença*

## **AGRADECIMENTOS**

A realização desta pesquisa foi imensamente facilitada pela presença afetiva de diferentes pessoas, a elas exprimo minha gratidão.

À Maria Lúcia Amiralian, por seu acolhimento, generosidade e sabedoria no processo de orientação. Seu interesse pelo tema pesquisado, bem como seu rigor científico e sua crença em minha capacidade como pesquisadora, iluminaram e ampliaram meus horizontes.

À Leila Cury Tardivo, pelo apoio na fase inicial da pesquisa e por sua disponibilidade.

À Tânia Aiello Vaisberg e Maria Júlia Kovács pela precisas e preciosas contribuições à época do exame de qualificação.

Aos participantes desta pesquisa, por sua confiança e generosidade em contribuir.

Aos professores de pós-graduação: com quem muito aprendi; aos funcionários das secretarias de pós-graduação e da biblioteca: sempre solícitos e competentes; aos colegas de orientação: pelas estimulantes discussões acadêmicas e pelo apoio.

À minha família – Gab, Zé, Chris, Mônica, Oscar, Oma, Opa, Vó Laura, tios e primos - por serem as pessoas queridas que são.

Ao meu amado Marcelo, pela parceria na dança da vida e por seu amor.

Aos amigos e colegas: Marisa, Toninho, Thaís, Déa & Carlos, Marina & Louis, Cristina, Graça, Janaína, Sandra, Lydiane, Ivana & Cia. Ilimitada, Mônica, Patrícia, Rô e Nicole, Família Oquendo Yoshino, Carmen.

E, como não poderia deixar faltar, aos cães de minha vida.

“Entre os bichos a maternidade é coisa de útero, entre os humanos a coisa não é assim . Os seres humanos são gerados nos olhos das mães”

(Rubem Alves – *Os olhos da madrasta*, p. 59)



Meu irmão Christian com nosso cachorro Toti - em retrato pintado por minha bisavó, Lily Althausen, a partir de foto tirada por meus pais.

*Este quadro vivia em nossa sala nos meus anos de infância...*

ALTHAUSEN, S. ***Adolescentes com síndrome de Down e Cães: compreensão e possibilidades de intervenção***. 2006. 170 f. Dissertação (mestrado) – Instituto de Psicologia, Universidade de São Paulo, São Paulo, 2006.

Estudos publicados a partir da década de 60 evidenciam o potencial terapêutico da participação de animais de estimação em situações clínicas. Desde então, as pesquisas e as práticas das denominadas Terapia Assistida por Animais (TAA) e Atividade Assistida por Animais (AAA) estão em amplo crescimento. A presente pesquisa analisa 12 registros filmados dos encontros realizados a partir da parceria entre uma escola de educação especial e um canil. Os encontros aconteciam num sítio, a frequência era semanal e os horários eram fixos. Participaram quatro adolescentes com síndrome de Down. A narrativa dos encontros entre esses adolescentes e cães numa situação estabelecida tem por objetivo a elaboração de uma reflexão teórica cujo propósito é considerar o uso de um enquadre diferenciado que inclui a presença do cão como recurso. A lente sob a qual tais fenômenos são analisados e compreendidos é a psicanálise de D. W. Winnicott. A investigação psicológica dos encontros evidencia a necessidade de levar em consideração o contexto humano oferecido pelos profissionais e as relações interpessoais estabelecidas. Pode-se observar que a maneira de se relacionar com o animal apresenta-se qualitativamente diferente das relações essencialmente humanas e das com objetos inanimados. Destacando a complexidade dos fenômenos observados entre as pessoas e os animais, percebeu-se que os cachorros interagem com as pessoas não a partir das intenções ou sentimentos destas, ou ainda por meio de um discurso representativo: o cão reagia ao fato, ao comportamento humano, a comunicação ocorria de forma não-verbal. Outra possível função dos cachorros foi a de despertar diferentes aspectos do self, manifestados pelos adolescentes em suas atitudes, ações e verbalizações, facilitando a expressão de sentimentos. A análise também revela que a maneira de ser do cachorro – através de suas ações de atender ou não aos comandos, de se deixar manipular ou não, de ser uma presença constante e segura, de ter uma inteireza e continuidade de ser – sugere a emergência de maior espontaneidade por parte dos adolescentes. Por fim, são tecidas reflexões teóricas que sustentam a possibilidade de uma clínica winnicottiana com enquadre diferenciado que inclui o cachorro como recurso.

Palavras-chave: Atividade assistida por animais. Interação homem-animal. Enquadres diferenciados. Síndrome de Down.

ALTHAUSEN, S. ***Adolescents with Down Syndrome and Dogs: understanding and possibilities of intervention.*** 2006.170 f. Dissertation (Master) – Instituto de Psicologia, Universidade de São Paulo, São Paulo, 2006.

Studies that have been published since the 1960s suggest the therapeutical potential of the use of pets in clinical situations. The research on and the practice of the called Animal Assisted Therapy (AAT) and Animal Assisted Activity (AAA) have become more and more popular ever since. The present research analyses 12 filmed meetings that aim at promoting such interaction between dogs and four adolescents with Down Syndrome, carried out by a special education school and a kennel. These weekly meetings took place in a small farm and had been previously scheduled, always at the same time. The description of these meetings between the adolescents and the dogs in an arranged situation aims at elaborating a theoretical reflection which has the objective of taking into account the use of a differentiated setting that involves the presence of the dog as a resource. The lens under which such phenomena are analysed and understood is the W.D.Winnicott psychoanalysis. The psychological investigation of the meetings explicits the need to take the human context offered by the professionals and the interpersonal relationships that take place into account. It is clear to notice that the way the adolescents relate to the animals is qualitatively different from the way they do in exclusively human relationships or even in their relationships with inanimate objects. It's important to highlight that, among other complex phenomena that we observe in the relationship between people and animals, the communication between them is non-verbal: the dogs react to the human behaviour and not to their intentions, feelings or discourse. Also, the dogs have an important role in awakening different aspects of the self, acted out by the adolescents in their attitudes and speech, which makes the expression of their feelings easier. The analysis also shows that the dog's behaviour – whether or not responding to the commands of the adolescents, permitting or not being handled by them, of being a constant and safe presence, as well as its wholeness and continuity of being - suggests the emergence of more room for the adolescents' spontaneity. Finally, some reflections that support the possibility of a winnicottian clinic with a differentiated setting that have the dog as a resource are presented.

Key-words: Animal-assisted therapy; Human-animal interactions; Differentiated settings; Down syndrome

## SUMÁRIO

<b>INTRODUÇÃO</b> .....	11
1. APRESENTAÇÃO.....	11
2. OBJETIVO.....	13
3. JUSTIFICATIVA / RELEVÂNCIA.....	13
<b>1. PESSOAS E ANIMAIS</b> .....	16
1.1 E O HOMEM CONHECEU O CÃO.....	16
1.2 O ANIMAL DE ESTIMAÇÃO EM CASA.....	18
1.3 INTERVENÇÕES COM USO DE ANIMAIS .....	23
1.3.1 Equoterapia .....	23
1.3.2 Intervenções com participação de animais de estimação .....	24
1.3.3 Algumas nomenclaturas e definições atuais .....	34
<b>2. DE ONDE PARTE O OLHAR</b> .....	37
2.1 WINNICOTT E O DESENVOLVIMENTO EMOCIONAL.....	38
2.2 DEFICIÊNCIA E SÍNDROME DE DOWN.....	44
2.3 A PSICANÁLISE E OS ANIMAIS.....	49
<b>3. METODOLOGIA DA PESQUISA E PROCEDIMENTOS</b> .....	58
3.1 ESCOLHAS METODOLÓGICAS.....	58
3.2 CARACTERÍSTICAS DAS INSTITUIÇÕES.....	61
3.2.1 Histórico .....	61
3.2.2 Parceria escola-canil .....	62
3.2.3 Ambiente físico .....	63
3.3 OS ADOLESCENTES E OS ANIMAIS.....	64
3.3.1 Os sujeitos participantes .....	64
3.3.2 Animais participantes .....	65
<b>4. NARRATIVA DOS ENCONTROS</b> .....	67
Encontro 1 .....	67
Encontro 2 .....	73
Encontro 3 .....	80
Encontro 4 .....	83
Encontro 5 .....	88
Encontro 6 .....	92
Encontro 7 .....	99
Encontro 8 .....	103
Encontro 9 .....	108
Encontro 10 .....	113
Encontro 11 .....	119
Encontro 12 .....	123
<b>5. ANÁLISE</b> .....	129
5.1 FUNÇÕES DOS CACHORROS.....	129
5.1.1 Comunicação não-verbal .....	130
5.1.2 Despertar aspectos do self (expressão de sentimentos) .....	132
5.1.3 O ser si mesmo dos adolescentes e a presença viva do cachorro.....	135
5.2 MANEJO DA SITUAÇÃO (PROVISÃO AMBIENTAL) .....	137
5.3 POSSIBILIDADES DE INTERVENÇÃO.....	142
<b>6. CONSIDERAÇÕES FINAIS</b> .....	148
6.1 A RELAÇÃO ENTRE PESSOAS E ANIMAIS.....	148

6.2 ENQUADRES DIFERENCIADOS NA CLÍNICA WINNICOTTIANA – O ANIMAL COMO RECURSO .....	152
<b>7. REFERÊNCIAS .....</b>	<b>158</b>
<b>8. ANEXOS .....</b>	<b>163</b>
Anexo A – Termo de Consentimento .....	164
Anexo B – Declarações IAHAIO .....	167

## INTRODUÇÃO

### 1. APRESENTAÇÃO

Os animais sempre fizeram parte da vida do homem, seja na caça, pesca, tração, locomoção, bem como guarda e companhia. Ao longo da história do Homem, houve domesticação de algumas espécies animais, o que transformou tanto a espécie domesticada quanto os hábitos e o estilo de vida das pessoas. Desse modo, a vinculação humana com os animais de estimação – tais como cães e gatos – acrescentou um novo tipo de relação que tem complexidade e características próprias. Povos de diferentes culturas mantêm vínculos afetivos com essas espécies, sugerindo um denominador comum nessa relação.

Diz Freud

Há uma grande semelhança entre as relações das crianças e dos homens primitivos com os animais. As crianças não demonstram sinais da arrogância que faz com que os homens civilizados adultos tracem uma linha rígida entre a sua própria natureza e a de todos os outros animais. As crianças não têm escrúpulos em permitir que os animais se classifiquem como seus plenos iguais (1996, p.132).

Considero essa formulação ilustrativa de alguns fenômenos que podem ser facilmente observados: a reação de crianças diante dos animais, em que geralmente há grande interesse, curiosidade e busca de contato; pais que adquirem animais de estimação em decorrência do pedido dos filhos.

Os animais também estão muito freqüentemente presentes nas representações das histórias infantis, nos contos de fadas, nas fábulas, no folclore, nos gibis, nos desenhos animados e nos filmes. Também os adultos parecem encontrar sentido no contato com animais, caso contrário não os alimentariam, abrigariam e cuidariam deles. Penso que os animais de estimação encontram-se mais presentes na vida das pessoas do que podemos supor num primeiro momento.

A presente pesquisa tem como ponto de partida o interesse pelo estudo da vinculação afetiva entre pessoas e animais. Tal questão foi construída ao longo de minha formação como psicóloga, a partir do interesse pelo estudo de três diferentes

áreas de conhecimento: a Etologia, a Psicanálise e a Deficiência. A Etologia como forma de ampliar o conhecimento pelo comportamento dos animais, em especial o cão: seu processo de domesticação e características de vinculação; a Psicanálise fornecendo elementos fundamentais para a compreensão do ser humano em seu processo de desenvolvimento emocional; a Deficiência como uma maneira de ser e estar no mundo, a partir de uma condição diferenciada com a qual o indivíduo organiza sua vida.

Ainda na graduação fiz contatos com grupos e instituições que realizavam diferentes atividades com pessoas a partir do contato com cachorros. Conheci iniciativas variadas: algumas tinham como público idosos asilados; outras, crianças em hospital; outras ainda, atuavam com crianças com deficiência. Conhecendo esses trabalhos, tive maior interesse nas interações entre crianças com deficiência e cachorros adestrados. Em meu primeiro contato presenciei uma atividade recreativa livre, na qual os alunos de uma escola de educação especial visitavam um canil com cães treinados. Descrevo a seguir a cena que desencadeou os questionamentos iniciais desta pesquisa:

Uma adolescente estava num campo gramado, junto com seus colegas de classe, ficava retraída, olhando para o chão, não interagia com ninguém e quando falava, dizia sempre a mesma frase. Esse cenário mudou quando um cão se aproximou, ela logo se animou e perguntou ao animal “Vamos passear?”, pegando a guia e começou a andar, falar espontaneamente com o cão, estabelecendo contato visual com ele e com os adultos ali presentes.

As questões são formuladas:

- 1) O que aconteceu entre essa garota e o cão que não ocorreu entre ela e as pessoas que ali estavam presentes?
- 2) Quais mecanismos psicológicos foram despertados possibilitando que a garota saísse de seu retraimento e buscasse contato com o mundo, através do cão?

- 3) Que uso dessa relação pode o psicólogo fazer com o objetivo de promover o desenvolvimento emocional?

No então ano de 2002, contando com o apoio e orientação da Prof<sup>a</sup>. Dr<sup>a</sup>. Leila Cury Tardivo, e com a disponibilidade da equipe do canil e de uma escola de educação especial, tive a oportunidade de observar e registrar, através de filmagens, encontros entre alunos com síndrome de Down e cães. Essa experiência compõe o corpo do presente trabalho.

No ano de 2003, ingressei como aluna de mestrado sob orientação da Prof<sup>a</sup>. Dr<sup>a</sup>. Maria Lúcia Toledo Moraes Amiralian, a fim de levar adiante a investigação científica da relação entre adolescentes com síndrome de Down e cães, numa proposta de intervenção.

## 2. OBJETIVO

A narrativa de encontros entre adolescentes com síndrome de Down e cães numa situação estabelecida tem como objetivo a elaboração de uma reflexão teórica cujo propósito é considerar o uso de um enquadre diferenciado que inclui a presença do cão como recurso. A lente sob a qual tais fenômenos são analisados e compreendidos é a psicanálise de D. W. Winnicott – ferramenta valiosa para o entendimento do desenvolvimento emocional humano rumo ao amadurecimento, considerando as interações entre o indivíduo e o ambiente que o sustenta.

## 3. JUSTIFICATIVA/RELEVÂNCIA

As novas modalidades de intervenção com uso de animais abrem, para os profissionais de saúde e educação, novas perspectivas em termos de recursos auxiliares. Nas últimas décadas é crescente o interesse científico pelo estudo da relação homem-animal. Consultando a literatura especializada, percebe-se que grande parte das pesquisas busca comprovar a eficácia das intervenções assistidas por animais, atribuindo valor terapêutico a estas espécies, pouco considerando o contexto humano no qual tais intervenções aconteceram, de maneira que, tem-se a impressão de que é o animal o agente da intervenção. Diferentemente, a presente

pesquisa ,justifica-se pela necessidade de um olhar que considere o desenvolvimento emocional humano e o papel da interação entre indivíduo e ambiente na constituição do ser – para, então, refletir sobre a função do cachorro dentro da situação de intervenção.

Espero, dessa forma, contribuir para o conhecimento científico desse vasto tema, trazendo reflexões que enriqueçam a discussão sobre os aspectos psicológicos da relação homem-animal num contexto interventivo, buscando espaços diferenciados no trabalho com indivíduos que apresentam alguma condição de deficiência.

Para compreender a relação entre pessoas e animais, particularmente o cachorro, considerei necessário um retorno às origens desta mesma relação: a evolução da espécie canina e as características que facilitam nosso contato próximo com estes animais. Ainda no Capítulo 1, foi feito um exame sobre os significados e funções dos animais de estimação na vida das pessoas a partir da literatura especializada, para, então, tomarmos contato com os estudos e trabalhos pioneiros sobre a participação de animais em diferentes tipos de intervenções com pessoas. Em virtude da riqueza do material apresentado, busquei trazer na íntegra alguns estudos de caso, o que nos ajuda a tomar contato com esse tipo de intervenção e seus desdobramentos. Não pude deixar de considerar o panorama atual, tanto em âmbito internacional quanto em nosso país, no que se refere às práticas das intervenções com uso de animais e as definições mais recentes.

Tendo por base a compreensão dos estudos sobre as interações homem-animal, o Capítulo 2 tem por objetivo fornecer subsídios teóricos norteadores de uma investigação clínica psicanaliticamente orientada. Tendo em vista as diferentes abordagens sobre o tema, a concepção psicanalítica winnicottiana vem fornecer um novo olhar sobre as relações entre pessoas e animais e suas possibilidades de intervenção. Portanto, esse capítulo traz elementos fundamentais acerca do desenvolvimento emocional humano, bem como considerações sobre a condição de deficiência e suas vicissitudes, para depois realizar uma aproximação entre a psicanálise e os animais a partir de um estudo de caso apresentado por uma

psicanalista brasileira, quando tecerei algumas reflexões reunindo as contribuições de outros autores.

O Capítulo 3 descreve o presente estudo, as escolhas metodológicas pelo uso de filmagens, a feitura de narrativas e o procedimento de análise psicanaliticamente orientado. Também são apresentadas as características das instituições – a escola especializada e o canil –, seu histórico e a parceria firmada entre elas. O espaço físico, a escolha dos adolescentes e suas características e as condições dos cães envolvidos também são aqui descritos.

As narrativas de cada um dos 12 encontros entre os adolescentes com síndrome de Down e os cães, na situação de intervenção sustentada pela equipe profissional, são elaboradas no Capítulo 4. Diante da riqueza do material ali encontrado, criei narrativas longas na tentativa de captar aspectos significativos da vivência dessas pessoas entre si e com os animais presentes. Posteriormente a cada encontro, são tecidas as apreciações dos elementos considerados significativos.

Após a feitura das narrativas e das apreciações referentes a cada uma, o Capítulo 5, Análise, propõe-se a integrar a investigação psicológica dos diferentes aspectos vivenciados nos encontros, a fim de alcançar maior compreensão acerca da influência da participação dos cães nos encontros com os adolescentes e, por fim, refletir a respeito de possibilidades de intervenção.

No Capítulo 6 são desenvolvidas as Considerações Finais no sentido de reflexões teóricas que permitem alcançar alguma compreensão das relações sobre pessoas e animais e das possibilidades de uso de enquadres diferenciados na clínica winnicottiana que inclui o cachorro como recurso. Trazendo, assim, algumas questões que podem vir a contribuir para o entendimento deste vasto campo de pesquisa bem como, espero, suscitar novos questionamentos e desdobramentos.

## **CAPÍTULO 1: PESSOAS E ANIMAIS**

### **1.1 E O HOMEM CONHECEU O CÃO**

O registro histórico mais antigo até hoje encontrado sobre essa relação é a descoberta de um túmulo em Israel datado de 12 mil anos atrás: encontrou-se o corpo de uma mulher idosa enterrada com sua mão segurando um filhote de cachorro (Davis e Valla, 1978, apud Lantzman, 2004).

Seres humanos e cães têm convivido desde a pré-história. Os cães, animais com comportamentos extremamente plásticos, foram se adaptando aos agrupamentos humanos e assim surgindo vantagens para as duas espécies. Considera-se que o ancestral do cão, *Canis familiaris*, é o lobo, *Canis lupus* (Lantzman, 2004).

Dessa forma, a proximidade de homens e lobos supostamente trazia vantagens, tais como proteção, defesa de território e ajuda na caça. Cluton-Brock (1997, apud Lantzman, 2004) considera que pessoas capturavam filhotes de lobos como brinquedos para crianças. Quando o animal crescia e se tornava menos submisso e mais agressivo, era morto; porém, caso ficasse mais manso e submisso, permanecia com o agrupamento humano, cruzando com outros lobos mansos. Assim, a evolução do cachorro estaria associada à co-evolução com o ser humano. Lantzman (2004), fazendo uso das contribuições de Brantingham (1998), define co- evolução como

O resultado das pressões recíprocas e seletivas que agem para tornar a evolução de uma classe de animais parcialmente dependente da evolução da outra. Este processo, geralmente, envolve a exploração de múltiplas espécies por recursos comuns limitados. (p.12)

No processo de domesticação do cão, as diferenças físicas e comportamentais, em relação ao lobo, acentuaram-se :

diminuição no nível de sensibilidade a estímulos desencadeadores de comportamento agressivo, aumento da docilidade, redução do medo em relação ao homem, aumento da capacidade de formação de vínculos, aumento da capacidade de se ajustar às

condições ambientais e sociais, e manutenção de padrões de comportamento infantil na vida adulta, esta última característica, denominada neotenia (Bradshaw e Brown, 1990, apud Lantzman, 2004, p.13)

Dentre as características da espécie canina que facilitam a formação de vínculo com o ser humano destacam-se duas: 1) suas habilidades sociais e 2) de comunicação.

#### 1) Habilidades sociais do cachorro:

Concordo com Lantzman (2004) quando afirma que “o vínculo entre homens e cães só foi possível graças à semelhança na forma como estas espécies se estruturam e se organizam socialmente” (p. 30). O cão, ao relacionar-se com as pessoas, mantém um padrão de comportamento social típico dos canídeos – a formação de grupos: a matilha – com estrutura e organização hierárquica variável, juntamente com a alta flexibilidade adaptativa (Macdonald e Carr, 1997, apud Lantzman, 2004). Ambas as espécies se desenvolvem na interação com demais componentes de seu ambiente social. O cão, ao crescer no meio de humanos, faz desse grupo sua matilha.

#### 2) Habilidades comunicativas do cão:

O cão apresenta inúmeros recursos para se comunicar, nem todos acessíveis para as pessoas. Estas fazem uso da comunicação verbal e não-verbal, já os cães usam somente a comunicação não-verbal (Lantzman, 2004).

Os cães são especialistas em comunicação não-verbal. Eles ficam atentos a cada um dos pequenos e perceptíveis movimentos. Se quisermos entendê-los e nos tornarmos compreendidos, temos que nos tornar perspicazes observadores de seu comportamento (Abrantes, 1997, p. 75, apud Lantzman, 2004).

A considerar o papel do cão na sociedade contemporânea, Lantzman (2004) ressalta que, com as grandes transformações ocorridas nos últimos cinquenta anos, o cão adquiriu importante papel, sendo foco de fortes vínculos afetivos. O autor diferencia a presença desse animal no campo – onde fica mais livre e distante do convívio familiar – e na vida urbana, caracterizada pela concentração na ocupação dos espaços. Com isso, houve uma diminuição dos espaços de moradia e um rearranjo na dinâmica e organização familiar. “Como consequência, o cão está cada

vez mais próximo de sua família humana, tanto física, como emocionalmente” (Lantzman, 2004, p.9).

Veremos, então, qual o entendimento que alguns autores têm atribuído ao papel do cachorro – e de outros animais de estimação - nas relações afetivas humanas.

## 1.2 O ANIMAL DE ESTIMAÇÃO EM CASA

Alguns pesquisadores consideram que a posse de animais, como cão ou gato, tem efeitos benéficos e positivos tanto na saúde física quanto psicológica do dono. Friedmann (1980, apud Friedmann, 1995) aponta maior sobrevivência de pessoas com problemas cardíacos possuidores de animais em relação aos não possuidores, indicando que esta relação potencialmente favorece a saúde física de seus donos. Serpell (1990) argumenta que a posse de cães aumenta a auto-estima e estimula a realização de exercícios físicos. No entanto, os custos de ter animais devem ser considerados. Além dos recursos econômicos dispensados ao animal, Collis e McNicholas (2001) evidenciam as restrições quanto a viagens prolongadas e ausências curtas, além de objetos mordidos e jardins cavoucados.

Fuchs , (1987) em seu trabalho *O Animal em Casa: um estudo no sentido de desvelar o significado psicológico do animal de estimação*, realizou entrevistas com donos e não-donos de animais, com o objetivo de apreender o significado psicológico atribuído ao animal de estimação no cotidiano dessas pessoas. Partiu de sua formação como médica veterinária e de sua experiência clínica no contato com animais de estimação e seus donos, levantando os seguintes questionamentos: “Por que se tem posse de um animal? Como se dá essa posse? Vêm-se benefícios? Como se coloca o indivíduo diante do animal com o qual convive? Como ele vê o animal? Que papel desempenha o animal em seu dia a dia?” (p.29 e 30) A abordagem adotada em seu trabalho foi a análise fenomenológica de entrevistas semidirigidas.

A autora faz uma distinção entre o animal real e o animal como entidade no mundo vivido pelo seu dono, pois percebe que o significado atribuído ao animal depende de características individuais das pessoas em interação, encarando “os animais sob pontos de vista básicos” (Ibid., p. 151). Formula três atitudes / interesses diferentes de se relacionar: o interesse prático do homem rural, o interesse zoológico do homem silvestre, e o interesse afetivo e psicológico do homem urbano. A partir dessas três atitudes, Fuchs delineou três ordens distintas, a saber:

1) a Ordem dos Animais Utilitários – “Nesta ordem situam-se todos os exemplos de animais utilizados para consumo ou para serviço. É o porco abatido, são as galinhas criadas para os ovos ou produção de corte, o cão de guarda que vai prestar serviço no sítio, as abelhas, o gato etc”. (p. 150 e 151)

2) a Ordem dos Animais Silvestres – “Enquadram-se aqui os animais olhados pelo prazer de olhar, pelo fascínio que exercem. Vale a pena frisar que este olhar não significa necessariamente fazer pesquisa, pode ser o olhar apenas pelo olhar”. (p.151)

3) a Ordem dos Animais Psíquicos – “São animais únicos, criações de vivência de cada um, depositários de atributos e projeções de seu dono” (p. 151)

Essas contribuições da autora fornecem subsídios para a compreensão acerca da complexidade de relações existentes entre pessoas e animais. Em suas considerações finais, a autora percebe algumas características da dinâmica do animal na família. O início do convívio com o animal pode surgir de um desejo de posse explícito ou de situações de “inércia” (Ibid., p.163), na qual a aceitação foi passiva; também observa que algum membro da família assume uma postura dominante no sentido de poder decidir sobre o destino do animal, sendo que nem sempre a pessoa que assume cuidar do animal é a que tem maior apego com ele. Sempre há a possibilidade de desfazer o laço com o animal, gerando sofrimento para o membro que o levou para casa. Fuchs afirma que o animal de estimação

ocupa a posição de criança na família, ficando num lugar de dependência, podendo assumir as funções de filho.

Em sua compreensão percebe que “O animal vivido é diferente para cada um dos sujeitos, depende das necessidades psicológicas de cada um” (Ibid., p. 164), assim o animal pode se tornar companheiro, amigo, tornando-se único, mas também pode ser vivido como algo ameaçador, associado a eventos traumáticos reais ou imaginários.

Observa também que a perda do animal, por morte, desaparecimento ou abandono, suscita todo um processo de luto semelhante à perda de uma pessoa, com o diferencial de uma certa inibição social em manifestar a dor da perda. Finaliza defendendo que “Desde o momento de sua chegada até o final de sua vida o animal depende para sua sobrevivência do ser humano” (Ibid., p.165)

Outra pesquisa, que também busca apreender com sensibilidade o movimento emocional entre pessoas e seus animais, foi desenvolvida pela assistente social Berzins (2000), diante da complexa demanda existente na situação de pessoas idosas possuidoras de grande número de animais e denunciadas ao Centro de Controle de Zoonoses da cidade de São Paulo. O título de sua pesquisa é *Velhos, Cães e Gatos: interpretação de uma relação*. Sua proposição destinou-se a conhecer as interpretações que essa população singular atribuía à relação por eles estabelecida com um número superior a dez animais (cães e/ou gatos), presentes em suas casas e vidas. Para tanto, realizou entrevistas abertas, buscando os significados dados aos animais através das memórias e lembranças dos velhos, com análise de interpretação livre dos depoimentos.

A autora afirma, sobre a população pesquisada que “Este grupo de idosos se compõe na sua maioria de mulheres – solteiras ou viúvas. Elas não tiveram filhos. Residem sozinhas em casa própria ou cedida por terceiros. Constata-se a ausência de vínculos afetivos de família e, muitas vezes, faltam até mesmo esses familiares.

Há ainda, na condição delas, fatos como o de elas não se relacionarem com os vizinhos e seus imóveis se encontrarem em péssimo estado de conservação, higiene e limpeza” (Ibid., p.19). Assim, essas pessoas são velhos diferenciados, por sua idade, aparência física, pelas péssimas condições de moradia e higiene, pelo odor desagradável das casas, pelo isolamento social e pelo grande número de animais que possuem (Berzins, 2000).

Nas considerações tecidas tendo como base os depoimentos dessa população específica, Berzins esclarece

Chamo atenção para a intensidade da relação e quando ela passa a ser única, excluindo o contato com outros seres humanos. Isso que a torna prejudicial. Nas trajetórias de vida dos nossos depoentes percebemos que a substituição do ser humano pelo animal foi se dando em momentos diferentes de suas vidas, principalmente naqueles em que as perdas foram maiores ou quando eles não receberam ou deram o afeto que esperavam dos parentes e amigos. Desejo ainda chamar a atenção que o respeito, afeto e o cuidado com os animais não pode eliminar a necessidade de atenção para com um outro ser humano, pelo contrário, aprimoram e completam a capacidade de nos relacionarmos com nossos semelhantes. Quando se inverte este conceito há um prejuízo grande para os lados envolvidos, inclusive para os próprios animais quando não são atendidas suas necessidades básicas (p.147).

Essa leitura das relações entre pessoas e animais revela a importância de um olhar atento à maneira como o animal é vivenciado por cada indivíduo, podendo ser uma fonte de enriquecimento pessoal, bem como uma forma de estar isolado sem estar só.

Há uma área de estudos sobre o papel dos animais na vida das pessoas que considera o efeito socializador dos animais, ou seja, a influência de sua presença na relação entre dois ou mais seres humanos.

Destaco a pesquisa de McNicholas e Collis (2000), na qual os autores investigaram o efeito de catalisador social que o cão fornece a quem o conduz, por meio de observações e registros das trocas sociais quando o experimentador caminhava em áreas públicas com cão treinado para não solicitar atenção dos transeuntes. Os autores concluíram que a presença do cão modifica e minimiza possíveis inibições

entre pessoas estranhas de sexo oposto, atuando como um poderoso catalisador social. O aumento das interações ocorreu em contatos breves, embora tenham surgido contatos mais prolongados e que continuaram em outros dias mesmo sem a presença do cão.

Uma óptica sob a qual podemos tentar compreender o papel social que um animal pode exercer para as pessoas encontra-se nos estudos realizados acerca da função de cães de serviço. Estes são definidos como animais que, após criterioso treinamento e seleção, são pareados com pessoas que apresentam algum tipo de deficiência ou alteração orgânica: pessoas cegas, surdas, epiléticas. O papel do animal é auxiliar seu dono a desempenhar as funções afetadas pelo prejuízo orgânico.

Algumas pesquisas sobre os possíveis benefícios do uso de cães de serviço foram realizadas. Miner, (2001) ao entrevistar oito pessoas cegas possuidoras de cães guias, apontou que elas relatavam um aumento na confiança em si mesmas e também uma maior independência, revelando aumento tanto no contato público quanto em trocas de interação com outras pessoas. Algumas delas relataram mudanças com amigos e família. Outra pesquisa foi a realizada por Steffens e Bergler (1998), na qual oitenta cegos (quarenta com cães guias e quarenta que não usavam cães guias) foram entrevistados. Seus achados indicam que o suporte social fornecido pelo cão auxilia a pessoa cega a lidar com fatores estressantes ligados à cegueira, tais como, dependência dos outros, problemas sociais e problemas de comunicação.

Hart *et al* (1995) conduziram pesquisa com pessoas surdas que usavam cães ouvintes (cães treinados para auxiliar o surdo, alertando para alarmes sonoros e presença de estranhos) para investigar os prazeres e problemas decorrentes dessa escolha. Entre os prazeres estão a companhia e a assistência que o cão fornece, além de sensações de melhorias físicas e emocionais. Dentre os problemas estão alguns comportamentos caninos indesejados, como latidos, destruições de objetos, tentar agredir estranhos.

Um dos fatores considerados como maiores contribuintes do sucesso entre dono e cão de serviço é o comportamento cooperativo. Considera-se que esse é um traço inerente ao cão e que o acompanhou durante toda sua evolução em parceria com o homem. No caso de cães de serviço, a cooperação surge não só por parte do cão mas também de seu dono (Naderi *et al.*, 2001).

### 1.3 INTERVENÇÕES COM USO DE ANIMAIS

“Freud e uma sucessão de *chow-chows*, especialmente Jo-fi, foram inseparáveis (...) o cão ficava em silêncio ao pé do divã durante a hora de análise”  
(Gay, 1989, p.490).

Após tomarmos contato com estudos sobre a evolução da relação entre pessoas e animais, e do papel destes no cotidiano humano, considero fundamental a compreensão do percurso histórico da participação dos animais em intervenções com pessoas.

#### 1.3.1 Equoterapia

A equoterapia é “um método terapêutico e educacional que utiliza o cavalo dentro de uma abordagem interdisciplinar nas áreas de saúde, educação e equitação, buscando o desenvolvimento biopsicossocial de pessoas portadoras de deficiência e/ou com necessidades especiais”. Esta é a definição adotada em 1999 pela ANDE-BRASIL – Associação Nacional de Equoterapia, entidade que regulamenta a prática da equoterapia em nosso país (Ávila, 2001). Os estudiosos do assunto atribuem a Hipócrates, em 377 a.C., a primeira citação sobre o potencial terapêutico e educacional do uso do cavalo.

O praticante (como é chamado o paciente nesse tipo de intervenção), após período de aproximação com o animal, passa grande parte da sessão montado em seu dorso. Devido ao passo do cavalo – que se assemelha ao andar humano – a pessoa que monta realiza movimento tridimensional (para cima, para baixo; para os lados; e

para frente e para trás), estimulando que novos ajustes motores sejam realizados. Além disso, os profissionais da área consideram que a interação com o cavalo desenvolve um contato diferenciado com o mundo que o cerca, contribuindo para o desenvolvimento e aprimoramento de suas potencialidades. Tanto essas melhoras são valorizadas que, em 1997, o Conselho Federal de Medicina reconheceu a equoterapia como método terapêutico (Ávila, 2001).

Outra característica da equoterapia é sua estruturação técnica e profissional

O instrutor de equitação, por ser quem mais entende do cavalo, é peça chave do trabalho. Juntam-se a ele profissionais das áreas de saúde e educação, tais como fisioterapeuta, psicólogo, terapeuta ocupacional, pedagogo, médico, educador físico, fonoaudiólogo, dentre outros profissionais. É isto que dá o caráter interdisciplinar ao trabalho, apontado pela ANDE-BRASIL. Uma equipe formada com alguns ou todos estes profissionais é capaz de ter uma visão mais global do praticante e, assim, vê-lo como um todo e assisti-lo globalmente (Ávila, 2001, p.3)

Por ser a equoterapia uma intervenção com estruturação e características próprias, considerarei um campo de investigação e atuação à parte ao abordado nesta pesquisa – cujo foco é o contato com animais de estimação: o cachorro.

### 1.3.2 Intervenções com participação de animais de estimação

O primeiro relato da participação de animais em intervenção terapêutica na sociedade ocidental contemporânea remonta ao final do século XVIII, na Inglaterra. O Retiro de York – instituição psiquiátrica que empregava métodos de tratamento considerados mais humanos para a época – mantinha diversos animais em seus pátios e jardins freqüentados por pacientes (Serpell, 2000). Sobre esse fenômeno sabe-se que o local continha:

um certo número de animais; tais como coelhos, gaivotas, falcões e aves domésticas. Essas criaturas eram geralmente muito familiares aos pacientes: e acredita-se que eles não apenas significavam um prazer inocente, mas que no intercâmbio com eles, algumas vezes tendia a despertar sentimentos sociais e benevolentes (Tuke, 1813 apud Serpell, 2000, p.12, tradução nossa)

Serpell (2000) acrescenta que no século XIX houve um grande crescimento da participação de animais nas instituições mentais da Inglaterra e demais países.

Quando os primeiros artigos científicos começaram a ser publicados, tal prática já não era tão rara. É assim que, em 1944, James Bossard publica um artigo sobre o papel dos animais domésticos na família, em especial para as crianças pequenas (Fine, 2000).

A partir da década de 60 o psicólogo norte-americano Boris M. Levinson publica uma série de artigos sobre as possibilidades de intervenções terapêuticas com uso de animais. Apresentando situações clínicas nas quais considerou a presença do animal fundamental no processo terapêutico.

Em seu primeiro artigo, “O cão como ‘co-terapeuta’” (1962), relata a primeira experiência psicoterapêutica com uso de animal:

Faz apenas oito anos desde que um garoto, tratado sem sucesso durante longo período de tempo, foi trazido a mim por pais desesperados. Por causa de sua criança apresentar aumentado grau de comprometimento, a hospitalização havia sido recomendada. Hesitei em aceitar o caso mas aceitei fazer a entrevista diagnóstica. Com sorte, os pais distraídos chegaram uma hora antes do horário agendado. Eu estava ocupado escrevendo e meu cão estava deitado no chão se lambendo. Recebi a família sem demora, esquecendo o cão, que correu até o garoto para lambê-lo.

Para minha surpresa, a criança não demonstrou medo, ao contrário, envolveu o cão e começou a acariciá-lo. Os pais queriam separá-los, mas assinali que deixassem a criança. Após um tempo a criança perguntou se o cão sempre brincava com as crianças que vinham ao meu consultório. Tranqüilizada diante de minha resposta afirmativa a criança manifestou o desejo de voltar e brincar com o cão. Alguém poderá adivinhar o que teria acontecido com a reação da criança se o cão não estivesse presente naquela manhã?

Por muitas sessões seguintes esta criança, aparentemente inconsciente de minha presença, brincava com o cão. Gradualmente, como um pouco da atenção eliciada pelo cão espalhou para mim, eu fui incluso na brincadeira. Fomos, lentamente, estabelecendo um bom relacionamento de trabalho e a eventual reabilitação deste jovem garoto (Levinson, 1962, p. 60, tradução nossa)

Essa experiência de Levinson pareceu tê-lo conduzido a uma releitura de sua prática profissional, em que modificou sua técnica permitindo maior liberdade de expressão ao paciente.

Para esse autor, a importância dos animais de estimação é psicológica ao invés de prática, assim, no contato entre crianças e animais, um cachorro leal poderia satisfazer a necessidade do dono por lealdade, confiança e obediência, tal como submissão. Dessa forma, Levinson considera que quando o ambiente falha em fornecer condições suficientes para o desenvolvimento da criança, a presença do animal poderia suprir tais necessidades emocionais. Essa idéia é explicitada na seguinte citação: “É da opinião deste autor que o maior entendimento das necessidades da criança por aconchego, amor e afeição, seja por animais ou seres humanos, levará a uma recuperação mais rápida em muitas crianças” (Ibid., 1962, p. 61, tradução nossa).

Desenvolveu, então, algumas idéias acerca da situação clínica (Ibid., 1962):

- pensa que, quando uma criança é trazida ao consultório do psicólogo, sua auto-avaliação é modificada, sentindo-se diferente dos outros, atípica. A presença do animal na primeira consulta facilitaria a formação do vínculo com o terapeuta, pois o animal não seria associado com atitudes críticas e julgamentos;
- haveria uma experiência enriquecedora de aceitação mútua entre criança e cachorro, em que o paciente poderia se identificar com o animal e perceber que aquele, mesmo transgredindo regras – pois urina, defeca, tem relação sexual em público - ainda assim é aceito e amado;
- nas situações em que criança tem medo de contatos humanos porque foi grandemente magoada, o animal poderia ser útil uma vez que não esteja associado à situação traumática. A criança permitiria ao cão aproximar-se, acariciando-o e contando-lhe sobre suas dificuldades. O cão não se apresentaria como uma ameaça e poderia satisfazer a necessidade de contato físico;

- percebe que crianças podem atribuir diferentes papéis aos cães: companhia, amigo, servo, admirador, confidente, brinquedo, parceiro, escravo, bode-expiatório, espelho, defensor;
- ao fazer uma correlação entre o animal e o inconsciente, o autor pensa que, quando há resistência dos pais da criança ao contato com o cão, isto indicaria que o animal desperta ansiedades escondidas e desejos inconscientes, os quais seriam sentidos como ameaçadores;

De acordo com Levinson, a relação da criança com o animal permitiria identificação num nível intermediário, diferentemente da relação entre duas pessoas e daquela com objetos inanimados. Nessa perspectiva, a criança sentiria intuitivamente que brinquedos não podem dividir sentimentos e ser verdadeiramente amados pois não são vivos, não digerem, não crescem e nem respondem. Afirma que “diferentemente de sua reação com a boneca, a criança pode conceber o animal como sendo parte dela mesma, parte de sua família que passa pelas mesmas experiências que ela” (Id., 1964, p. 224, tradução nossa). Portanto, a relação entre criança e animal teria a vantagem de proporcionar à criança a oportunidade de se expressar livremente e regredir sem medo de perder o objeto amado nem vivenciar culpa, pois o animal não seria sentido como ameaçador.

O mesmo autor define duas maneiras formas de intervenção com participação de animais de estimação (Id., 1964):

1. como aliados psicoterapêuticos, sendo “agentes catalisadores” na psicoterapia em consultório e;
2. colocados em lares de crianças “emocionalmente perturbadas” para restabelecer comunicação saudável entre os membros da família.

Na primeira situação, a maneira pela qual o paciente se aproxima do cão e com ele interage teria função diagnóstica e de comunicação, ao mesmo tempo em que supriria necessidades afetivas básicas. Esse processo, no entender do autor, é composto por três etapas: na primeira a criança se aproxima do cão acariciando-o,

desenvolvendo uma brincadeira imaginária à qual o cão se submete, excluindo o terapeuta da relação; no segundo estágio a criança designa papéis ao cão e inclui o terapeuta de forma periférica; e na terceira etapa não é mais necessário o uso do cão no processo terapêutico.

A introdução do animal na família da criança, segundo o autor, poderia trazer benefícios ao alterar a dinâmica familiar, possibilitando uma reorganização e a oportunidade de que a criança se sinta aceita e amada da mesma forma que o animal, aprendendo que, assim como seus pais, ela passa por inconveniências - sapatos mastigados, móveis mordidos - em consideração ao objeto amado. Aprenderia que pode dividir o objeto amado sem perdê-lo. O animal poderia servir como “pára-raio”, diminuindo a pressão dos pais sobre a criança. Levinson considera que a introdução de um animal de estimação em famílias com crianças pode enriquecer as relações e facilitar a promoção da saúde mental (Id., 1964).

O autor (1970) pensa que a sociedade enfrenta uma crise urbana na qual há perda do contato com a natureza e também com aspectos afetivos das relações humanas, em particular nas famílias. Pensa que os animais podem diminuir o que chama de alienação, substituindo a privação de afeto nas relações humanas – consideradas conflituosas - pelo contato com animais.

Ao tomar contato com os textos de Levinson, somos tomados pelo entusiasmo de seu pioneirismo e de suas contribuições. Uma vez que se propõe a refletir sobre o papel do animal na vida e na psicoterapia de crianças, evidenciando a maneira pela qual o enquadre da psicoterapia com crianças poderia abarcar a participação do cachorro. Todavia, penso que considerar a inserção do cão nos lares de crianças emocionalmente perturbadas como um fator promotor de melhora pode representar um desvio do lugar do psicólogo e também uma tentativa de substituição das relações humanas pelas com animais.

A série de estudos de Samuel e Elizabeth Corson (1980, apud Bergler, 1988) com uso de cães na psicoterapia em instituições psiquiátricas coloca importantes questões. Para um total de cinquenta pacientes altamente introvertidos, relutantes em estabelecer contato com pessoas, em alguns casos completamente isolados, e

que não respondiam ao tratamento convencional, foram introduzidos cães para interação. Apenas três casos não evoluíram, os demais quarenta e sete pacientes gradualmente foram desenvolvendo maior sentimento de auto-estima, desejo por independência e senso de responsabilidade. De acordo com os pesquisadores, estes sentimentos ficavam mais fortes conforme eles assumiam responsabilidades e cuidados pelos cães (Bergler, 1988). A apresentação da situação do adolescente Sonny ilustra essa vinculação com o cachorro:

Sonny era um paciente de 19 anos de idade que sofria de depressão psicótica e passava a maior parte do tempo na cama. A equipe da clínica tentou fazê-lo interessar-se por várias atividades, mas sem sucesso. Nada mantinha nenhum interesse para ele. Ele se recusava em participar da terapia ocupacional, nem em tomar parte na terapia de relaxamento ou sessões de terapia em grupo. Na terapia individual permanecia retraído e não mostrava nenhuma inclinação em se comunicar com os outros, enquanto a terapia comportamental também falhou em produzir algum resultado positivo. Também se tentou uso de medicamentos, mas sua condição não mostrou melhora. Por isso foi feita preparação para sessões de TCE (terapia de eletrochoque). Mas antes disto foi decidido tentar usar um cão no papel de co-terapeuta.

O paciente deitado na cama com sua costumeira pose rígida, como múmia. O psiquiatra sentado ao seu lado e falando com ele. Se a questão do psiquiatra era sobre outras pessoas ou o próprio Sonny, sua reação era invariavelmente muito lenta. Mas assim que as perguntas mudaram para o assunto cães (“Você gosta de cachorros?”) ou animais em geral, ele respondeu muito mais rapidamente. Além disso, as respostas de Sonny eram invariavelmente muito lentas, usualmente nada mais do que “sim”, “não” ou “eu não sei”. Ele não estava preparado para explicar ou elaborar ou fazer perguntas na sua vez. Mas quando o psiquiatra trouxe um fox terrier de pêlo duro para a cabeceira da cama de Sonny, ele sentou com total espontaneidade e teve um óbvio encanto no comportamento amigável do cão. Ele imediatamente ficou absorto no cachorro, afagando-o e falando com ele. Muito logo o paciente estava perguntando “Como posso manter o cão aqui por perto?” Assim que disse isso o cão saiu correndo para o hall. Sonny prontamente correu atrás do cão – o que foi uma total quebra no seu padrão de comportamento anterior. Seu comportamento dirigido a outras pessoas também se alterou a partir deste ponto. Sonny finalmente começou a notar outros pacientes e ele agora começava a freqüentar sessões de terapia em grupo. Quando foi dispensado da clínica, sua condição estava muito melhor. De acordo com o médico que o tratava, o cão foi o principal fator contribuinte para sua melhora (Bergler, 1988, p.42-43, tradução nossa)

Desta forma, esses autores consideram que o cachorro reúne características específicas que o tornam apto para interagir com pacientes: sua prontidão em oferecer afeto e contato tátil em todos os momentos e situações, aliada à confiança despertada pelo cão. Tais características provocariam uma resposta recíproca da pessoa em interação, havendo investimento e sentimento de responsabilidade. A comunicação não-verbal, no entender desses autores, é a ferramenta terapêutica da

relação entre pessoas e animais; defendem que a comunicação não-verbal entre as pessoas pode não estar de acordo com sua comunicação verbal, influenciando de forma negativa na relação terapeuta-paciente. Diferentemente, a comunicação entre pessoas e animais, e particularmente o cão, ocorre de maneira direta e sem interferências de racionalização e intenções não explícitas. Isto favoreceria a inclusão do cão como parte das fantasias infantis, gerando maior confiança em si e no ambiente, diminuindo tendências de desconfiança e isolamento. O paciente estaria mais receptivo a receber afeto dos cães do que dos humanos, melhorando a sua auto-estima e a consciência de suas limitações e comportamentos. (Corson, 1980, apud Bergler, 1988).

Analisando a experiência clínica destes autores, podemos supor que, para eles, o animal pode atuar como um recurso de contato e comunicação com o paciente, inserindo essa relação no contexto terapêutico mais amplo oferecido pela instituição psiquiátrica.

Situações clínicas com pacientes psiquiátricos também ocorreram no Brasil, nas décadas de 50 e 60: Nise da Silveira, psiquiatra junguiana brasileira, percebeu com sensibilidade a facilidade com que pacientes esquizofrênicos se vinculavam aos cães.

Em seu pioneiro trabalho com esquizofrênicos, Nise desenvolveu o conceito de Afeto Catalisador, que consiste na constância e no comportamento não invasivo de um co-terapeuta humano que se faz presente junto ao paciente nas oficinas de terapêutica ocupacional, de forma que o esquizofrênico encontre um ponto de apoio seguro a partir do qual se organizar. Após ilustrar exemplos de co-terapeutas humanos, afirma “excelentes são os catalisadores não-humanos” (Silveira, 1981, p.81). Afirma que o animal “reúne qualidades que o fazem muito apto a tornar-se um ponto de referência estável no mundo externo”, facilitando a retomada de contato com a realidade (Ibid., p. 81).

Esta história começa assim: foi encontrada uma cadelinha abandonada e faminta no terreno do Centro Psiquiátrico Pedro II (RJ), Nise tomou-a nas mãos, olhou atentamente para o internado Sr. Alfredo que se aproximava e perguntou: “Você

aceita tomar conta desta cadelinha, com muito cuidado?” Com a resposta afirmativa do paciente, a psiquiatra deu o nome à cachorrinha de Caralâmpia (personagem de Graciliano Ramos inspirada em Nise da Silveira em *A Terra dos Meninos Pelados*). A autora acrescenta que os resultados terapêuticos dessa parceria foram excelentes (Id., 1992).

Refere casos em que ocorreram relações afetivas entre pacientes e animais. Abelardo, paciente temido por sua irritabilidade e força física, tomava conta de alguns cães e gatos, mostrando-se capaz de cuidar e investir afeto. No caso de Djanira, paciente com negativismo e mutismo, sua capacidade criativa como pianista foi retomada através da relação com os bichos (Id., 1981).

Também observou que as relações com animais despertavam os mais diferentes sentimentos: “Nem sempre, portanto, são de amor as relações do doente com os animais. Estes recebem também projeções de certos conteúdos do inconsciente que os tornam alvos de ódio ou temor excessivo” (Ibid., 1981, p.83).

Há um caso, no entanto, que merece destaque, no qual Nise afirma “Sem nenhum exagero, pode-se dizer que os terapeutas de Carlos foram os cães Sultão e Sertanejo. A posição de co-terapeutas coube ao médico e aos monitores” (Silveira, 1981, loc. cit.). Pela riqueza de detalhes e sensibilidade na apreensão do envolvimento emocional de Carlos, o relato será apresentado na íntegra.

A expressão verbal de Carlos era praticamente ininteligível. As palavras fluíam em abundância, freqüentemente pronunciadas com veemência, mas não se ordenavam em proposições de significação apreensível. O grande número de neologismos tornava ainda mais difícil a compreensão de sua linguagem. O caminho para o entendimento com Carlos fez-se por intermédio do animal.

Do relatório da monitora Elza Tavares, em 10 de março de 1961: “Carlos, chegando perto de um de nossos cães, o Sultão, abaixou-se e, de cócoras, falou carinhosamente e com nitidez: ‘Você é muito bonito e valente, tens uma orelhinha cortada, isto é prova de bravura, eu também sou valente, sou *‘nonai’*. E durante longo tempo acariciou o focinho do cão”. Estava decifrado um dos neologismos muito empregados por Carlos: *Nonai* significava *valente*.

O relacionamento afetivo de Carlos com Sultão foi acompanhado por mim e pelos monitores. O doente, durante anos absorvido no seu mundo interno, agora cuidava da alimentação de Sultão, banhava-o, penteava-o. Mas aconteceu o pior: no dia 16 de setembro de 1961 Sultão foi morto por envenenamento. Com a perda daquele ponto

de referência no mundo externo, investido de muito afeto, Carlos regrediu, tornou-se ainda mais inacessível. Que confiança lhe poderiam merecer os seres humanos?

Só dois anos depois Carlos ligou-se a outro cão: Sertanejo. Os monitores informavam-me que em assuntos referentes aos animais Carlos exprimia-se em frases gramaticalmente construídas. O psicólogo Paulo Roberto relata: “Carlos continua fazendo de Sertanejo seu confidente. Disse-nos que conversa com o Sertanejo como as demais pessoas falam quando conversam no telefone. Colabora espontaneamente com a monitora Nazareth na limpeza do local onde dormem os animais e dando banhos nos cães aos sábados”.

No dia 27 de agosto de 1965, logo que cheguei ao hospital, Carlos me disse: “Quero dinheiro para despesas de Sertanejo”. Perguntei espantada: “Que despesas?”, e Carlos respondeu: “Água oxigenada, mercúrio cromo, gaze”. Sertanejo havia ferido uma das patas. Carlos fez as compras na farmácia próxima, trouxe o troco certo do dinheiro que lhe dei, e com perícia fez o curativo na pata de Sertanejo.

Desde que existia polarização intensa de afeto dirigida pelo desejo de socorrer o amigo, tornava-se possível retomar a linguagem verbal ordinária nem que fosse por momentos. Sob ação do afeto, os laços frouxos do pensamento apertaram-se, permitindo comunicação com a exata pessoa que poderia ajudar.

Carlos e Sertanejo eram amigos inseparáveis. O cão, sem coleira e guia, acompanhava Carlos em longas caminhadas pelos arredores do hospital, à igreja da paróquia, ao cemitério. (Silveira, 1981, p.83-85)

A história de Carlos nos revela o quão significativa pode ser a relação estabelecida entre pessoas e animais: de algum modo, o cachorro não era vivido na subjetividade de Carlos como um elemento ameaçador, muito pelo contrário, era fonte de investimento afetivo e cuidado, configurando-se como um elo de ligação entre as realidades interna e externa.

Os relatos clínicos e as reflexões trazidas por Levinson, Samuel e Elizabeth Corson e Nise da Silveira inauguram um novo campo de investigação: as intervenções com participação de animais. Campo este que abarca os saberes da Psicologia, Etologia, Antropologia, Estudos Sociais, Medicina Veterinária e outros. Nas décadas de 80 ouve um crescente interesse por este campo de estudo, mas foi na década de 90 e na atual que as pesquisas cresceram significativamente, principalmente nas instituições de pesquisa dos Estados Unidos e da Grã-Bretanha. Destacaremos as pesquisas de maior relevância para a compreensão do presente estudo.

O estudo conduzido por Redefer e Goodmann (1989) também evidencia a possibilidade do contato com animais ampliar a capacidade de contato com outros

elementos do mundo externo através do estudo do cachorro como um componente na terapia com crianças autistas. Seus achados sugerem que estas crianças apresentavam menos comportamentos autísticos quando em companhia do cão, possibilitando uma maior interação com a terapeuta e o ambiente. Esses autores consideram que “Não foi o cachorro sozinho que criou a mudança” (p.464, tradução nossa), e contextualizam a participação do animal de acordo com a conduta profissional adotada.

A pesquisa *Animais em Sala de Aula: um estudo das repercussões psicossociais da intervenção mediada por animais*, de Ceres Faraco (2003), traz outras contribuições ao tema. Nela, a autora investiga a participação de diferentes animais em sala de aula e sua interferência no grupo de alunos, ocorridas ao longo de oito semanas. Os animais eleitos para tal intervenção foram: coelho, rato, gerbil, cachorro, tartaruga, cágado, calopsita, pombo, gato, camundongo e porco da Índia. Refletindo sobre a experiência vivida junto aos alunos, Faraco situa essa intervenção

como uma possível ferramenta de auxílio, para evidenciar habilidades e modificar comportamentos em grupos infantis, especialmente no que diz respeito ao interesse demonstrado pelas tarefas, a comunicação entre os membros do grupo, a cooperação, sua dedicação e atenção à tarefa proposta e o espírito de iniciativa (p.117)

Continuando as considerações, a autora salienta o contexto no qual a interação aconteceu, sendo priorizadas as relações entre as crianças e os animais “mobilizando seus sentimentos, em lugar de simplesmente ocorrer a passagem de material informativo” (Ibid., p.118). Destaca que as crianças traziam informações sobre os animais, tendo a oportunidade de ensinar e aprender “numa dinâmica da construção do saber em que todos tinham algo a contribuir e que partia da experiência de vida” (Faraco, 2003, loc. cit.)

Importante contribuição é encontrada no artigo *C(ã)o-terapeutas: o enquadre a serviço do método na análise de uma adolescente*, da psicanalista Marion Minerbo (2002). Ao definir seu trabalho, a autora afirma que “este é o relato de análise que só foi possível quando meus cães passaram a fazer parte do campo transferencial” (p. 12). Escreve o caso dividindo-o em A.C e D.C., ou seja, antes e depois do cão. Discutirei seu trabalho mais adiante.

### 1.3.3 Algumas nomenclaturas e definições atuais

Diferentes termos já foram usados para nomear as intervenções com uso de animais: já em 1964, B. Levinson as definiu como *pet therapy* (terapia com animal de estimação), depois adotou o nome *pet psychotherapy* (psicoterapia com animal de estimação) delimitando a área de atuação do psicólogo. Posteriormente foram surgindo outros termos: *Human/companion animal therapy* (terapia humano/animal de companhia), *Animal Facilitated Therapy* (terapia facilitada pelo animal), *zootherapy* (zooterapia). Esses termos geravam confusão pois não havia definição clara sobre eles, cada pessoa os usava com um sentido. Por exemplo: *pet therapy* pode referir-se tanto a terapias desenvolvidas por profissionais de saúde com seus pacientes fazendo uso do contato com animais, quanto a programas de visitas a instituições no qual o dono e seu cão interagem com a população atendida.

Atualmente as intervenções com participação de animais são denominadas: *Animal Assisted Activity (AAA)*, termo traduzido no Brasil por Atividade Mediada por Animais ou Atividade Assistida por Animais (AAA) e *Animal Assisted Therapy (AAT)*, traduzida por Terapia Mediada por Animais ou Terapia Assistida por Animais (TAA). A *Delta Society*, entidade dos Estados Unidos que regulamenta os programas com uso de animais, assim define:

A Atividade Assistida por Animais promove oportunidades para benefícios motivacionais, educacionais, recreacionais e/ou terapêuticos para melhorar a qualidade de vida. A AAA é realizada numa variedade de ambientes por profissionais, paraprofissionais e/ou voluntários especialmente treinados, em associação com animais que obedecem critérios específicos ([www.deltasociety.org/aboutaaat.htm](http://www.deltasociety.org/aboutaaat.htm), tradução nossa)

e

A Terapia Assistida por Animais é uma intervenção com objetivos definidos na qual um animal que obedece a critério específico é parte integral do processo de tratamento. A

TAA é dirigida ou realizada por profissionais de saúde/serviços humanos com experiência especializada e no âmbito de sua prática profissional.

A TAA tem o propósito de melhorar o funcionamento físico, social, emocional e/ou cognitivo humano (funcionamento cognitivo refere-se as habilidades de pensamento e intelectual). A TAA é promovida numa variedade de ambientes e pode ser de natureza grupal ou individual. Este processo é documentado e avaliado ([www.deltasociety.org/aboutaaat.htm](http://www.deltasociety.org/aboutaaat.htm), tradução nossa)

Como afirmei acima, essas definições foram criadas para fazer distinção entre os diferentes tipos de intervenção. Os termos anteriormente empregados não davam conta da diferenciação entre um *setting* de terapia e uma atividade para promover o desenvolvimento humano. Embora não haja ainda uma definição sobre a intervenção pedagógica, esta tem sido comumente chamada de Educação Assistida por Animais e suas idéias principais se encontram na Declaração do Rio, elaborada pela *International Association of Human-Animal Interaction Organizations* (IAHAIO -Associação Internacional das Organizações de Interação Homem-Animal, ver Anexo B).

A partir do desenvolvimento de pesquisas sobre as práticas de intervenções com uso de animais ocorrido na década de 90, as Conferências Internacionais Sobre Interação Homem-Animal, promovidas a cada 3 anos pela IAHAIO – definiram três resoluções acerca do direito da posse de animais, das intervenções com uso de animais definindo condições em que estas devem ocorrer, e também sobre os programas de animais de estimação em escolas. O texto integral e original das declarações encontra-se no Anexo B.

No Brasil, depois da experiência de Nise da Silveira, na década de 60, em hospitais psiquiátricos, os relatos encontrados apontam para o surgimento de iniciativas isoladas de intervenções com uso de animais em meados dos anos 90. Essas iniciativas eram feitas, em grande parte, por profissionais da área de saúde e comportamento animal e por alguns profissionais de saúde e educação humana. A partir de 2000, alguns grupos se constituíram como entidades do Terceiro Setor (ONGs), prestando serviços de visitas e atendimentos terapêuticos e / ou

educacionais a diferentes populações: crianças, adolescentes, idosos, pessoas com deficiência, pessoas hospitalizadas, alunos de ensino fundamental etc. Embora a prática da AAA e da TAA esteja aumentando, as pesquisas científicas se apresentam como um campo a ser trilhado por estudiosos de diferentes áreas em nosso país.

## **CAPÍTULO 2: DE ONDE PARTE O OLHAR**

A literatura sobre as interações entre pessoas e animais é, como vimos, relativamente recente, reunindo pesquisadores de variadas áreas do conhecimento. Esses trazem contribuições a partir de diferentes enfoques teóricos e metodológicos, configurando-se, assim, tais interações, como um campo interdisciplinar. Tal característica foi evidenciada na obra editada por Aubrey Fine (2000) – professor da School of Education and Integrative Studies da California State Polytechnic University – intitulada *Handbook on Animal Assisted-Therapy: theoretical foundations and guidelines for practice*, onde estão reunidos textos de pesquisadores das áreas de medicina, enfermagem, antropologia, medicina veterinária, psicologia, serviço social, pedagogia e etologia. Reconhecemos a importância dessas contribuições por buscarmos uma integração no estudo das interações entre humanos e animais. Ao analisar o percurso histórico das pesquisas nesse campo, Fine, amparado por uma pesquisa realizada por Beck e Katcher, 1984 (apud Fine, 2000), considera que os estudos até então realizados por Levinson e outros pioneiros “eram baseados em observações e estudos de caso ao invés de experimentos delineados” (tradução nossa, p.xxxix). Os autores Beck e Katcher colocam que essas pesquisas traziam evidências que justificavam uma exploração científica séria da habilidade dos animais em facilitar terapias convencionais, porém não demonstravam o efeito terapêutico dos animais. A partir dessa leitura, eles consideraram de valor científico estudos realizados com grupos de controle e mensurações dos benefícios da interação, juntamente a um número de sujeitos estatisticamente significativos. Desde então há um predomínio de pesquisas experimentais que, a meu ver, apesar das interessantes contribuições, deixa de lançar um olhar para a compreensão do acontecer humano envolvido nessas interações, o que gera explicações por vezes parciais e biologizantes. Uma análise dessas pesquisas sugere que, ao delinearem os estudos de forma quantitativa e com controle de variáveis, as conclusões levantadas tendem a atribuir ao animal um valor terapêutico em si, como podemos visualizar na seguinte passagem de um artigo de Martin e Farnum (2002)

Os animais, ao que parece, podem ter a habilidade de promover tanto o bem-estar fisiológico quanto o psicológico. A literatura existente também indica que animais podem ser particularmente adequados para crianças, sugerindo que animais são cruciais no desenvolvimento social (Triebenbacher, 2000) e cognitivo da criança (Melson, 2000) (p.658, tradução nossa)

O trecho acima, de meu ponto de vista, é representativo de grande parte das pesquisas desenvolvidas nesse campo, que parecem, ao buscar uma padronização da conduta humana e uma diminuição sintomática, desconsiderar a experiência emocional dos indivíduos que vivenciam tal experiência.

Como afirmamos anteriormente, essas pesquisas trazem contribuições ao estudo do tema, entretanto encontram algumas limitações na compreensão do fenômeno humano ali presente. E talvez outras perspectivas teóricas possam ser usadas a fim de ampliar o entendimento da presença de animais em intervenções com pessoas. Considero que a psicanálise pode lançar um outro olhar para tal fenômeno. Vaisberg (2004), ao analisar as contribuições que a psicanálise trouxe, parte da tese politzeriana de que o pressuposto revolucionário e transformador dessa é a crença de que toda e qualquer conduta humana tem sentido e pertence ao acontecer humano, por mais louca, estranha ou incompreensível que possa parecer: “dizer que toda manifestação humana está dotada de sentido significa dizer que faz parte, inevitavelmente, do acontecer humano” ( Vaisberg, 2004, p.90)

E é inserida nessa perspectiva que a narrativa dos encontros entre os adolescentes com síndrome de Down e cães, sustentada pelos profissionais ali presentes, fornece subsídios para, por meio de elaborações teóricas, lançar outros entendimentos a respeito desta experiência humana. Para tanto encontramos na psicanálise de D.W. Winnicott fértil interlocução, uma vez que os fenômenos e acontecimentos humanos inserem-se na trajetória singular do sujeito e de seu desenvolvimento, ganhando um sentido próprio. A seguir, algumas das contribuições psicanalíticas serão abordadas, a fim de situar o lugar teórico de onde parte este trabalho de pesquisa.

## 2.1 WINNICOTT E O DESENVOLVIMENTO EMOCIONAL

Winnicott foi psicanalista e pediatra, membro da Escola Inglesa de Psicanálise, preocupado com a compreensão da natureza humana. Investigou, através de

intensa atividade clínica, a maneira pela qual o ser humano se desenvolve, tornando-se um indivíduo total em relação a pessoas totais. Para tanto, debruçou seu olhar nas primeiras relações do indivíduo com o meio e elaborou conceitos originais trazendo profundas compreensões a respeito do processo de amadurecimento que o indivíduo atravessa:

Parece-me adequado examinar a natureza humana através do estudo da criança. Mesmo que, quando saudável, o adulto continue a crescer, desenvolver-se e mudar até o instante de sua morte, existe uma constante já visível na criança e que persiste até o fim, assim como o rosto de uma pessoa permanece reconhecível ao longo de toda a sua vida (Winnicott, 1990, p.25)

Dessa forma, o pensamento winnicottiano tem sua atenção voltada para as primeiras interações entre bebê e o ambiente, e seus desdobramentos posteriores, a fim de buscar compreensão da constituição do *self* no indivíduo e sua relação com o mundo. Ao pensar a natureza humana, Winnicott (1963) considera que o indivíduo caminha da dependência absoluta para a dependência relativa e, desta, rumo à independência.

Nos estágios mais primitivos do desenvolvimento, o bebê vivencia a dependência absoluta, quando a base para sua existência e desenvolvimento como indivíduo relaciona-se às provisões oriundas do ambiente, que num primeiro momento é a mãe (ou alguém capaz de desempenhar sua função). Ao nascer o bebê possui um soma - com características anatômicas e fisiológicas - e um potencial herdado - uma tendência a continuar a existir e a integrar-se no tempo e no espaço. E é a partir das experiências iniciais de continuar a ser, que o potencial herdado vai adquirindo uma realidade psíquica pessoal e um esquema corporal. A este respeito, Winnicott (1949) escreve

Vamos partir do princípio de que o desenvolvimento inicial do indivíduo implica num *continuar a ser*. O psicossoma inicial prossegue ao longo de uma certa linha de desenvolvimento, desde que esse *continuar a ser não seja perturbado*. Por outras palavras, para que ocorra o desenvolvimento saudável do psicossoma inicial é necessário um ambiente *perfeito*. No início esta necessidade é absoluta. (p.334).

O ambiente perfeito é aquele que se adapta ativamente às necessidades do lactente. Dessa maneira, quando o ambiente deixa de se adaptar transforma-se

numa intrusão à qual o bebê terá de reagir, perturbando ou até trazendo rupturas na *continuidade do ser*. Podendo trazer distorções mais ou menos profundas na constituição do *self*.

Os cuidados voltados ao bebê, no início físicos, são realizados pela mãe com naturalidade quando é alcançado um estado de sensibilidade exacerbada tornando-a capaz de identificar-se com seu bebê. Vale dizer que nem todas as mães conseguem alcançar tal estado, ou conseguem com um filho e outro não. Mas quando a preocupação materna primária é alcançada, a atenção da mãe está tão voltada ao seu bebê que ela é capaz de excluir quaisquer outros interesses, de forma normal e temporária (Id., 1956). É o que Winnicott denomina mãe suficientemente boa. A este respeito, Safra (1999) faz uma interessante análise de que o encontro do corpo da criança com o corpo da mãe é um encontro com os ancestrais, pois o corpo materno “carrega traços daqueles que foram significativos na história da mãe e também a tradição sociocultural do grupo étnico ao qual ela pertence” (p.102); assim, ao pensar na mãe suficientemente boa, este autor evidencia a complexidade de tal fenômeno, demandando uma leitura histórica.

Portanto, nos estágios iniciais, o bebê e o cuidado materno “pertencem um ao outro e não podem ser separados” (Winnicott, 1960, p.40), juntos, formam uma unidade. E é através das funções maternas de *holding*, *handling* e apresentação de mundo que o bebê poderá realizar suas tarefas de integração, personalização e realização.

Winnicott (1945) revela que, de um lado, o bebê tem impulsos instintivos e idéias predatórias, e, de outro lado, a mãe tem o seio, o poder de produzir leite e a idéia de que gostaria de ser atacada por um bebê faminto. “Estes dois fenômenos não estabelecem uma relação entre si até que a mãe e o bebê *vivam juntos uma experiência*” (p.227). É como se duas linhas, oriundas de direções opostas, se encontrassem e aproximassem: “Se elas se superpõem, ocorre um *momento de ilusão*” (Winnicott, 1945, loc. cit.). Ilusão de que o seio da mãe faz parte do bebê e está sob seu controle mágico, vivendo a experiência da onipotência. “A mãe coloca o seio real exatamente onde o bebê está pronto para criá-lo, e no momento exato” (Winnicott, 1975, p.26). Nesse processo o seio é criado repetidas vezes pelo bebê,

configurando-se (do ponto de vista de um observador externo) como o primeiro contato com a realidade externa e (do ponto de vista do bebê) a criação dos objetos subjetivos. A mãe apresenta um objeto ao bebê de maneira a não violar a experiência da onipotência, "o resultado pode ser que o bebê seja capaz de usar o objeto e sentir-se como se esse objeto fosse um objeto subjetivo, criado por ele" (Ibid., p.154). Essas experiências primitivas configuram-se como elaborações imaginativas das funções corporais, que são a base do psiquismo do bebê.

Quando, a partir da adaptação da mãe às necessidades do bebê, a experiência de onipotência e criação de objetos subjetivos é vivenciada pelo bebê, seu processo de desenvolvimento não é distorcido e ele está pronto para experimentar e usar as falhas graduais desta mesma adaptação. Se na dependência absoluta o bebê não tem capacidade de tomar consciência do ambiente, podendo apenas estar em condições de beneficiar-se ou sofrer distúrbios, no momento seguinte, o da dependência relativa, ele pode tomar consciência de alguns detalhes do cuidado materno. É nesse momento que começa a saber em sua mente que a mãe é necessária. Aqui encontramos o começo da compreensão intelectual que, segundo Winnicott (1963), capacita o bebê a esperar até ser atendido, ou seja, o bebê traz uma crescente capacidade de aquilatar o fracasso da adaptação e tolerar os resultados da frustração (Id., 1975)

*Se tudo corre bem, o bebê pode, na realidade, vir a lucrar com a experiência da frustração, já que a adaptação incompleta à necessidade torna reais os objetos, o que equivale a dizer, tão odiados quanto amados. (p.25)*

Como já vimos, a experiência de onipotência permite a criação dos objetos subjetivos e da ilusão da onipotência entre o bebê e sua mãe. Com as frustrações, começa a surgir uma separação entre a mãe e o bebê onde pode emergir um espaço, uma terceira área da experiência, uma área neutra, de relaxamento, para a qual contribuem tanto a realidade interna quanto a externa. É no espaço potencial entre mãe e bebê que os objetos e fenômenos transicionais são experimentados e o bebê passa do controle onipotente para o controle pela manipulação. O objeto transicional, sendo a primeira possessão 'não-eu', abre caminho para o início do relacionamento entre a criança e o mundo. Não é o objeto em si, segundo Winnicott (1975), que é transicional, pois ele representa a transição do bebê de um estado de

fusão com a mãe para um estado em que se relaciona com ela como algo separado e externo a si mesmo. A este respeito, Safra (1999) coloca que é o uso do objeto transicional que possibilita, através da capacidade criativa da criança, a construção de um mundo com o outro, onde o *self* possa existir como si mesmo.

A criatividade relaciona-se ao estar vivo no mundo e sua utilização depende de uma provisão ambiental suficientemente boa. Dessa forma, a liberdade de criação encontra fruição, na criança e no adulto, através do brincar. Em *O Brincar: uma exposição teórica*, Winnicott (1975) descreve uma seqüência de relacionamentos sobre o processo de desenvolvimento e a localização do brincar:

- A. “O bebê e o objeto estão fundidos um no outro” (Winnicott, 1975, p.70 et seq.): os objetos são subjetivos e a mãe atende ao bebê tornando concreto aquilo que ele está pronto para encontrar (criar).
- B. “O objeto é repudiado, aceito de novo e objetivamente percebido”: tal processo depende da capacidade da figura materna de participar e devolver aquilo que foi abandonado pelo bebê, permitindo a este certa experiência de onipotência (controle mágico). “A confiança na mãe cria aqui um *playground* intermediário, onde a idéia da magia se origina”; é onde começa a brincadeira, o espaço potencial.
- C. “O estágio seguinte é ficar sozinho na presença de alguém”: a criança brinca tendo por base que a pessoa a quem ama, que lhe fornece segurança e confiança, está e é disponível quando é lembrada, após ter sido esquecida. “Essa pessoa é sentida como se refletisse de volta o que acontece no brincar”
- D. A criança torna-se pronta para “permitir e fruir uma superposição de duas áreas do brincar”: naturalmente, a mãe é quem primeiro brinca, sendo cuidadosa para adaptar-se à atividade lúdica da criança.

Winnicott (1975) nos lembra que “É no brincar, e somente no brincar, que o indivíduo, criança ou adulto, pode ser criativo e utilizar sua personalidade integral: e é somente sendo criativo que o indivíduo descobre o eu (*self*)” (Ibid., p.80).

A transicionalidade abre espaço para o relacionamento com o mundo, as pessoas e os objetos nele contidos. Com o processo de amadurecimento os fenômenos transicionais tornam-se difusos, estendendo-se os campos cultural, religioso e artístico (Winnicott, 1975). A experiência do bebê em termos de objetos e fenômenos transicionais é tornada possível graças à ilusão de onipotência vivida por ele e a um ambiente suficientemente bom fornecido pela mãe. Como vimos, os objetos e fenômenos transicionais situam-se entre a criação de objetos subjetivos e a percepção dos objetos objetivamente percebidos, ou seja, entre o mundo interno e a realidade externa. O que muda não é o objeto em si, mas a maneira do bebê se relacionar. Então a criança pode tornar-se apta a colocar o objeto fora da área de controle onipotente, tornando reais os objetos como fenômenos externos e não mais, apenas, como objeto subjetivo: “na verdade o reconhecimento do objeto como entidade por seu próprio direito” (Ibid., p.125). Paradoxalmente, de acordo com o autor, é a destruição do objeto e de sua sobrevivência que o coloca fora do controle onipotente e o sujeito pode, então, *usar* o objeto. Dessa maneira a percepção da realidade externa tem início na vida do bebê, somando aos progressos até aqui alcançados em termos de integração, personalização e realização.

Nesse ponto do desenvolvimento do indivíduo - em que o processo de amadurecimento aponta para a constituição de um eu integrado, e ao mundo povoado pelos objetos subjetivos e transicionais, ao qual vão somar-se os objetos objetivamente percebidos – a vivência satisfatória de estados anteriores permite à criança defrontar-se com o mundo e sua complexidade. No “rumo à independência”, o ser humano se torna capaz, gradativamente, de se identificar com a sociedade sem grande sacrifício da espontaneidade pessoal. O indivíduo encontra meios de viver sem cuidado real, pois tem recordações do cuidado materno, da projeção de necessidades pessoais, introjeção de detalhes do cuidado e desenvolvimento da confiança no meio (Id., 1960). No entanto, Winnicott (1963) nos lembra que a independência nunca é absoluta, uma vez que o indivíduo normal não vive em isolamento, mas sim relacionado ao ambiente de maneira interdependente.

## 2.2 DESENVOLVIMENTO E SÍNDROME DE DOWN

Amiralian (1997a) evidencia que, embora Winnicott não tenha dedicado seus estudos à área da deficiência, sua compreensão sobre o desenvolvimento emocional pode ampliar a reflexão sobre as implicações que lesões, alterações orgânicas ou funcionais podem causar ao desenvolvimento humano. Ao lançar um olhar winnicottiano para a questão da deficiência e suas vicissitudes, Amiralian (1997a) destaca alguns fatores vitais na constituição do bebê como um indivíduo. Ao pensar na preocupação materna primária e no estado de sensibilidade exacerbada da mãe, o qual a torna capaz de se devotar ao bebê, a autora revela que alguns desencontros podem ocorrer:

A mãe, que nesse momento já está fragilizada por um estado de sensibilidade aumentada, tem que se haver com a deficiência do filho que fará ressurgir uma gama de emoções e afetos relacionados à sua significação de deficiência. Além disso, terá muitas dificuldades em compreender as necessidades de um filho deficiente. Dificuldades que irão interferir e, mesmo, em alguns momentos, impedir a realização de seu papel de 'mãe devotada comum' (p.98)

Fedidá (1984) mostrou o quanto a percepção da deficiência no outro pode levar à vivência das próprias angústias de castração e desmoronamento, fazendo surgir a catástrofe sofrida pelo deficiente como algo que pode acontecer a qualquer um.

Neste sentido, além da mãe de um bebê com deficiência lidar com a grande tarefa de cuidar de seu filho, com o qual ela pode não conseguir identificar-se e cujas respostas incomuns ela pode não compreender (Amiralian, 1997a), a mãe e a família passarão por um processo de luto pela perda do filho desejado, voltando as energias para si mesmas a fim de organizar uma estrutura ou defesa emocional diante da situação vivida.

Concordo com Amiralian (2003) ao compreender a deficiência congênita como uma condição estruturante da pessoa, pois seu soma, seu potencial herdado e a provisão ambiental fornecerão as bases para a realização, ou não, de seu vir-a-ser. Sendo assim, a deficiência não é um detalhe na vida da pessoa, bem como não é a resposta de todas as vicissitudes experimentadas pelo sujeito: "Ao déficit físico ou

funcional, somam-se as vivências advindas das interações permeadas pela condição de deficiência e de seu significado para o ambiente que o circunda” (Amiralian, 2003, p.102).

Juntamente à vivência emocional dos pais diante deste bebê e dos possíveis desencontros entre as necessidades do bebê e aquilo que o ambiente é capaz de prover, as crianças síndrome de Down reúnem algumas características somáticas – experimentadas por cada sujeito de maneira diferenciada – que Coriat e Jerusalinsky (1983) descrevem ao se referir sobre o desenvolvimento dessas crianças. Os autores fundamentam o entendimento do desenvolvimento cognitivo a partir das importantes contribuições de Piaget e Inhelder para esse campo.

Coriat e Jerusalinsky (1983) apontam que uma das características mais comuns à síndrome de Down é a deficiência mental. Já no desenvolvimento inicial desses bebês, no primeiro subestádio do período sensório-motor, estão presentes a oclusão das estruturas cognitivas e a viscosidade do pensamento:

1. a oclusão das estruturas cognitivas consiste num “fechamento rígido, prematuro e/ou permanente de uma certa estrutura cognitiva impedindo a entrada de percepções perturbadoras no sistema” (Coriat e Jerusalinsky, 1983, tradução nossa, p.4). As perturbações teriam um caráter progressivo, uma vez que causariam desequilíbrio do pensamento e o movimentariam em busca do reequilíbrio num sistema capaz de abarcar aquela percepção.
2. a viscosidade do pensamento - importante conceito desenvolvido por Inhelder após cuidadoso estudo - relaciona-se a uma falta de mobilidade do sistema cognitivo, dificultando a tomada de consciência de uma contradição, negando sua entrada e, assim, encontrando lentidão em alcançar maiores níveis de complexidade lógica e, em certa altura, até fechando o sistema num certo nível de complexidade (Coriat e Jerusalinsky, 1983). Amiralian (1995) ressalta que a viscosidade de pensamento que ocasiona lentidão no processo de desenvolvimento impede um desprendimento de formas anteriores de pensamento na passagem para outra forma de raciocínio, levando à coexistência de duas formas de raciocínio desintegradas entre si. “Porém,

apesar do estancamento em alcançar maiores níveis de complexidade lógica, resultam as possíveis ampliações do conhecimento em forma horizontal: ou seja, maior diversidade e quantidade de conhecimento dentro do mesmo ‘plateau’ de complexidade” (Coriat e Jerusalinsky, 1983, tradução nossa, p.4). A oferta de um ambiente cuja dificuldade seja aceitar este sujeito com deficiência, somada às peculiaridades orgânicas, pode reforçar a viscosidade de seu pensamento, aumentando a lentidão dos processos cognitivos.

Os autores também salientam os efeitos da hipotonia geral, presente em 80% dos casos: “os bebês mais hipotônicos tendem a apresentar maiores dificuldades em seu desenvolvimento cognitivo” (Ibid., p.6, tradução nossa). Apontam que a hipotonia diminui a atividade global e espontânea, afetando as já frágeis manifestações da atividade reflexa, conduzindo para uma tendência à quietude, com pouca receptividade de estímulos exteriores. Sendo assim, a hipotonia reduziria a probabilidade de encontros entre diferentes atividades sensório-motoras, afetando a coerência interna da articulação dos esquemas de ação.

Diante destas condições de desenvolvimento, Coriat e Jesusalinsky (1983), partindo de uma concepção de sujeito ancorada, no sentido cognitivo, em Jean Piaget e, no sentido psicológico, em Jacques Lacan, ressaltam a importância do atendimento precoce a esta população, buscando uma terapêutica comprometida com a construção do sujeito. Escrevem:

A clínica demonstra que a unificação da imagem de si através do outro é condição prévia da construção de um espaço totalizando o corpo e sua correlativa extensão no entorno perceptível, a saber: o espaço subjetivo (tradução nossa, p.9)

Em outro texto, *Psicanálise e Deficiência Mental*, Jerusalinsky (1988) questiona a postura educativa diante das pessoas com deficiência mental e sugere um abandono do “*furor docenti*” – um impulso desmedido de ensinar incessantemente – a fim de “inscrever o sujeito para além de sua impossibilidade” (p.74).

Assim, retornamos a Amiralian (1997b) que, ao refletir sobre as relações dos psicólogos diante das pessoas com deficiência, destaca três fenômenos que podem interferir no atendimento a essa população. São eles:

- 1) a Transferência e a Contratransferência – partindo do conceito freudiano de transferência e do winnicottiano de contratransferência, a autora coloca que a subjetividade do profissional pode ser um fator de risco mas também pode ser um elemento facilitador do processo terapêutico. Dessa forma, no atendimento a uma pessoa com deficiência ele pode ficar num interjogo de sentimentos de incapacidade e fracasso relacionado à deficiência, ou então reagir defensivamente através de *acting out*, ambas as atitudes prejudicando a relação terapêutica, uma vez que dificultam as capacidades reparatória, perceptiva, intuitiva e de identificação com o paciente. “Sem sentimentos de empatia e compreensão para com seu cliente com deficiência, o terapeuta dificilmente poderá cumprir com eficácia sua função” (Ibid., p.41). A capacidade de identificação com a pessoa com deficiência é necessária para uma percepção e compreensão de suas dificuldades e necessidades, para vê-lo com sua capacidade e sua incapacidade, objetivamente percebidas. Entretanto, Amiralian ressalta a dificuldade que pode ser para o terapeuta identificar-se com uma pessoa surda, cega, com deficiência motora ou mental e sugere que

Se formos capazes de identificar em nós a angústia por perdas significativas e pelas castrações vividas, o ódio pelas nossas incapacidades e limitações, a nossa inveja frente àqueles que conseguem com mais facilidade o que desejam, mas, também, a superação desses sentimentos e a sobrevivência diante das catástrofes que ocorrem em nossas vidas, teremos condições de refletir esses sentimentos e de ajudar nossos clientes a superar suas dificuldades (p.42)

- 2) a Relação Invasiva – ainda de acordo com Amiralian (1997b), Winnicott localiza esta relação como uma falha ambiental, de origem materna, correspondendo à atitude da mãe que impõe seu próprio gesto ao do bebê, não reconhecendo as necessidades deste e impondo ações derivadas de sua própria necessidade. Numa intervenção, a relação invasiva ocorre quando o terapeuta impõe seu gesto ao do paciente; isto pode ser observado quando o

objetivo da intervenção é tornar a pessoa com deficiência o mais parecida possível com as ditas normais, impondo padrões e correndo o risco de desenvolver um falso *self*. Winnicott (1952), ao descrever o modo pelo qual o indivíduo é afetado pelas tendências do ambiente, principalmente num estágio precoce, considera que a adaptação ativa às necessidades do bebê permite a este manter-se em isolamento sem ser perturbado, quando o bebê ainda não tem ciência do ambiente; nesse estado ele “faz um movimento espontâneo e o ambiente é descoberto sem perda da sensação de ser” (p.310). Numa adaptação falha, há a intrusão do ambiente sobre a criança, levando-a a reagir “a sensação de ser é perdida nessa situação, e pode ser readquirida somente por uma volta ao isolamento” (p.310)

- 3) a Introjeção Extrativa – este conceito, desenvolvido por Bollas (1987, apud Amiralian, 1997b), é o inverso da identificação projetiva. A introjeção extrativa é um processo intersubjetivo “no qual alguém rouba do outro um elemento de sua vida psíquica” (Ibid., p.46), que pode dar-se por segundos, anos ou uma vida inteira. Assim, esse fenômeno ocorre quando alguém pressupõe que o outro não tem experiência interna do elemento psíquico que ele representa. Há quatro tipos de introjeção extrativa: a) roubo do conteúdo mental – das idéias, pensamentos e reflexões do interlocutor, impedindo-o de elaborar seu pensamento; b) roubo do processo afetivo – alterando o curso da experiência emocional, empobrecendo seu mundo interno; c) roubo da estrutura mental – quando alguém assume o superego de outrem e este, ao invés de se censurar e procurar resolver seus problemas, espera sempre uma humilhação e solução externa e; d) roubo do self – perda da percepção que a pessoa tem de si mesma, de sua história pessoal.

Concordo com Amiralian (2003) quando evidencia que a compreensão do desenvolvimento de pessoas com deficiência a partir da teoria winnicottiana “impõe mudanças atitudinais para com este grupo e importantes modificações nas diferentes intervenções” (p.98). O olhar winnicottiano para o desenvolvimento de pessoas com deficiência nos faz perceber que essas pessoas não carregam um fardo mas sim são pessoas que têm uma condição orgânica diferente, “que para ele é o que é, e, portanto, o *normal*. E desta maneira eles querem e desejam ser

aceitos” (Ibid, p.102). A autora destaca a seguinte passagem de Winnicott “tal como começa, assim tem de ser aceito, e assim tem de ser amado. É uma questão de ser amado sem sanções” (1993, p.205, apud Amiralian, 2003).

### 2.3 A PSICANÁLISE E OS ANIMAIS

Após abordar algumas questões referentes ao desenvolvimento emocional e às vicissitudes da condição da síndrome de Down, considero que a compreensão de alguns elementos da clínica psicanalítica winnicottiana possa lançar luz sobre certos aspectos dos encontros entre os adolescentes com síndrome de Down e os cães para, posteriormente, refletir a respeito da relação entre pessoas e animais sob um enfoque psicanalítico.

Como sabemos, uma das características marcantes da obra de Winnicott, além de toda sua contribuição ao estudo da natureza humana, foi o constante diálogo com áreas afins: desenvolveu suas idéias no meio psicanalítico e também o fez em meios médicos, de enfermagem, de assistentes sociais, fisioterapeutas, educadores e pais, estendendo o saber psicanalítico para além das fronteiras da psicanálise e da psicologia.

Em *Os objetivos do tratamento psicanalítico* (1962), Winnicott apresenta seu modo de trabalhar em psicanálise, pelo qual diz esperar manter-se vivo, bem e desperto, objetivando ser ele mesmo e portar-se bem. Escreve:

Gosto de fazer análise e sempre anseio pelo seu fim. A análise só pela análise para mim não tem sentido. Faço análise porque é do que o paciente necessita. Se o paciente não necessita de análise então faço alguma outra coisa (p.152).

Mais adiante acrescenta:

Faço psicanálise quando o diagnóstico é de que este indivíduo, em seu ambiente, quer psicanálise (...) Mas, em geral, análise é para aqueles que a querem, necessitam e podem tolerá-la (p.154)

Nessas passagens percebemos que Winnicott abre espaço não apenas para a já aceita e consagrada *análise padrão*, mas para uma qualidade de atendimento

diferenciada: “Eu me dou conta de trabalhar como um analista ao invés de realizar análise padrão quando me defronto com certas condições que aprendi a reconhecer” (Ibid., p.154). Tais condições são quando o temor da loucura domina o quadro; ou quando um falso *self* está presente; ou ainda quando a tendência anti-social é o legado de uma privação; também quando não há vida cultural, apenas o mundo interno e externo relativamente desconectados; e por fim, quando uma figura paterna ou materna doente domina o quadro. Portanto, quando se depara com o tipo de caso inadequado para a análise padrão, Winnicott propõe uma modificação no sentido de “ser um psicanalista que satisfaz, ou tenta satisfazer, as necessidades de um caso especial” (Ibid., p.154)

Tendo em vista esse posicionamento, considero que as propostas winnicottianas abarcam iniciativas ancoradas em práticas diferenciadas do fazer clínico:

Se nosso objetivo continua a ser verbalizar a conscientização nascente em termos de transferência, então estamos praticando análise; se não, então somos analistas praticando outra coisa que acreditamos ser apropriada para a ocasião. E por que não haveria de ser assim? (Ibid, p.155)

Diante das formulações do autor, somos convidados a revisitar um caso clínico, apresentado pela psicanalista Marion Minerbo no artigo *C(ã)o-terapeutas: o enquadre a serviço do método na análise de uma adolescente* (2002). Partindo de formulações vinculadas à Teoria dos Campos de Herrmann (1991, apud Minerbo, 2002), a autora traz o caso da adolescente Taís e de como a mudança de enquadre, abarcando a entrada de cães no *setting* analítico, foi fundamental para a condução do caso.

Taís era uma adolescente de 16 anos cujos pais haviam lhe proposto um trato: ela deveria iniciar análise, emagrecer, melhorar as notas e fazer amigos e, em troca, ganharia o cãozinho desejado. Marion coloca que “a demanda de Taís não era de análise, mas de cachorro” (p.224) e chama a atenção para sua primeira fala quando olha para a cadeira de vime do consultório: “Esta cadeira me agüenta?” (p.224).

Nos primeiros meses de análise, denominados A.C. – antes do cão – Taís conversava sobre sua grande paixão: os cães. E foi dessa forma que Marion iniciou

um esboço do mundo mental da adolescente: a preparação para receber um cão em sua vida, a percepção de diferentes raças e suas impressões sobre elas. Taís e seu irmão eram adotados e, através dos cães, a jovem falava de sua própria condição “tem cachorra que tem mais instinto materno do que muita mãe” (p.224). Marion sentia que a análise parecia ‘ter engatado’ mas que, quando o assunto não era referente aos cães, as histórias não traziam um relevo emocional: eram ‘histórias de plástico’. A analista questiona:

Será que Taís vinha às sessões apenas para garantir seu cachorro? Era estranho: ela me parecia tão verdadeira e transparente quando falava dos cães, mas também tão opaca e mentirosa com suas histórias de plástico. Fui percebendo que, nem ela havia me adotado, nem ia permitir que eu a adotasse (p.225)

Quando chegou seu aniversário, Taís não havia passado em todas as matérias e a mãe anunciou que não ganharia o cachorro. A adolescente jogou no lixo tudo que se referia a cães, enluteceu e emudeceu. A mãe marcou uma entrevista com a psicanalista, durante a qual esta percebeu o mesmo tipo de opacidade: a mãe fazia papel de mãe e queria que a filha fizesse papel de filha - queria dar o cachorro a Taís, mas não queria voltar atrás no trato. Enfim, Taís ganhou o cãozinho.

Entramos agora no que a autora denomina período D.C. – depois do cão. Taís apresentou uma mudança brusca: tornou-se delinqüente na escola e em casa não cuidava da cachorra. O trabalho ficou difícil; Marion revela “eu tendia a ser superegóica, por exemplo, quando ela quase deixou sua cachorrinha morrer” (Ibid., p.226), tentava interpretações continentais para supostas angústias, mas nada tocava Taís. Em meio às grosserias da adolescente, a autora mantinha a preocupação de não ser superegóica e de dizer somente o que quisesse dizer: “dar o cachorro se esta fosse minha vontade, sem me preocupar com o papel de mãe-analista” (Ibid., p.227)

Marion buscava outros canais de comunicação, uma vez que, na situação transferencial, as palavras ‘tinham esta estranha propriedade de se transformar em plástico no meio do caminho’ (p.227). Instalou uma pequena oficina de artes em seu consultório; Taís fez um desenho significativo: um mergulhador sendo devorado por um tubarão enquanto outro mergulhador olha, de fora, sarcástico. A analista reflete

“uma parte dela sofre, a outra finge que *caga-e-anda*, mas a quem eu poderia dizer isto? O *eu-que-sofre* não estava lá, o outro daria de ombros” (p.227). Logo as expressões artísticas e os jogos tenderam, também, à plastificação.

Mas a autora percebia que, embora Taís a xingasse ‘como um pitbull’, tinha os ‘olhos doces de um labrador’. Um dia ela chegou bêbada à sessão, na certeza de ter atingido os limites da analista, esta então recorda de sua primeira fala “esta cadeira me agüenta?”. A autora imaginava que os olhos de labrador tinham uma história para contar, e Taís começou a trazer para a sessão suas poesias, que falavam de um primeiro grande amor, perdido para sempre. Marion interpretou com outra poesia em que falava de um pacto com as sombras, a dolorosa renúncia ao sol, às palavras e ao humano. Aqui é diagnosticada a melancolia de Taís, uma vez que as poesias falavam de um investimento maciço num objeto perdido, simultaneamente amado e odiado. A analista emenda que o mais grave era a impossibilidade da adolescente reinvestir amorosamente num novo objeto e se questiona “como abrir espaço para o *eu-amoroso*, anunciado nas poesias?” (Ibid., p. 228)

Marion percebia que a adolescente precisava pôr em cena outros eus, como aconteceria num hospital-dia. E foi Taís quem sugeriu o caminho quando começou a trazer Loli, sua cachorra, para as sessões. Marion chama de ‘humanidade canina’ o período da análise em que os cães foram incluídos no enquadre e considera que “o caminho para a recuperação do humano em Taís passou por um longo período canino” (Ibid., p. 231). Agora, entrava em cena o *eu-amoroso* desta adolescente:

“Ela não é uma fofa, um amorzinho? Viu como ela gosta de você? Quer trazer um osso para ela, na próxima sessão?” O tom carinhoso de Taís se destinava a mim através de Loli. Nesta nova fase, em lugar de xingar-me ostensivamente, me acarinhava disfarçadamente. Também meus carinhos eram oferecidos ao cão, mas era Taís quem os recebia. Havíamos encontrado a distância ideal para uma relação afetuosa. A troca, indireta, já não ameaçava. A adoção bilateral começava a acontecer. Eu não tinha a sensação de representar um papel, ou de dizer coisas de plástico (p. 231)

Pouco tempo depois, Taís pediu para conhecer os cães de Marion – Sandy, uma labradora e Billy, um *beagle*. Logo no início do processo analítico a adolescente ouvira os latidos dos cães, que ficavam num quintal ao lado do consultório.

O encontro entre Taís e Sandy foi intenso, jogaram-se uma nos braços da outra. Marion percebeu a situação como se Taís reencontrasse a destinatária de seus poemas de amor pedido. O campo transferencial ‘esquenta’ porque agora era a cachorra da analista em que Taís investia amorosamente; fazendo agrados e trazendo presentes, a adolescente adotava a cachorra. Com a vinda de Billy o consultório ficou pequeno e as sessões em que os cães eram requisitados realizavam-se na praça em frente ao consultório. Conversavam sobre amenidades, sobre os cães e a autora nota algo que jamais ocorrera no consultório: “via Taís rir, quase descontraída!” (Ibid., p. 232). Diante destes encontros e da gravidez precoce de Loli, Marion passa a refletir sobre a questão da adoção e da criação de um mito de origem para Taís. Num certo momento, Taís recusou-se a encontrar os cães da analista: abandonava Sandy para que Loli não abandonasse os filhotes, pois se passasse o cheiro de Sandy para os filhotes, Loli poderia não reconhecê-los mais e deixar de cuidar deles: “Taís se empenhava em garantir as condições necessárias para que Loli fosse uma boa mãe” (Ibid., p. 233).

Pensando sobre esses acontecimentos na análise, Marion nos coloca que

De um lado, minha função era semelhante à presença silenciosa de um cão junto à mesa de trabalho do dono. Eu, sua analista, era um cão, um fantástico cão-falante. Criava-se um ambiente terapêutico semelhante ao de um hospital-dia, no qual as relações acontecem em todas as direções. Os vários eus de Taís se relacionavam com os c(ã)o-terapeutas, de acordo com suas características pessoais (...)

E prossegue

Porém o inverso também era verdadeiro. Afinal, eu nunca deixei de ser sua analista e, na minha escuta, era comigo que Taís se relacionava através dos cães. Eles eram apenas mediadores necessários entre mim e ela, eram meus embaixadores. O resultado disto é que certa gama de afetos, antes represada, agora fluía entre nós (p.233).

E, recapitulando as várias fases da análise de Taís, Marion re-interpreta a demanda inicial: “*faço análise, desde que ganhe um cachorro – uma analista-cachorro*” (Ibid., p. 234, grifos originais).

Passado um tempo, Taís já não requisitava mais os cães, as coisas haviam mudado, queria entrar na Internet pelo computador de Marion: um território novo -

conversar com os rapazes pelo chat – afinal, ela sempre havia preferido animal à gente. Nessas buscas de contato, a analista entendia que sua pergunta era se alguém, além dos cães, interessava-se por ela. Um dia, diante do pedido de um rapaz para descrever como era sua personalidade, Taís pede que Marion escreva para ela. A analista reflete sobre esta nova situação: “assim, sou diretamente convocada a falar com ela, sobre ela. O cão, apesar de ser o melhor amigo do homem, nada pode dizer sobre a personalidade de sua dona...” (Ibid., p.235). E a análise seguiu, com Taís conseguindo cada vez mais realizar suas coisas, a melancolia foi se dissipando. Ao alcançar a maioridade, traz conquistas de autonomia, iniciando faculdade e realizando viagem. Num momento antes de fazer uma viagem que duraria meses, Taís perguntou a Marion se esta não lhe daria nenhum presente, nenhuma lembrança, e Marion lhe entrega um marcador de livros que a jovem sempre segurava quando usava o computador.

Na última fase de análise Taís estagiava, cuidava do visual e tentava ficar mais próxima à analista. A jovem propõe que ela e Marion tenham hamsters em sociedade e, para a analista isto fazia parte de uma reconstrução de sua história. Após um tempo, Taís propõe o fim da análise e Marion diz ter percebido que o “nó principal de sua história fora desatado. O resto teria que ficar para outra análise” (Ibid., p. 236).

Trazemos aqui o caso de Taís, com sua riqueza de detalhes, por considerar importante perceber que os cachorros fizeram parte de um processo que foi conduzido, primordialmente, por outro ser humano. A postura psicanalítica de Marion permitiu uma modificação no sentido de conter as necessidades de Taís. Podemos perceber que a inclusão dos cachorros nas sessões fez parte de um processo analítico mais amplo, ou seja, os animais eram parte integrante do processo de análise da adolescente, mas não foram os cães em si que conduziram a análise. Marion, nesse artigo, aborda de maneira sensível, como Taís relacionou-se com ela através dos animais.

Marion não parece partir de um olhar winnicottiano para esse caso, mas talvez alguns conceitos do autor possam ser aqui abordados. A questão de como Taís pôde construir seu lugar a partir da relação com Marion, quando esta pôde sair do

‘papéis’ de analista e ser uma mãe-analista, atendendo às necessidades da paciente na posição em que a transferência a colocava. Parece-nos que a incorporação dos cães – primeiro a de Taís, depois os da analista – ao *setting* analítico vem abrir espaço para fenômenos internos que a adolescente era capaz de vivenciar apenas com os animais – a troca de afetos, o investimento amoroso, o relaxamento e a descontração. Enfim, a possibilidade de *estar com* e, neste caso, estar com o outro (cães), na presença da analista, e assim, poder se constituir com um outro que, pouco a pouco, torna-se humano e digno de confiança e afeto – a própria analista.

Talvez essa experiência clínica encontre alguma relação com os conceitos que Safra (1996, 1999) – tendo em mente os pressupostos winnicottianos - tem desenvolvido sobre o trabalho não verbal em análise. Segundo sua visão, tem havido no campo psicanalítico um ‘imperialismo’ da palavra e uma tendência a desqualificar o gesto. Comenta (1996): “a palavra freqüentemente é vista como expressão máxima da capacidade simbólica do ser humano, enquanto os elementos não verbais são classificados como ‘primitivos’” (p.26). Safra (1996), analisando o pensamento freudiano, percebe que esse compreenderia o símbolo como relacionado à defesa frente à vida pulsional do sujeito; aproximando as expressões não-verbais da concepção de sintoma, a técnica analítica buscaria verbalizar os elementos que o sujeito teria afastado de sua consciência. Já a vertente kleiniana pensaria a imagem e o gesto organizando-se segundo a confluência das pulsões de vida e de morte, e a técnica interpretativa traduziria o drama vivido pelo sujeito. Outra visão ainda para esses acontecimentos não-verbais em análise é a compreensão winnicottiana, na qual o sujeito se constitui criando, primeiramente, criando a mãe, em seu mundo subjetivo. Assim (Safra, 1996)

o próprio *setting* será fruto da capacidade criadora do paciente e do analista, e neste sentido cada análise terá que ser conduzida a partir do encontro dessas duas subjetividades e seu *setting* não poderá ser definido “a priori” (p. 27)

Aqui os conceitos de objetos e fenômenos transicionais são retomados a fim de articular a dimensão simbólica da experiência humana. O objeto transicional tem o seu valor não tanto por simbolizar a mãe, mas sim por ter sido criado pelo bebê e ser um símbolo do *self* na realidade compartilhada (Safra, 1996). Segundo o autor, quando é permitido, no interior do processo psicanalítico, que os fenômenos

transicionais com sua potencialidade simbólica, ocorram, isto possibilita o surgimento do espaço potencial. Haveria então duas formas distintas de expressão simbólica:

1. pela palavra, numa articulação que se forma ao longo do tempo, organizada na forma de discurso, em que a linguagem é o principal referencial e;
2. a que se apresenta através de expressões não-verbais, no campo da linguagem plástica, denominada 'símbolo apresentativo' (Matte-Blanco, 1988; Langer 1989 apud Safra, 1996).

Mais adiante (1999), Safra retoma essas considerações ressaltando que

O indivíduo apresenta o seu existir por gesto, por sonoridade, por formas visuais, por diversos meios disponíveis para constituir o seu *self* e seu estilo de ser. São criações, na maior parte das vezes, de grande complexidade simbólica e não passíveis de identificação (p. 24).

Nesse sentido, considera que o importante não é tanto o significado de um determinado símbolo, mas fundamentalmente sua possibilidade de veicular uma experiência, uma vivência. A interpretação reducionista poderia romper o fenômeno de transicionalidade e ser invasiva no modo de ser do paciente.

Pensando sobre a experiência entre Taís e Marion e os cachorros, percebemos que a analista parecia ter em mente não tanto a interpretação daquele fenômeno, mas sim auxiliar que a paciente veiculasse uma experiência significativa. O que importava não era tanto o significado dos cães para Taís, mas sim ela poder *estar com* os cães de Marion, na presença afetiva de Marion. Inaugurando, talvez, outras possibilidades de ser e estar no mundo. Lembrando que, segundo Safra (1999), “ocupar um lugar no mundo é ocupar um lugar na vida de outro. Somente a partir desta experiência é que o olhar poderá voltar-se para o mundo com curiosidade e desejo” (p.80). O que, de fato, foi o que aconteceu com a paciente.

Delarissa (2003), partindo de uma concepção sociológica de que o mal-estar na pós-modernidade deriva de um existir sem segurança (Bauman, 1998 apud Delarissa,

2003), considera que a leitura winnicottiana das relações entre pessoas e animais, especialmente o cão, coloca essa relação num campo cultural mais amplo, sendo concebido como um espaço potencial aliviador de crises da pós-modernidade:

Numa época em que a crise é tão avassaladora, quanto maior o número de espaços potenciais, melhor. Destarte, diante dos animais, entes que já fazem parte do ambiente cultural há tanto tempo, nosso inconsciente teve um *insight*: por que não usá-los como espaços potenciais? E mais do que nunca são assim usados (p.20).

Ao refletir sobre as idéias deste autor, tenho em vista sua importante contribuição ao construir uma correlação entre os fenômenos transicionais e as relações com os animais de estimação, pois analisa o brincar de crianças pequenas com os cães, a descontração e o relaxamento vindos dessa relação, tornando possível tal aproximação teórica que venha a aumentar nossa compreensão sobre os fenômenos estudados.

No entanto, recorrendo a uma certa leitura da obra winnicottiana que considera o desenvolvimento em termos de amadurecimento do indivíduo e sua relação com o ambiente, caminhando da dependência para a independência, pensamos que as relações entre o indivíduo e o mundo dependem fundamentalmente da constituição do *self* e da maneira como este se relaciona com o mundo em diferentes momentos de vida. Então, se um objeto for concebido como subjetivo, transicional ou objetivamente percebido, dependerá de uma relação com o mundo a partir do qual o indivíduo é capaz de ser.

Tendo em vista essas considerações, a análise dos encontros entre os adolescentes com síndrome de Down e os cães, numa situação estabelecida, tomará em conta a visão de desenvolvimento e constituição de *self* winnicottiana, pensada como relação com outro ser humano, que neste caso, inclui a presença de animais. Buscarei um olhar atento para a maneira como cada um dos jovens relacionava-se com os animais e também com as pessoas ali presentes, refletindo sobre as experiências emocionais percebidas a partir de meu olhar como pesquisadora.

## CAPÍTULO 3: METODOLOGIA DA PESQUISA E PROCEDIMENTOS

### 3.1 ESCOLHAS METODOLÓGICAS

Para responder às indagações levantadas inicialmente e dar seqüência à pesquisa, a escolha de encontros regulares entre adolescentes com síndrome de Down e cães, intermediados por uma equipe profissional, era de grande importância, pois permitiria a oportunidade de investigação dos aspectos psicológicos da relação entre pessoas e animais num contexto interventivo. A escolha por este tipo de intervenção ao invés das que realizam visitas às instituições deveu-se ao fato dela permitir um enquadre mais estruturado em termos de um grupo de participantes, bem como o local, a frequência e o horário constantes. Deve-se ter clareza de que o tipo de intervenção aqui estudada não teve como propósito a intervenção psicoterapêutica, porém acredito que as relações estabelecidas nessa forma de organização e enquadramento permitem maiores condições de reflexão sobre uma nova forma proposta de atendimento psicoterapêutico diferenciado.

Tendo em vista os objetivos e o referencial teórico adotado, considero que o método clínico de investigação psicanalítica seja o que melhor responda aos pressupostos desta pesquisa. Safra (1994), em seu texto *Pesquisa com Material Clínico* escreve

Temos, na origem do desenvolvimento psicanalítico, um modelo de pesquisa em psicanálise: o diálogo permanente entre teoria e clínica. A articulação teórica sem referência clínica corre o risco de se aproximar das manifestações do pensamento delirante. A clínica sem a conceitualização teórica pode perder-se na indisciplina de uma prática onipotente e sem vigor metodológico (p.51)

Aqui o autor evidencia um dos fundamentos da psicanálise: a necessidade de articulação entre a experiência clínica e a teoria que a sustenta. Almejo tal articulação ao adotar o método de inspeção livre do material apresentado a partir do referencial psicanalítico winnicottiano, buscando levantar reflexões e tecer leitura sobre o acontecer dos adolescentes envolvidos nesta experiência singular. As situações estudadas mostram-se únicas pois aconteceram dentro de um contexto,

configurado no interior de um espaço e de um tempo, envolvendo pessoas e animais em suas singularidades.

No que se refere aos registros adotados – narrativas clínicas a partir de filmagens – estes são marcados não pela pretensão de uma reprodução exata do que aconteceu, senão por um “recorte limitado por um determinado ponto de vista. É reconhecendo este limite que manteremos nossa objetividade na investigação do que procuramos realizar” (Ibid., p.54). Assim, encontramos em Pétard (2002) valiosa contribuição sobre a utilização de filmagens em pesquisa, desenvolvida no artigo *Observação e Intervenção: o que nos ensina a antropologia visual*. Para este autor, a “câmara registra um encontro” (p.16), tanto do grupo ali registrado, quanto destes com o observador. Dessa forma, o autor faz uma crítica à tentativa do pesquisador de se portar como uma caixa negra, num esforço para não deixar claro que ali há um encontro, ressaltando a necessidade de “tomar em consideração os processos psicoafetivos em ação” (p.16).

A opção metodológica por registros filmados surgiu da necessidade de buscar abarcar o fenômeno observado levando em consideração dois aspectos:

1. Poucos são os estudos de abordagem qualitativa no tema das relações entre pessoas e animais, de modo que a perspectiva psicanalítica winnicottiana sobre as intervenções se apresenta como um novo olhar. Neste sentido, a decisão metodológica por registros filmados evidencia meu desejo como pesquisadora de documentar cada encontro em sua riqueza de detalhes, permitindo tanto uma leitura geral do fenômeno, bem como de particularidades, considerando o acontecer humano e o canino, suas relações entre si e com o espaço-tempo disponíveis. Encontro ressonância em Pétard (2002) quando formula que a prática da filmagem testemunha aquilo que aconteceu no campo.
2. O registro filmado também permite, como bem evidenciou Pétard (2002), que as imagens sejam retomadas a qualquer momento, permitindo novas leituras, de modo que se pode olhar hoje para o que aconteceu em outros tempos.

Outra característica presente foi a decisão da filmagem ser feita pela própria pesquisadora: aqui já se presentificava meu olhar, como psicóloga, dirigindo a lente da máquina para uma situação ou outra, de acordo com aquilo que pude captar e privilegiar a partir de um recorte singular.

Com as filmagens em mãos e, tendo em vista os objetivos propostos, foi percorrido um caminho metodológico que buscasse trabalhar o material obtido sem a pretensão de classificar ou tipificar comportamentos. Antes, considero mais adequado e valioso o uso de “uma estratégia que permite uma continuidade investigativa que se amplia cada vez que é ouvida ou lida” (Medeiros, 2003, p.159), adquirindo um caráter aberto a infinitas possibilidades de compreensão. Tal estratégia é encontrada na feitura de narrativas da experiência, que podem ser entendidas como o olhar do pesquisador e narrador que busca apreender o sentido dramático de um acontecer humano, este visto a partir da concepção politzeriana como uma trajetória humana experienciada através de gestos e sendo sempre relacional (Medeiros, 2003). Ainda de acordo com Medeiros, não é possível sustentar a crença numa neutralidade que conferiria purismo à narrativa pois “ela é o que foi vivido numa relação e, portanto, pertence a esta experiência vivida” (p.156).

Partindo dessas formulações, juntamente com as questões norteadoras do presente trabalho, as narrativas foram elaboradas de modo a contar o que aconteceu em cada encontro, olhando para a experiência emocional dos adolescentes nas relações entre si, com as demais pessoas, com os animais e com o espaço físico. Tive a pretensão de contar com detalhes, adotando narrativas longas, para que fosse possível ao leitor acompanhar o trajeto desta experiência e das reflexões teóricas posteriormente desenvolvidas. Tal escolha teve também a intenção de permitir ao leitor a apropriação do material apresentado. Como nos atenta Medeiros

Um leigo pode ter uma compreensão da narrativa, o psicanalista pode vir a ter outra, o padre produzirá uma terceira e cada pessoa em sua singularidade poderá colocar no mundo, a seu modo, uma compreensão daquela narrativa (Ibid., p.158).

O procedimento de análise das narrativas elaboradas baseou-se no método por inspeção livre, tendo por base o referencial psicanalítico winnicottiano. A construção de análise foi dividida em dois momentos:

- **Apreciações:** após a narrativa de cada encontro foram tecidas apreciações dos aspectos considerados significativos daquela situação. A análise em separado de cada encontro derivou da preocupação em compreender o que aconteceu com os adolescentes, considerando o manejo da situação pelos profissionais, as relações afetivas humanas estabelecidas, as relações inter-espécies, as dimensões espaço-temporais e as funções exercidas pelos cachorros em cada momento.
- **Análise:** após as apreciações dos encontros, seguiu-se a integração da investigação como um todo, de modo a clarificar os diferentes aspectos psicológicos das relações entre pessoas e animais a fim de alcançar maior compreensão da influência da participação dos cachorros nos encontros com os adolescentes com síndrome de Down e, por fim, refletindo a respeito de possibilidades de intervenção.

A análise do material apresentado teve por base o referencial psicanalítico na apreciação do acontecer humano.

## 3.2 CARACTERÍSTICAS DAS INSTITUIÇÕES

A presente pesquisa investiga uma intervenção que é fruto da parceria entre uma escola especializada no atendimento de pessoas com deficiência mental e um canil, ambos situados numa cidade do interior estado de São Paulo. Um breve histórico dessa parceria fornece subsídios para a compreensão do contexto no qual os encontros ocorreram.

### 3.2.1 Histórico

O canil, localizado num sítio, criava a raça rottweiler, com ênfase no adestramento e comportamento dos cães. Sua equipe era composta por proprietária, veterinário,

adestrador e tratador. No ano de 1998, o canil recebeu a visita de uma pré-escola regular; lá as crianças brincaram, correram e, quando os cães foram apresentados, um dos alunos – portador de síndrome de Down – montou numa rottweiler e brincou que montava um cavalo, pois ele era praticante da equoterapia. Vendo a docilidade com que a cachorra aceitou a aproximação e a vivência positiva do aluno, o canil ofereceu seu espaço, cães e equipe para desenvolver um trabalho voluntário em parceria com escolas de educação especial da região. Uma escola se interessou e as visitas começaram: tinham um objetivo recreacional e tanto os alunos iam ao canil, quanto os cães à escola. No ano de 2002, outra escola de educação especial demonstrou interesse na parceria com o canil para formar um pequeno grupo de alunos para uma intervenção com a participação dos animais.

### 3.2.2 Parceria escola-canil

Com o interesse da segunda escola, foram realizadas reuniões para definir a proposta. A equipe participante foi composta pelos profissionais da escola nas seguintes áreas: fisioterapia, psicologia, terapia ocupacional, fonoaudiologia, pedagogia. E dos profissionais do canil: adestrador, veterinário e auxiliar.

A parceria tinha por objetivo realizar uma intervenção exploratória entre quatro adolescentes com síndrome de Down e cães, buscando o desenvolvimento motor, lingüístico e emocional desses jovens. Os profissionais organizaram-se de forma que o adestrador fosse o mediador no contato entre os adolescentes e os cachorros, sendo que este profissional receberia orientações dos demais profissionais da escola a respeito das atividades desenvolvidas.

Definiu-se a frequência semanal, com dia da semana e horário fixos. A duração de cada encontro podia variar de 30 minutos a uma hora. Ambas as instituições aceitaram minha participação nos encontros na qualidade de pesquisadora.

Foram realizados um total de 15 encontros, no período de março a setembro de 2002. Este trabalho faz uso do material registrado nos 12 primeiros encontros. Infelizmente, por motivos técnicos, os três últimos encontros se perderam.

### 3.2.3 Ambiente físico

Os encontros aconteceram no canil, localizado em um sítio de aproximadamente 20 mil metros quadrados de área verde e arborizada. Logo na entrada havia o estacionamento e uma pequena praça contendo uma fonte, lagozinho artificial, uma ponte e dois viveiros de pássaros. Ali também havia duas construções: os canis e um consultório veterinário. Mais adiante ficavam os campos gramados separados por cercas que delimitavam os espaços: um campo em declive; um espaço com bancos, balanço e quiosque; e um segundo campo contendo uma piscina retangular própria para cães, algumas árvores e obstáculos de *agility*<sup>1</sup>. Na parte final do sítio havia mais uma construção rodeada por espaço gramado, separada por cercas do segundo campo; nela encontravam-se mais canis e os banheiros. O terreno do canil era retangular: de um lado ficava uma mata natural e fechada e de outro era possível ter a visão de extensa paisagem campestre.

Como o espaço era aberto e descampado, os encontros ficaram sujeitos às condições climáticas, portanto, quando o tempo estava chuvoso ou extremamente frio, o encontro era cancelado.

Os adolescentes chegavam ao canil em companhia dos profissionais da escola, em transporte da própria instituição. Desciam no estacionamento e caminhavam para o campo com piscina; no caminho atravessavam a praça, o espaço com o balanço e o quiosque.

No campo com piscina havia alguns obstáculos de *agility* disponibilizados, de acordo com a descrição abaixo:

- Rampa: semelhante a uma gangorra; o cachorro é conduzido para subir a rampa e, quando chega ao meio, a rampa se inclina para o outro lado e o cão desce por ela.

---

<sup>1</sup> O *Agility* é uma atividade, baseada em provas hípicas, que consiste em fazer o cão percorrer um circuito com obstáculos.

- Barreira: obstáculo de madeira ou metal, com hastes laterais verticais que sustentam uma barra horizontal. O condutor leva o animal, que pula por sobre a barra. Ou então conduz o cão por baixo de uma barra.

-Trança: troncos colocados verticalmente em linha reta; a pessoa conduz o cão contornando os troncos em zigue-zague.

Nos encontros também foram utilizados outros materiais, como bolas de tênis, raquetes e escovas.

### 3.3 OS ADOLESCENTES E OS ANIMAIS

A escolha pela pesquisa de intervenções junto a pessoas com deficiência partiu de meu interesse pelos estudos e formas de atuações psicoterapêuticas com esta população. A oportunidade de acompanhar os encontros oriundos da parceria entre uma escola de educação especial e um canil possibilitou-me tomar contato com um novo campo de investigação. A maioria dos alunos dessa escola tinha síndrome de Down e a faixa etária atendida compreendia desde crianças pequenas até jovens adultos.

Outro ponto a esclarecer foi a escolha de investigar as interações entre essa população e os cachorros. Tal interesse deve-se ao fato de que o cão é um mamífero de complexa organização social, criando facilmente vínculos com os humanos (Grinsburg e Hiestand, 1992).

#### 3.3.1 Os sujeitos participantes

A escola decidiu pela participação de quatro adolescentes com síndrome de Down e selecionou os alunos considerando diferentes atitudes possíveis diante da proposta: que gostassem ou não de cães, que fossem mais tímidos ou extrovertidos, mais participativos ou não. Após discutirem sobre a escolha dos alunos em equipe, a escola conversou com os pais e explicou a proposta, obtendo a aceitação da participação dos filhos na intervenção. Nessa ocasião a escola também conversou com cada adolescente sobre a proposta. O termo de consentimento (Anexo A) para

esta pesquisa foi entregue aos pais pela própria escola e a mim devolvido preenchido e assinado por cada um dos pais.

Os nomes dos adolescentes aqui apresentados são fictícios, a fim de preservar suas identidades. São eles:

- João, cuja idade era de 13 anos.
  
- Rita, cuja idade era de 18 anos.
  
- Ricardo, cuja idade era de 17 anos.
  
- Carlos, cuja idade era de 11 anos.

O horário dos encontros coincidia com o período escolar dos alunos e, quando algum deles faltava na escola, também deixava de comparecer ao encontro.

### 3.3.2 Animais participantes

Em países onde as Intervenções Assistidas por Animais são mais difundidas e praticadas, é comum a existência de entidades que oferecem treinamento para o cão e técnicas de manejo do animal para os *handlers* (condutores, que podem ser os próprios donos ou adestradores). Após esse treinamento, há uma avaliação para a dupla e, quando aprovada, obtém-se certificado de que aquele é um animal apto para atuar nessas intervenções.

No Brasil não existe uma entidade reguladora, portanto, cada iniciativa mantém seus próprios critérios de seleção e treinamento.

Os cachorros participantes pertenciam ao canil. Alguns haviam participado anteriormente de intervenções com crianças e adolescentes (Tobi e Dara), outros eram filhotes e estavam em fase de treinamento (Alegria, Hantês, Guilith e Tiff) e outro (Nêgo) nunca havia participado desse tipo de interação.

Todos os animais receberam ou recebiam adestramento do profissional, que era realizado a partir de estímulos e reforços positivos, com ausência de punições. Um veterinário acompanhava a saúde dos animais, realizando controle parasitológico, vacinação, exames complementares e orientando na manutenção da higiene e alimentação dos mesmos. Os cachorros recebiam banhos semanais com germicida e sua alimentação era feita com ração seca de qualidade.

Segue abaixo uma breve descrição dos cães participantes:

- Tobi: Beagle macho adulto com 7 anos de idade.
- Dara: Rottweiler fêmea adulta com 6 anos de idade.
- Alegria: filhote de Golden Retriever, fêmea.
- Hantês: jovem cão macho da raça Border Collie.
- Guilith: jovem fêmea da raça Miniatura Dachshund;
- Tiff: filhote fêmea de American Pit Bull Terrier;
- Nêgo: Rottweiler macho de 4 anos de idade.

Esses cães participaram das interações com os adolescentes em diferentes momentos, tendo alguns participado de quase todos os encontros, outros de apenas um ou outro. Em geral, quem definia qual cachorro estaria presente era o adestrador.

## **CAPÍTULO 4: NARRATIVA DOS ENCONTROS**

Neste capítulo contarei, a partir de minha perspectiva, como foram os 12 encontros filmados entre os adolescentes com síndrome de Down e os cães, numa situação específica, em que também participavam profissionais da escola especializada e do canil.

As reflexões e os questionamentos a respeito das relações entre pessoas e animais, somados às condições específicas dos adolescentes participantes e da situação dessa intervenção como um todo, conduziram-me no sentido de criar narrativas longas, buscando apresentar em detalhes cada um dos encontros, acreditando, assim, que a riqueza do material e a diversidade de situações vividas possam ampliar o entendimento a respeito da experiência emocional entre pessoas e animais.

Após a narrativa de cada encontro foi feita a apreciação dos aspectos considerados significativos.

Os encontros eram semanais, com dia fixo, sempre iniciando no mesmo horário e sua duração era variável, indo de 30 minutos a 1 hora. O local onde as atividades foram desenvolvidas era um sítio, com campos gramados. Os adolescentes e profissionais da escola chegavam ao local em veículo próprio, desciam no estacionamento, onde geralmente eram recebidos pela equipe do canil e caminhavam até o campo destinado ao encontro.

### **Encontro 1** (E1)

Nesse primeiro encontro estavam presentes os quatro adolescentes: Carlos, João, Ricardo e Rita, bem como toda a equipe profissional da escola e do canil. Fiquei próxima ao campo, filmando.

Todos chegaram e caminharam para o campo onde seria realizado o encontro. Carlos e Ricardo pareciam curiosos, buscando contato com a rottweiler Dara, que estava junto ao adestrador André; este, por sua vez, conversava com Marcos, um

dos profissionais da escola. Já João e Rita estavam sentados no gramado com os demais profissionais.

Ao ser convidado por André para passear com Dara pelos obstáculos de *agility*, Ricardo prontamente aceitou e começou a caminhar segurando a guia da cachorra. Logo depois parou e, olhando para Dara, fez o sinal da cruz – como se pedisse proteção divina. Conduzia a cachorra animado e atento, parecia ter olhos apenas para ela; Dara acompanhava seu ritmo e aceitava seus afagos. André ia indicando os obstáculos. Após um tempo, o adestrador mostrou para o adolescente que Dara sentava e dava a pata; Ricardo, então, decidiu primeiro cumprimentar André e depois pegou na pata da cachorra, sorrindo e acarinhando sua cabeça. Quando voltaram a caminhar, Ricardo passou a indicar em quais obstáculos queria ir e o adestrador percebeu seu movimento e passou a segui-lo. Ao terminarem, o adolescente entregou a guia para um dos profissionais da escola, Marcos.

João, ao ser convidado para participar, ficou quieto e não respondeu. Então Carlos foi chamado e, após André ter demonstrado que a cachorra sentava e dava a pata, entusiasmado, ele logo repetiu os comandos. Começaram a caminhar pelos obstáculos que André indicava e Carlos conduzia Dara, visivelmente animado. Quando passaram perto da piscina, o garoto perguntou se a cachorra poderia nadar; diante da resposta negativa de André, Carlos continuou no percurso com a cachorra. Parecia gostar de conduzir e, principalmente, dar comandos para Dara, fazendo-a sentar e dar a pata. Quando a cachorra não correspondia aos comandos, André tentava auxiliar, e, quando ela atendia às solicitações, Carlos sorria, acariciava sua cabeça e aproximava seu rosto do dela, de modo muito afetuoso. Passado um tempo, André comentou que a cachorra precisava descansar. Carlos indicou um lugar ao sol, mas o adestrador disse que ela tinha de ficar na sombra. Dara ficou deitada e André orientou o garoto a não mexer mais com ela. Carlos pareceu chateado; foi para o grupo, mas seu olhar ficou pousado em Dara.

Durante este tempo, Ricardo saiu do campo e foi até a filmadora, estava curioso. Ao ser convidado a olhar pela tela, ele olhou e depois me abraçou, feliz. Permaneceu um longo período ali.

A seguir, Rita foi convidada para caminhar com a filhote de golden Alegria - André lhe estendeu a mão e caminharam de mãos dadas; seu andar era um pouco retraído. Os dois tentaram fazer a filhote subir na rampa, incentivando-a, mas Alegria logo desceu. Rita, então, passou sua mão carinhosamente nas costas da cachorra, parecendo confortá-la. Depois andaram mais um pouco e voltaram para o grupo.

Após ficar um longo período observando a situação, João levantou e decidiu participar, ao que a equipe de profissionais da escola aplaudiu. André ia indicando o caminho e João conduzia a cachorra com tranquilidade e segurança; afagava-a timidamente, ia sorridente e concentrado nela. Frequentemente o adolescente buscava o olhar dos profissionais da escola, levantando os braços, vitorioso. Quando o adestrador fez Dara sentar, João logo pôs sua mão para segurar a pata. Caminharam por mais obstáculos e depois comandaram a cachorra para sentar e dar a pata. João sorria, satisfeito; o grupo de profissionais aplaudia e dava os parabéns.

Depois André convidou Rita para caminhar com Dara: recusando, a jovem inclinou o corpo para trás, num gesto de evitação. Observando a situação, Carlos correu e segurou a guia da cachorra, dando pulos de alegria. Mas ao chamarem a cachorra para levantar, ela não se mexeu; então, André explicou que Dara estava cansada e seria melhor ficar solta. Vendo-a se afastar, Carlos chamou “Aqui, ó, menininha” e depois voltou sua atenção para Alegria.

André chamou os adolescentes para conhecer os obstáculos sem os cães; João e Carlos aceitaram o convite e os três foram até a rampa, Carlos tomou a iniciativa e passou animado pelos obstáculos, João o observava, sorridente. Após cumprimentar Carlos, André brincou dizendo ‘senta’, e Carlos sentou, depois André disse ‘fica’ e Carlos deu risada. Em seguida, foi João quem passou pelos obstáculos com André, ia calmo, sempre sorrindo. Ao final, André o cumprimentou e perguntou: “E agora, como é o comando? ...Senta”, ao que João deitou no gramado, com as pernas para o ar, muito descontraído.

Depois os adolescentes voltaram a ficar junto da equipe da escola. Menos Carlos, que encontrou uma bola de tênis e resolveu jogar para Alegria, que não se

interessou. Ele a incentivava: “Aqui, menina”; vendo que não atraía sua atenção, mudou de alvo, mostrando a bola para Dara e depois jogando - e a cachorra logo foi buscar a bola. Animado, Carlos a chamava “aqui, Dara”, jogando a bola mais uma vez. André se aproximou e ensinou Carlos a quicar a bola; ele, então, passou a fazer a bola quicar, mas Dara não ia pegá-la; então André disse que ela estava cansada, mas Carlos não desistia. Quicando a bola novamente, Dara a pegou; ele batia palmas e chamava a cachorra. André então comentou que era melhor levá-la ao canil para descansar e Carlos acompanhou o adestrador e a cachorra.

César, um dos profissionais da escola, disse: “Aí já começa pelo interesse de cada um, a diferença de interesse de cada um já é um ponto a ser analisado. O porquê do desinteresse, o porquê dela, ele – a gente conhece o tipo de pessoa que ele é – ele diz não, depois vai indo, vai indo, aí sai. Já o outro é arroz-de-festa, é capaz, daqui a pouco, de mandar André embora e ficar fazendo sozinho. Então é aí que já tem tipos diferentes de comportamento na aceitação do exercício”.

No campo, as filhotes Alegria e Guilith (esta havia sido trazida a pedido do adestrador) circulavam entre as pessoas. João, sentado na grama, as afagava e abraçava quando elas vinham ao seu colo. Ricardo havia voltado para o campo e, contente, passava as mãos nelas quando vinham pular em suas pernas. Carlos também estava de volta e interagia com elas. Mas Rita não parecia muito confortável com a situação, estava temerosa, procurando afastá-las com suas mãos. Diante de sua atitude, alguns profissionais da escola– recriminaram seu gesto, parecendo considerá-lo agressivo e desnecessário; diziam que as cachorras não morderiam e que ela tinha de fazer carinho nelas. Rita se retraía. Neste momento o cão Hantês, mais ativo e agitado, também foi trazido para o campo. Visivelmente preocupada, Rita disse “Não quero”, quando Guilith foi ao seu colo e os profissionais tentaram convencê-la de que a cachorra não era uma ameaça. Os cães saltitavam ao seu redor e Rita começou a chorar, aflita. Então André, percebendo a situação, tentou segurar os cães e pediu que levassem Rita para fora do campo. Ela saiu do campo levada por uma das profissionais e foi para um balanço, ali onde se acalmou e parou de chorar. João se aproximou, Ricardo também foi para o portão e Carlos, que estava a brincar de pega-pega com Hantês, também caminhou para o portão.

**Apreciação (E1)**

A maneira como foi configurado o encontro, através de atividades propostas pelos profissionais ali presentes, criava uma situação na qual esperava-se que os adolescentes se adaptassem ao ambiente. A atividade de conduzir o cachorro pelos obstáculos foi uma maneira de cada jovem conhecer a situação, mas, se por um lado aproximava os jovens do contato com o animal e com o profissional através da exploração do espaço, por outro permitia poucas oportunidades de integração do grupo uma vez que era individual. O adestrador pareceu ter sido o profissional considerado responsável por mediar o contato entre os jovens e os animais. Os profissionais da escola assumiram a postura de observadores, a fim de conhecer a situação.

Como César bem apontou, é interessante perceber o movimento de cada adolescente diante deste novo contexto. De início Carlos e Ricardo demonstraram interesse por estar ali, iniciando contato direto com a rottweiler Dara, demonstrando confiança em seu comportamento dócil. Por outro lado, João e Rita permaneceram junto ao grupo de origem, conhecido e confiável - os profissionais da escola - num movimento de hesitação diante do novo contexto. Quando cada adolescente foi convidado a conduzir o cão, pôde-se perceber a maneira como isso foi feito. Ricardo conduziu Dara e fez o sinal da cruz, possivelmente associado simbolicamente com um pedido de proteção. Chama minha atenção que, após um período em que o adolescente se adapta às orientações de André, sente-se confiante para mostrar seus próprios interesses e seu gesto é acolhido pelo adestrador. Depois Ricardo parece sentir-se livre para explorar a situação de outras maneiras, vindo até a filmadora e ali ficando, para então, quando as filhotes começaram a circular pelo campo, voltar para lá e trocar afagos com elas. Carlos apresentou-se, desde o início, como um garoto comunicativo, cheio de iniciativa e entusiasmo, investindo tanto nas pessoas quanto nos animais. Interagiu com cada cão ali presente de modo afetuoso, mantendo bom contato com André, que lhe ensinava a comandar os cães. Penso que, quando a criatividade de Carlos emergia no contato com os animais - como quando teve a iniciativa de jogar a bolinha para Alegria e depois para Dara - a entrada de um profissional que o 'ensinava' como fazer as coisas pareceu alterar o curso da experiência, transformando-a em submissão. Um outro aspecto foi a maneira particular com que Carlos interagiu com cada cachorro, percebendo as

diferenças entre eles. João ficou um período em hesitação, observando, conhecendo a situação e, talvez, percebendo o que se esperava dele. Após sua rejeição inicial em participar da condução do cachorro e, depois observar os outros três colegas, algo dentro dele aconteceu que o levou a entrar na atividade, a qual realizou com eficácia e segurança. Aqui, fico com a impressão de que sua satisfação era em ter sucesso na atividade proposta, do qual decorriam palmas internas e externas. Também o grupo de profissionais da escola demonstrou um movimento diferente em relação a João, que não emergiu na relação com os demais adolescentes: organizaram-se numa torcida, num olhar positivo diante deste jovem, destacando suas qualidades. Pareceu-me, também, que o importante para João não era tanto o contato com o animal, mas sim, realizar uma tarefa com o uso do animal. Já Rita ficou hesitante desde o início, depois participou da condução da filhote, tendo como segurança a presença de André, com quem caminhava de mãos dadas. Demonstrou afeto e acolhimento com Alegria diante da dificuldade em subir na rampa, num gesto possivelmente de empatia. No entanto, diante da presença da rottweiler Dara, sentiu-se ameaçada e, mesmo depois, quando os cães estavam soltos, foi ficando cada vez mais angustiada, até chorar. Aqui considero que algumas questões se fazem importantes: na realidade psíquica desta adolescente, alguns elementos podiam ser tolerados e outros não – conduzir uma filhote na guia com o auxílio do adestrador era tolerado, entretanto, ter diversos cães circulando ao seu redor era-lhe muito difícil. Neste momento o ambiente não conseguiu protegê-la da invasão, seja porque não perceberam o que se passava com ela, seja por terem desconsiderado seus sentimentos. O resultado parece ter sido de invasão ambiental (no caso canina), diante da qual ela teve de reagir e isolar-se até recuperar seu estado de segurança.

Neste encontro os cachorros foram conduzidos e comandados pelos adolescentes, e tanto corresponderam à manipulação quanto não fizeram o que esperavam deles. Quando o cachorro correspondia ao comando, os jovens podiam experimentar o controle pela manipulação, entretanto, quando o animal não correspondia aos comandos ou expectativas, isto pareceu abrir espaço para relações mais livres, onde o brincar era possível, como quando, após caminharem pelos obstáculos, André deu aos adolescentes comandos semelhantes aos que haviam dado aos cães, Carlos e

João riram descontraídos. Os animais também foram investidos de afeto pelos adolescentes em alguns momentos.

### **Encontro 2** (E2)

Estavam presentes Carlos, Ricardo, Rita e alguns profissionais da escola e do canil. Fiquei dentro do campo filmando.

Ricardo e Rita haviam ficado junto aos profissionais da escola e Carlos foi até André, que posicionava uma segunda filmadora sobre um tronco. Carlos estava curioso, olhando, mas logo depois, ao avistar os cães no campo ao lado, dirigiu-se para lá com o auxiliar Paulo. Chamou Dara e perguntou para Paulo qual era o nome do outro cachorro; ele respondeu que era Tobi, e então Carlos passou a chamar-lhe pelo nome. Quando o auxiliar lhe entregou Tobi na guia, Carlos, visivelmente animado, começou a correr pelo campo. Por vezes, o cão ia à frente e Carlos o seguia, mas este, tentando assumir o controle da situação, segurou-o na guia e o levou para pular um obstáculo, mas o cão não pulou. André observou o que estava acontecendo e convidou Carlos para ir com o cão pelos obstáculos; ele imediatamente aceitou. Enquanto caminhavam, o cão urinou num tronco, e Carlos disse: “xixi, xixi!”, André também olhou, depois continuaram. O garoto tinha dificuldade em conduzir o cão, que este estava interessado em cheirar o chão. André chamava Tobi pelo nome, numa tentativa de captar sua atenção. Passavam pelos obstáculos que André indicava e, de tempos em tempos, Carlos parava e fazia o cão sentar dizendo o comando e pressionando com a mão o dorso do cachorro; este aceitava seu gesto e sentava, então o garoto agachava e abraçava Tobi, que abanava o rabo. A seguir, André e Carlos comandaram que o cão rastejasse. Carlos sempre o agradava de forma carinhosa e André lhe ensinava os comandos.

A esta altura procurei Rita, encontrando-a sozinha na cerca; mexia com o pé no chão, de costas para o campo. Depois se virava e olhava a dupla que conduzia o cão, não parecendo interessada no que via. Ricardo, por outro lado, mostrava interesse pela outra filmadora. André se aproximou e perguntou se queria “sair na fita”; o adolescente, recusando o convite, afastou-se, ficando sentado de forma um tanto retraída. André tentou convidá-lo novamente, mas Ricardo se manteve em isolamento.

Enquanto isso, Carlos andava com Tobi e André logo voltou para junto deles. Comandavam o cão e, quando este deitava e rastejava outra vez, Carlos e André também se arrastavam pelo chão, incentivando o cão. Eu tinha a impressão de que Carlos estava gostando disso pois parecia alegre ao passar a mão na cabeça de Tobi. Depois ele pegou a guia do cão e a levou até Ricardo; André o convidou para passear, mas Ricardo recusou o convite. Carlos, atraído pela outra filmadora, foi até ela; André o orientou que olhasse mas não mexesse. Uma das profissionais da escola, Lurdes, foi até ele e disse: “Se você não fizer o que André está pedindo, você não vem mais aqui!” Depois pegou Carlos pelo braço e o levou até o portão; ele se soltou e correu até Tobi, chamando-o, e acarinhou o cão. Enquanto André ajeitava a filmadora, Ricardo começou a caminhar com Tobi pelo campo. Com a saída de Tobi, Carlos voltou sua atenção para Dara, que estava deitada na grama. Vendo seu interesse, André disse “Ainda não”. Carlos passou a mão na cabeça da cachorra e sentou, esperando.

André foi até Ricardo e começou a indicar os obstáculos; o adolescente participava, mas parecia não estar muito presente na atividade - fiquei com a impressão de que ele gostaria de andar apenas com Tobi, sem mais ninguém junto. Às vezes andava mais rápido, deixando André para trás e passando sozinho com Tobi pelos obstáculos. Diante dessa situação, André comentou que eles deveriam andar juntos. Carlos, que olhava para eles o tempo todo, aproximou-se e ficou caminhando mais atrás. Ricardo mantinha seu olhar em Tobi. André fez o cão sentar e dar a pata; Ricardo apenas observava, e, com o incentivo de André, afagou o cão. Carlos estava perto deles e Tobi sentou entre os dois adolescentes, que abraçaram simultaneamente o cão: Carlos pela cabeça e Ricardo pelo dorso. O cão ficou parado, recebendo o gesto de ambos.

Depois André foi chamar Rita, que aceitou participar; juntos, caminharam até os outros adolescentes e André explicou que Tobi iria caminhar com Rita. Percebi que ela parecia ansiosa por começar, dava pequenos pulos. Ricardo e Carlos ficaram parados, vendo a colega andar com o cão. Iam aos obstáculos indicados por André. Ao chegarem a um obstáculo em que o cão passaria por baixo de uma barra, André encorajou Rita a passar junto; ela aceitou e foi. Fizeram isso algumas vezes e,

sempre que levantava, Rita retirava a grama dos joelhos. Depois Tobi ficou solto, sem a guia, e correu até Carlos e Ricardo; Rita veio atrás, saltitando, sua expressão era de contentamento. Novamente André pegou Tobi e Rita continuou a caminhar com ele. Com a saída de Tobi, Carlos e Ricardo ficaram olhando para o chão, dando a impressão de tristeza. Quando Rita passou perto deles, Carlos deixou sua mão escorregar pelo dorso de Tobi e Rita passou a mão carinhosamente sobre a cabeça do colega.

André, então, sugeriu a Rita passarem pelos obstáculos sem o cão; ela concordou e seguiu pulando. Ele explicava sobre os obstáculos e seus nomes e, de mãos dadas, passavam por cada um deles. Rita andava saltitando, parecendo descontraída. Ao final, André lhe disse “Obrigado”, e ela “De nada” e seguiu pulando até o portão, onde os profissionais da escola estavam.

Carlos foi até Tobi e o afagou, tentava fazê-lo sentar e dar a pata, mas ele não correspondeu. Um pouco bravo, Carlos segurou sua cabeça com as duas mãos, virou-a em direção ao seu rosto e exclamou “Hei!”; em seguida voltou a acarinhar o cão. Chamou André, que estava com Rita e não ouviu. Então Tobi seguiu até Ricardo, que o afagou. Carlos correu atrás dele. André veio até Ricardo e disse que dariam comandos para Dara obedecer. Mas, como se contasse um segredo, o adolescente cochichou algo para André, que disse “Ah, então dá a sua mão”. O adestrador comandou Dara para dar a pata; Ricardo a cumprimentava algumas vezes, estava contente e acariciava a cabeça da cachorra. Dara deitou e Ricardo agachou para fazer carinho nela, enrolou a guia nas mãos e deu um tapinha leve em seu peito. Juntos, André e Ricardo afagavam Dara. Enquanto isso, Carlos pegou a guia de Tobi e foi caminhar pelos obstáculos; fez o cão sentar, dar a pata e deitar. Ricardo, o adestrador e a cachorra foram para os obstáculos. Carlos mudava de direção e me chamava para que eu o filmasse passar pela barreira, depois sentou e ficou agradando o cão. Durante mais um período de tempo Ricardo conduziu a cachorra, depois foi até a cerca, encostou-se e, olhando para o campo, ficou sorrindo.

André começou a criar uma situação nova com os adolescentes: pediu a Carlos que se deitasse de bruços na grama; ele deitou e riu, olhou para Tobi e perguntou se ia

pular. André lhe perguntou se ele achava que ia pular, ao que Carlos respondeu afirmativamente. “Então fecha os olhos, você vai dizer quando for o Tobi e quando for eu”, falou André. Carlos, ansioso, abria os olhos e se mexia; os profissionais da escola diziam para ficar de olhos fechados. Ricardo foi chamado para participar e parecia animado; juntos, Ricardo e André passaram por cima de Carlos – que olhou. André perguntou quem tinha passado passou e ele respondeu “Ricardita!” Ricardo pôs a mão na boca e riu, sua expressão era alegre. Depois passaram com o cachorro, Carlos olhou e disse que era Tobi. Todos riram e, a seguir, foram novamente com o cão.

Depois foi a vez de Ricardo, que rapidamente deitou de bruços. André e Carlos passaram por cima dele e perguntaram quem era; sem olhar, Ricardo disse não saber. Passaram novamente, desta vez engatinhando; Ricardo olhou mas não respondeu quem era. Quando Tobi passou, Ricardo respondeu – sem olhar – que era o cão. Então André chamou Rita. A equipe da escola incentivava e, de início, ela recusou, mas André lhe estendeu a mão e ela o acompanhou. Chegando até os colegas, ela se apoiou em Ricardo. André a convidou para deitar e Rita recuou, mas quando ele disse “Então vamos nós dois”, ela participou. Carlos fora designado por André para conduzir o cão, Ricardo os observava. Carlos passou com o cão e Rita disse que era Tobi, levantando a perna para o ar, num gesto de aparente descontração. Carlos passou novamente com Tobi e Rita identificou o cão. Em seguida, André perguntou se gostaria de ir sozinha, mas ela fez não com a cabeça, encostando sua mão na cabeça de Ricardo, e depois foi para o portão.

Carlos corria pelo campo com Tobi, conduzindo-o pelos obstáculos. André se aproximou dizendo que iriam lembrar os obstáculos juntos, e retirou Tobi do campo. Seguiam pelos obstáculos e o garoto não respondia às perguntas que o adestrador fazia. Carlos pulou obstáculos e depois, agachado, olhou para André e latiu; este pareceu não perceber a brincadeira, mas Carlos insistiu, começou a andar como um cachorro. André, olhando para ele disse que deveriam andar em pé, mas Carlos continuava com a brincadeira. Então o adestrador perguntou se ele era um cachorro; Carlos pulou mais um obstáculo e André o auxiliou. Carlos rolou, latiu e sorriu. André perguntou: “Como é o seu nome? Tobi?”, “É”, respondeu o Carlos-Tobi, passando por mais um obstáculo. Depois tentou colocar uma guia no próprio

pescoço e o adestrador, então, prendeu a guia na blusa do garoto-cão. “Vamos lá, Tobinho” incentivava André, e, juntos, os dois riam; Carlos-Tobi latia feliz. O adestrador perguntou como Tobi fazia xixi; Carlos-cão levantou a perna perto de um poste e riu. “Já que está imitando o Tobinho, como é o senta?” Garoto-Tobi sentou. “E como dá a pata?” Carlos-cachorro deu uma pata ao adestrador, depois a outra, deitou e rastejou, sentou e cumprimentou. Carlos ria. André elogiou “Muito bem, Tobinho”. Depois tirou a guia da blusa do garoto, que se levantou e limpou a roupa. Cumprimentaram-se e foram até a segunda filmadora. Carlos olhou por ela. Rita estava perto dali e Ricardo saiu do campo.

### **Apreciação (E2)**

Quando há momentos de maior liberdade na relação entre os adolescentes e animais, surge o início de uma relação mais singular em que os adolescentes experimentam a continuidade de seus gestos: Carlos interessou-se por Tobi e passeou descontraidamente com o cão pelo campo; mais tarde, ele e Ricardo abraçaram o cachorro. Mesmo as atividades dirigidas, quando é fornecido o espaço para os interesses dos jovens, tornam-se mais ricas e significativas, como as que André e Carlos realizaram com Tobi. É interessante perceber que elementos significativos são vivenciados no contato com o animal quando o ambiente humano é capaz de acolher a maneira de ser do outro. Isto pode ser observado quando Ricardo cochichou seu desejo para André e em seguida cumprimentou Dara. Carlos também buscou apropriar-se de maneira pessoal da situação, sendo que em alguns momentos isto foi possível, em outros houve uma interdição dos profissionais – por vezes até de maneira rígida: “se não fizer o que André está mandando não vem mais aqui”. E Rita, que havia se isolado no início, participou das atividades em grupo na presença afetiva de André, em quem pareceu confiar.

A brincadeira de deitar na grama e o cão ou colegas pularem por cima levou a uma experiência grupal mais integrada, ao mesmo tempo em que envolveu cada adolescente de um modo que lhe era particular. Com isto, todo um espaço de experimentação foi inaugurado e Carlos, por meio de fenômenos transicionais, pôde ser um garoto-cão numa superposição de sua área do brincar e da de André, que se adaptou à atividade lúdica de Carlos.

As funções do cão foram diversas: de inclusão nas atividades corporais onde geralmente se adaptava ao ritmo de cada um; de trazer uma realidade própria quando a adaptação não era completa; de possibilitar a emergência de certos sentimentos não compartilhados com as pessoas, como quando Carlos ficou bravo com o cão ao não obedecê-lo; também na confiança que Ricardo demonstrou com Tobi e Dara; e na superação do medo de Rita pelos cães que foi minimizado pelo holding fornecido por André.



Ricardo (à dir) indicando os caminhos(E1)



Rita (à dir) com os cães ao seu redor (E1)



Rita (à dir) acarinhando Alegria (E1)



Carlos (à esq) e Ricardo (à dir) abraçando Tobi (E2)



João (à esq) Conduzindo Dara (E1)



Os adolescentes no campo. Carlos puxava a cabeça de Tobi enquanto dizia "Hei!"(E2)



Carlos lançando bola para Dara (E1)



Carlos-Tobi dando a pata para um dos profissionais (E2)

### **Encontro 3 (E3)**

Estavam presentes os quatro adolescentes, alguns dos profissionais da escola e a equipe do canil. Fiquei no campo filmando.

Carlos e João estavam sentados na grama junto à profissional Lurdes. Rita, sozinha, foi sentar-se na mureta junto à cerca. A convite de André, Ricardo passeava com Tobi pelos obstáculos, o cão era conduzido por duas guias que cada um segurava. O adolescente mantinha sua atenção no cão quando André lhe disse: “Passa você sozinho agora”. Ricardo conduziu Tobi pela rampa e parecia gostar disso. Depois se sentou junto ao grupo e João foi chamado para participar; acompanhado de André conduzia Tobi. O adolescente ia calmo e, logo depois, já guiava o cão sozinho. André o orientou a puxar o cão para que subisse na rampa e depois o agradasse; João assim o fez e o cão realizou a ação. Voltando para o grupo, agora era a vez de Carlos, que foi até Tobi e, primeiramente o afagou, pegando em sua pata. Animado, conduzia o cão junto com o adestrador. Logo André disse para ir sozinho; ao conduzir, Carlos falava “Tobi, aqui, ó” ou então “ó, ó” e o cão o seguia. Com a sugestão de André, o garoto fez Tobi sentar e dar a pata. Depois André foi chamar Rita para participar e diante de sua recusa lhe disse: “Tá bom, quando você quiser vir, você vem, tá bom?” e ela respondeu: “Eu não!”.

João deitou sua cabeça no colo de Lurdes, que o acolheu. Carlos estava perto deles. A convite de André, Ricardo passeou mais uma vez com Tobi, passaram por um obstáculo diferente. Fazendo zigue-zague, Ricardo seguia o cão, que era conduzido por André; estava concentrado nos movimentos do cachorro. Quando o adolescente se confundia, voltavam e refaziam o percurso. André falou: “Quero que você passe sozinho com ele. É você quem está no comando agora, você escolhe onde quer passar”. Ricardo conduzia Tobi pelo zigue-zague, mantendo a guia alta para facilitar o controle sobre o cão. Ele e o adestrador se cumprimentaram e André perguntou se gostaria de ir novamente, mas ele respondeu negativamente; então o grupo aplaudiu e Ricardo foi cumprimentar o profissional Marcos. Depois João foi realizar a atividade. André ia à frente, João o seguia, sorridente. Num certo momento André disse “Olha lá, João, você viu o que ele fez. Então agora você estará comandando ele. Então vai lá!”. João fez o zigue-zague com o cão, ficando concentrado; André o orientava como segurar a guia quando o cão se dispersava,

João puxou-a suavemente e ele o seguiu. Demonstrava facilidade em conduzir o cão. Voltando para o grupo, agora era a vez de Carlos, que correu e segurou a guia do cão. André lhe explicou o exercício e seguiram pelo obstáculo. Carlos andava devagar, retendo o corpo e André lhe dizia para irem mais depressa. Depois disse ao garoto: “Agora você vai passar sozinho com ele do seu lado esquerdo, faz o que você quiser” e o garoto conduziu o cão pelo zigue-zague; o cão estava disperso, cheirando as coisas ao redor, dificultando a atividade para Carlos. André decidiu intervir e demonstrou como conduzir o cão. Carlos tentou fazer igual, mas o cão sentou. Então o garoto tentou empurrá-lo, ao que o adestrador disse que era só andar que o cão seguiria, e foi o que aconteceu. Os dois, Carlos e Tobi, iam caminhando um pouco desajeitados, mas a dupla seguia. Carlos chamava o cachorro, incentivando-o a segui-lo. Depois voltaram para o grupo.

André perguntou para todos quem gostaria de ir aos obstáculos sem os cães e Marcos tomou a iniciativa de acompanhar Carlos pelos obstáculos. João continuou sentado junto à outra profissional da escola, Tobi estava com eles. Nessa hora André foi até Rita dizendo animado “A-ha, agora eu quero ir com a senhora, vem cá, deixa eu te mostrar o Tobinho”. Ela batia com um graveto na cerca, olhava para o chão e disse “Não quero”. Ele tentou tocar sua mão, mas ela recuou; então ele perguntou se estava lembrada de como havia feito na última vez. Rita permanecia quieta. André tornou a perguntar, indagando como era. Então disse que não precisavam ir com o cachorro, sugerindo: “Faz de conta que eu sou o cachorro”. Rita respondeu “Tá bom” e juntos caminharam, ligados por uma guia que cada um segurava. João ainda estava sentado na grama, então outra profissional da escola se aproximou. Carlos agachou e latiu, porém ninguém olhou para ele; latiu novamente, desta vez se dirigindo a Rita e André, que o olharam e sorriram para ele. Rita acabou voltando para a mureta e Carlos tentava brincar com Tobi, que foi solto pelo adestrador. Ricardo, que havia ido para o portão, uivou. Todos riram e quando André lhe perguntou “Como o cachorro faz?”, Ricardo respondeu “Bicho-homem”. Com o convite, o adolescente juntou-se ao grupo.

André pediu a Carlos que trouxesse Tobi; ele logo foi atrás do cão, chamando-o, depois tentou colocar o enforcador em Tobi, mas não conseguiu. André e Marcos se aproximaram e o adestrador, juntamente com o garoto, colocou o enforcador em

Tobi. Em seguida Carlos, tomando a iniciativa, começou a correr com Tobi pelo campo; chamava-o pelo nome e passavam pelos obstáculos. André lhe disse que depois seria a vez de outro. Lurdes perguntou a Carlos em que lado o cão deveria ficar (anteriormente André havia mostrado que era do lado esquerdo) e o garoto posicionou o cão à sua esquerda. Ao levar o cão pelos obstáculos, Carlos tentou subir junto na rampa, porém quando André lhe disse para não fazer isso, ele desceu e passou apenas o cachorro. Quando Carlos encontrava dificuldade em levar Tobi, o adestrador intervinha orientando ou demonstrando como manipular o cão. No meio de uma orientação, Carlos agachou ao lado de Tobi, olhou para André e começou a passar a mão nas costas do cão. Parecia tão envolvido com o cão que André o chamou várias vezes até que ele olhasse. Conduziu o cão mais um pouco e André o chamou para voltar ao grupo.

João ficou em pé e Carlos lhe entregou a guia do cão. André falou: “Você lembra do trajeto todo que a gente fez? Então você escolhe o trajeto que quer passar”. O adolescente olhava para o cão, “Você passa por onde quiser, tá?” continuou André. João conduzia o cachorro pelos obstáculos com facilidade, por vezes passava as mãos rapidamente nas costas do cão. Ele levava o cão aos obstáculos de sua escolha e, diante da recusa do cão em passar por algum, André o orientava e João conseguia realizar a ação com o cachorro. Quando voltaram para o grupo, João rapidamente sentou, estava sorridente.

Depois Ricardo foi para o campo; escolhia os obstáculos e caminhava com o cão, André acompanhava. Segurando a guia alta ele conseguia fazer o cão pular. Caminhava descontraído, à frente do animal. André disse “Aê, mais uma vez agora” e Ricardo passou num ritmo mais rápido, prestando atenção tanto no cachorro quanto nos obstáculos. Depois foi devolver Tobi para André, sorrindo. Em seguida, foi cumprimentar e abraçar Marcos, que o seguia de longe.

André foi até Rita “Vamos lá, Rita, só uma”, e ela, sentada na mureta e batendo com o graveto no chão respondeu “Não quero”. Vera, outra profissional da escola, estava com ela. André lhe disse que Tobi queria falar com ela, mas Rita repetia a negativa. O adestrador chegou mais perto “Fala oi para ele, que estava morrendo de saudades”; depois fez o cão sentar e ficar com as patas dianteiras no ar. Neste

momento a adolescente parou de olhar o chão e viu Tobi, mas logo se voltou para o chão novamente. André sentou ao seu lado e lhe estendeu a guia do cão; ela recuava o corpo e dizia não querer, então ele perguntou qual era o motivo, ao que ela disse algo sobre o cachorro de sua casa - Rita falava baixo, de modo que, de onde eu estava, o som era ininteligível. André exclamou “E Fred, você foi brincar com o Fred e ele não gostou? O que é que você foi fazer com o Fred na sua casa?” Ela disse algo sobre a irmã. Ele tentou convidá-la novamente para passear com Tobi, ela recusou e perguntou a André se ele tinha algum gato; ele lhe devolveu a pergunta e Rita disse “Só um”.

Ricardo veio até a filmadora e olhou por ela, Rita acenou para ele.

### **Apreciação (E3)**

Novamente os adolescentes conduziram os cachorros com orientações de um profissional, no entanto, foi oferecida a oportunidade para cada um de escolher os obstáculos a que desejavam ir, ampliando a possibilidade de escolha e a expressão da maneira de ser de cada um deles. Em alguns momentos, os adolescentes evidenciavam que o contato direto com o cão, através de afagos, era mais significativo que a condução dos animais pelos obstáculos.

Em geral, a função do cachorro foi a de ser conduzido e manipulado pelos adolescentes, que pareciam apreciar a ação. Em algumas ocasiões houve investimento afetivo nos animais por meio de agrados com as mãos. No contato com Carlos, os cães pareciam ser incluídos em seu mundo quando corria pelo campo trazendo consigo os animais. A recusa de Rita em participar de qualquer situação com o grupo e sua fala ao final do encontro sugere haver uma história prévia com cachorros que não era muito positiva, e quando contou não gostar de cachorros, encontrou meios para dizer do que gostava: de gatos.

### **Encontro 4 (E4)**

Vieram para este encontro Carlos, Rita, João, alguns profissionais da escola e a equipe do canil.

André começou explicando a todos a atividade do dia: conduzir Dara por um circuito de obstáculos, trocar bolas que estavam em cima de pinos, fazer a cachorra parar e sentar e depois entregá-la ao próximo da fila. O adestrador fez uma demonstração e todos prestaram atenção. Carlos se ofereceu para ser o primeiro e André disse para o grupo torcer bastante. Ana, uma das profissionais da escola, disse a Rita: “Vamos, Rita? Não vai por quê?”, ela fazia ‘não’ com a cabeça. Enquanto o grupo ficou sentado no meio do gramado, Rita foi para a mureta e ficou lá, sozinha.

Parecendo ansioso e animado, Carlos começou a caminhar com Dara, acompanhado de André. Marcos decidiu cronometrar o tempo e, quando disse “Já”, o trio começou o circuito. André lhe avisou “Eu vou fazer só a primeira com você, tá?”. Chegaram aos pinos, Carlos trocou as bolas e correu, então André o lembrou de fazer Dara parar e sentar; o garoto parou, depois foi orientado a levar a bola para o próximo, ao que correu com a mão esticada e disse “Vai, João”. Este ficou em pé, pegou a bola e, junto com o adestrador, conduziu Dara pelo circuito. André, olhando para Marcos falou: “Quando você falar ‘já’ a gente começa”, então se virou para Rita “Ô Rita, você é a próxima”. O trio começou a caminhar, João corria, sorrindo e, chegando aos pinos, trocou as bolas. Os profissionais aplaudiram. Carlos estava em pé, animado. Fizeram Dara sentar e perguntaram o tempo para Marcos, depois todos aplaudiram e João levantou o braço, vitorioso.

Em seguida chamaram Rita, que não quis participar. Ofereceram-lhe, então, um cão menor, mas ela se recusava a ir. Então André disse para Carlos ir sozinho e João lhe entregou a bola. Mas, antes de Carlos iniciar, André chamou ambos os meninos para perto de si, cochichou algo e eles riram. João esfregava as mãos, tinha uma expressão de divertimento. André disse aos profissionais para se escolherem entre si; João vibrava, batendo uma mão na outra. A seguir Carlos foi para o circuito e correu com Dara pela rampa; esta pulou no meio dos obstáculos, então ele voltou e passou mais devagar. Marcos torcia “Vai, Carlos” e Lurdes alertava “Presta atenção, olha para a frente”. Carlos tinha dificuldade em conduzir, então André lhe disse para caminhar à frente da cachorra, pois fazendo isso ele assumiria o controle da situação e Dara o seguiria. E quando ele fez isso a cachorra o seguiu. Terminando, Carlos voltou para o grupo e sentou. João, ficando em pé, correu até André e Dara. Começando o circuito, ia sem maiores dificuldades e estava muito sorridente,

parecendo empolgado com a atividade. O que André, Carlos e João haviam combinado era que os profissionais da escola também participariam do circuito: primeiro foi Lurdes, depois Marcos. Carlos e João torciam por ele. Ana pegou a bola, mas acabou não participando.

Rita permanecia na mureta e Beatriz, outra profissional da escola, estava com ela. André havia levado Dara para outro campo e agora trazia Tobi, convidando Rita para ir depois com este cachorro, mas ela não se manifestava. Ana comentou: “Depois vai vir água e a Rita não vai beber”. André convidou Rita novamente “Ó, Rita, ele quer ir com você, vamos?”, “Não” foi sua resposta. Então Carlos levantou a mão e disse “Eu quero”, mas o adestrador mantinha sua atenção em Rita. Ana perguntou para ela “O que você falou? Você não vem mais, Rita!”. Ela permanecia quieta. Depois André saiu caminhando e Carlos chamou Tobi, seguindo-o com o olhar. O adestrador perguntou quem iria agora com o cão, mas Carlos e João ficaram olhando para o chão, esperando; aí Marcos disse “João!”, e ele foi até Tobi e começou a caminhar. Lurdes batia palmas e cantava “João vai perder, vai perder”; Carlos começou a torcer a favor dele. João corria com o cachorro pelos obstáculos; chegando na barreira o cão não pulou, André veio em seu auxílio e ajudou. Carlos batia palmas e cantava “João, João”. Ele ia com entusiasmo e sorrindo; quando terminou, levantou os braços, num gesto de vitória.

Em seguida, André perguntou para Carlos quais eram as cores dos pinos. Ele não respondeu, mas prestava atenção e André lhe disse que eram vermelhos e azuis e que ele deveria, agora, trocar apenas as bolas dos pinos azuis. Carlos começava a correr, Lurdes torcia dizendo seu nome. Ao chegar no zigue-zague passou reto, pois o cão ia à frente, então André interveio e disse “O Tobi é o seguinte: você é que manda, tá? Então você cruza e ele acompanha” e Carlos passou a andar na frente e o cão o seguia. Percorreram o circuito e André o lembrou que deveria trocar as bolas dos pinos azuis, e assim o garoto fez. Marcos o aplaudiu e Carlos fez Tobi sentar e dar a pata, depois ficou olhando para ele e sorria. Foi com André até João e disse “Vamos, João”; este levantou e pegou a guia do cachorro. O adestrador lhe disse para trocar as bolas dos pinos vermelhos e questionou “Você sabe quais são os vermelhos?”. O adolescente respondeu afirmativamente e começou o circuito. O grupo batia palmas e dizia seu nome. Ele conduzia o cão com facilidade pelos

obstáculos e, chegando nos pinos, André comentou que deveria trocar as bolas dos vermelhos. Com um sorriso no rosto, João trocou as bolas e ergueu os braços para o alto; comemorando, o grupo o aplaudia. André comandou Tobi para sentar, João pôs a mão em seu dorso e o cão sentou. “Quem quer ir agora?”, perguntou André. Então João entregou a bola para Lurdes, que disse “Eu? Agora?”.

Depois disso começaram a se formar pequenos grupos: Marcos e André conversavam, Carlos, Lurdes e João olhavam o campo e Rita estava na mureta, recolhendo folhas do chão. André colocou Tobi amarrado numa barreira distante do grupo e saiu, voltando logo em seguida com raquetes de tênis. Organizaram dois grupos, de um lado os profissionais da escola e do outro os dois adolescentes e o adestrador. Este entregou uma raquete para cada garoto e disse que deveriam equilibrar uma bolinha de tênis nela e correr até o outro lado. Caso a bola caísse, deveriam recolocá-la na raquete e continuar. Lurdes dizia “Vai perder, vai perder”. Iriam caminhando para frente e voltariam de costas. Com tudo organizado, André disse “já”, e os três – Carlos, João e André – começaram a correr na direção dos profissionais. A bola de João caiu, ele logo a pegou e continuou; o mesmo aconteceu com Carlos. João estava na frente, seguido por André e depois Carlos. A bola deste havia caído novamente e os profissionais torciam “Vai lá, Carlos, Super-Carlos”. Quando Carlos chegou até os profissionais, João e André já voltavam andando de costas. João se deixou cair na grama e ria; André lhe perguntou “Tá querendo ganhar de mim, rapaz?”, ao que o adolescente logo levantou e continuou. André e Lurdes torceram por Carlos até ele terminar. O jogo continuou por mais algumas vezes e todos pareciam se divertir, o clima era de descontração. João disse, animado, “Ganhei!”, levantando a raquete para o alto. Depois disse “Quero ir de novo” e André os convidou para ir mais uma vez. Carlos respondeu “Ah, eu não quero” e fez um movimento com a raquete como se rebatesse uma bola para o alto. Vendo seu interesse, André lhe mostrou como rebater a bola para o alto. Os dois adolescentes prestavam atenção, depois começaram a rebater as bolas, cada um buscava a própria bola. Diante de uma bola bem alta que Carlos rebateu, Lurdes e André advertiram que não era para jogar tão alto.

Depois André falou que era a vez dos três profissionais correrem com as raquetes. Todos se posicionaram, correram até o outro lado e voltaram de costas; todos riam. E Rita, da mureta, via a atividade, parecendo interessada.

O grupo ficou disperso: André e Marcos conversavam, Carlos e João prestavam atenção neles, pareciam perceber que estavam discutindo a próxima atividade. Logo André sugeriu aos adolescentes refazerem o circuito sem o cachorro. Carlos foi o primeiro, correu pelo circuito de obstáculos. André lhe disse para ir novamente, e o garoto corria, sorridente; os profissionais torciam por ele. No final do circuito andava mais devagar, parecendo um pouco cansado, mas André disse para continuar pois faltava uma vez ainda. Carlos dava passos lentos; o grupo batia palmas e o incentivava. Começou a alternar entre correr e andar, depois decidiu correr. Ao final André o cumprimentou e Marcos exclamou “Palmas para o Carlos!” Ele recebeu aplausos e sentou, mas em seguida levantou e foi mexer em uma bola no campo. Depois João ficou em pé e começou o circuito - corria rápido e concentrado, o grupo encorajava; Carlos também torcia por ele. Fez duas vezes o circuito, estava sorrindo. André disse “Vamos lá, falta uma volta”. Na terceira vez ele corria e, olhando para o alto, beijou a própria mão e a levantou; estava feliz e vibrava. O grupo torcia dizendo seu nome e Lurdes comentou “Olha lá, até o Tobi tá torcendo por você!” O cão uivava, Carlos olhou para ele e uivou de volta. João terminou e recebeu aplausos, levantava os braços num gesto de vitória. Carlos, já em pé, dançava.

Tobi uivou mais uma vez e os risos se repetiram, Carlos respondeu ao seu uivo. João sentou na grama e André perguntou para Rita “E aí, Rita, quer fazer? Vamos sem o cachorro?”. Lurdes foi até ela e a convidou, mas a adolescente disse não querer. Agora João deitou de barriga para cima, relaxado e talvez um pouco cansado. Tobi latiu e Carlos o repreendeu “Cala a boca!”. O cão uivou novamente, Carlos olhou para ele com o canto do olho, parecendo irritado. Depois André recolheu as bolas e Lurdes disse para irem. Todos caminharam até o portão: João sorria, Rita conversava com Beatriz e Carlos olhava para Tobi.

**Apreciação (E4)**

Nesse dia foram priorizadas atividades corporais de caráter competitivo e o cachorro foi incluído nesse cenário. Cada adolescente colocou-se de uma maneira nesse contexto: Carlos, entusiasmado, quis ser o primeiro; João ficou esperando e observando com interesse; já Rita se isolou do grupo, mesmo quando foi oferecido um cão que ela já havia conduzido. Ao longo do encontro, Carlos buscava contato com os animais, mesmo nas situações dirigidas, enquanto João demonstrava satisfação na situação de competição em si e Rita se manteve à parte mesmo quando o animal não estava presente. A relação dos profissionais com ela por vezes não parecia atender sua necessidade de acolhimento e compreensão, pelo contrário, a jovem era vista com olhar severo e punitivo por não corresponder ao que esperavam dela. Talvez esta jovem encontrasse sua forma de expressão através da oposição em relação ao ambiente, como uma manifestação de seu self verdadeiro diante das falhas ambientais.

Refletindo sobre a atitude de Carlos com Tobi quando este uivou, percebeu-se uma ação do cachorro, da qual surgiu uma comunicação quando o garoto emitiu um uivo também; logo em seguida Tobi teve a mesma ação, mas Carlos não lhe refletiu de volta a ação, desta vez expressou sua irritação perante o animal; este repetiu o uivo e o garoto conteve seus sentimentos e devolveu seu olhar. Há aqui uma gama de afetos do garoto que foram despertadas na relação com o animal e encontraram expressão. Diferentemente de um objeto inanimado, o cachorro, através de seu comportamento, pode despertar aspectos do self que vêm à tona nesta relação.

**Encontro 5 (E5)**

Nesse dia estavam Rita, João e Ricardo, junto com alguns profissionais da escola e a equipe do canil. Fiquei próxima ao campo, filmando.

No meio do gramado estavam sentados os três adolescentes e as profissionais da escola, formando uma roda. Enquanto as profissionais conversavam, Ricardo abraçou Vera e João buscava a atenção de Beatriz: passou uma folha em seu cabelo, sorriram um para o outro e Beatriz pôs a mão em seu ombro, de forma carinhosa. André posicionava uma segunda filmadora e Paulo organizava obstáculos. Ao passarem pelo grupo, André perguntou “Tudo bem com vocês?”;

ninguém respondeu, porém Rita os acompanhou com o olhar. Vera e Beatriz ainda conversavam; João se apoiou nas costas de Beatriz, mexia em seu cabelo e deitou a cabeça nela, que depois deitou na grama com a cabeça no colo de João.

Uma mulher veio conversar comigo e eu disse a ela que não poderia falar naquele momento. Era uma repórter que havia combinado com a equipe do canil de entrevistar o grupo. Para não interferir no combinado, deixei-a livre para entrar no campo. Ela foi até o grupo e sentou; todos a olharam. Então ela perguntou se João era irmão de “fulana de tal” e ele confirmou. Beatriz continuava com a cabeça em seu colo; ele olhou para ela e riu, parecia feliz. A repórter começou a conversar com Vera; Ricardo e Rita prestavam atenção (não me era possível ouvir o teor da conversa inteira, apenas alguns fragmentos). Ricardo se levantou, olhou para mim, sorriu, acenou e veio caminhando para o portão. No campo, a repórter e as profissionais continuavam conversando; João tentava atrair a atenção de Beatriz. Esta perguntou à Rita: “E você, Rita, gosta?”, e a adolescente fez ‘não’ com a cabeça.

André veio para o grupo trazendo Dara e Tobi e disse “Vamos lá!”. João chamava Tobi. André convidou Ricardo para vir até o grupo, mas ele continuou no portão. A repórter se retirou do campo. Vera foi até os cães e afagou Tobi, depois o levou para perto de Rita e a convidou para passear; a adolescente recuou o corpo e levantou. Diante de sua reação, percebi que Vera tentou acalmá-la: “Pode ficar, eu não vou deixar ele ir aí”, mas Rita foi para a mureta. Em seguida, André chamou João para conduzir Dara; ele trouxe Beatriz consigo e, quando Vera lhe entregou a guia de Tobi, ele acariciou o dorso do cão, andou um pouco e sorriu, depois olhou para Beatriz; parecia querer ser visto por ela. Tobi estava ativo, dava pulos e, quando pulou em Dara, João olhou e sorriu. André se aproximou e João prestou atenção na explicação sobre o circuito, depois iniciou o trajeto. Controlava o cachorro na guia de forma cautelosa, atento ao cão, que sempre abanava o rabo. João seguia sorrindo e olhava para as profissionais. André os acompanhava e, quando terminou, João sentou, contente. Então André chamou Ricardo, que sentou longe do grupo; vendo que ele não vinha, Vera resolveu ir até ele.

Rita permanecia na mureta junto à cerca; André foi até ela levando Tobi e convidou-a para participar, mas ela recusou. Tobi, abanando a cauda, tentou se aproximar; ela ficou em pé e recuou o corpo. Disse que não queria ir com cachorro e, quando o adestrador perguntou se gostaria de ir com outro cachorro, ela respondeu que gostava de gato. Ele insistiu “E se eu trazer o seu cachorro, você vai?” E Rita “Não, eu quero gato!”, repetindo não gostar de cachorro. Diante da recusa de Rita, que mantinha uma expressão de aborrecimento, André convidou João para fazer o circuito sem o cão. Ele aceitou a idéia e caminhou para o percurso. André lhe avisou que Tobi torceria por ele. O adolescente corria animado pelos obstáculos; ao final, levantou os braços para o alto, comemorando; as profissionais aplaudiram. Depois andou de costas, a exemplo de André.

Ricardo chegou ao grupo acompanhado por Vera, sentou num tronco e apoiou as mãos no queixo. Espontaneamente, Dara veio sentar aos seus pés; ele colocou as mãos nela e acarinhava suas costas. André se aproximou e ofereceu a guia de Dara. O adolescente imediatamente retirou as mãos da cachorra e respondeu “Não quero”, voltando a apoiar o queixo nas mãos. Olhava para baixo e Dara, que continuava ali, a seus pés, cheirava a grama. Ricardo voltou a passar a mão nela. André veio com Tobi e perguntou ao garoto se queria ir com ele; novamente ele retirou a mão de Dara, ao que Beatriz interveio e se ofereceu para caminhar com o cão. Aos poucos, Ricardo foi deixando sua mão cair sobre Dara, voltando a afagá-la. Enquanto André estava com Beatriz, Ricardo levantou e trouxe Dara na guia. Vendo a iniciativa do adolescente, André veio até ele e passou a acompanhá-los.

Beatriz caminhava desordenadamente com Tobi e André disse para João mostrar a ela como é que conduzia; este prontamente pegou o cão e foi para os obstáculos. Ricardo ia pelo circuito de forma calma, por vezes esboçava um sorriso. Quando Dara não passava por algum obstáculo, ele voltava e tentava novamente; às vezes André o ajudava. Ricardo foi com a cachorra até a piscina; André lhe perguntou se desejaria ver a cachorra nadar e, diante do interesse do adolescente, conduziu a cachorra para a piscina, mas ela não entrou. Ao observar a cena, Beatriz perguntou se Rita queria ver o cão nadar; André repetiu a pergunta e Rita pareceu interessada. Então, o adestrador pediu ao auxiliar Paulo que trouxesse algum cão para entrar na piscina: “É para Rita ver”.

Enquanto esperavam, João conduzia Tobi pelos obstáculos à sua escolha e Ricardo levava Dara acompanhado por André, que fornecia algumas instruções. No entanto, Ricardo parecia mais interessado em Dara do que nas recomendações do adestrador. Algum tempo depois, o adolescente olhou para André e sorriu; as profissionais o aplaudiram. Depois elas continuaram a conversar animadas, perguntando se Rita já tinha visto algum cão nadar. João, dizendo-se cansado, foi até a mureta sentar com Rita e Beatriz; Ricardo veio somar-se a eles, trazendo Dara. Depois João voltou para o meio do campo com André e mostrava para Vera como conduzia Tobi.

Nesse momento Paulo voltou ao campo com um outro rottweiler. André chamou Rita, que caminhou interessada até a piscina. Paulo conduzia o cão na água e a adolescente o acompanhava, prestando atenção. De mãos dadas com André, olhava para este e sorria, apontando o cão. João e Ricardo vieram ver também. Passado um tempo, Rita voltou para a mureta e Beatriz perguntou se ela havia gostado do cão. A garota respondeu que sim, então a profissional questionou se gostava de Dara, ao que Rita respondeu que não porque ela tinha barba.

Ao redor da piscina, Ricardo, João e André estavam agachados vendo o cachorro nadar. Ricardo passou a mão na cabeça do cão. Os dois adolescentes sorriam. Ricardo ficou vendo Paulo levar o cão embora. Então André soltou a guia de Tobi, que correu livre pelo campo; Ricardo o seguia com o olhar. Beatriz passeava com Dara, dizendo para Rita “Ela é minha amiga”; depois elogiava a cachorra, mas Rita recuava diante de alguma tentativa de aproximação. Depois André também retirou a guia de Dara, que correu até Tobi. Então todos ficaram em pé e caminharam para o portão.

### **Apreciação (E5)**

Neste encontro, a presença da repórter e seu contato com o grupo sugerem que as necessidades institucionais de divulgação da parceria entre a escola e o canil se sobrepuseram às necessidades do grupo, causando uma interferência vinda de uma demanda externa aos jovens. A alteração no desenvolvimento do curso é

evidenciada quando João tenta resgatar a comunicação e o contato afetivo com Beatriz – que lhe parecia ser significativa – disputando sua atenção com a repórter.

No decorrer do encontro, João freqüentemente buscou o olhar de Beatriz para si. Quando André lhe pediu que mostrasse a ela como conduzir o cão, o adolescente colocou-se em outra situação: ele tinha algo de si para compartilhar e ensinar a um profissional. Ricardo, por outro lado, ficou mais à parte, num certo isolamento em relação às pessoas. Seu primeiro contato afetivo foi com Vera no início do encontro, depois ficou sozinho; o outro contato foi com Dara – com quem se comunicou através de afagos, permitindo a ela participar de seu isolamento sem ameaça do self, diferentemente de como eram sentidas as relações com as pessoas. Rita viveu dois movimentos diferentes: primeiro de coisas de não - a recusa diante dos cachorros - que eram intensificadas diante da insistência dos profissionais; depois Rita trouxe coisas de sim, o gosto pelos gatos e o interesse em ver um cachorro nadar. Sua descoberta em ver o cão nadando pôde ser compartilhada com André, a quem comunicava seu contentamento através de olhares e gestos.

Os cães pareceram assumir diferentes funções: para João, foram um meio de mostrar a um outro significativo as suas habilidades; para Rita, foram motivo de defesa e depois de curiosidade e descoberta; e, para Ricardo, eram um outro com quem a continuidade de ser era experimentada, em contraste com as delicadas relações com as pessoas.

### **Encontro 6** (E6)

Estavam nesse dia Ricardo, Rita, João e Carlos, alguns profissionais da escola e a equipe do canil. Fiquei dentro do campo filmando.

Todos chegaram ao portão e Carlos logo foi até Alegria, que estava no campo; depois começou a subir sozinho na rampa, mas André e Ana disseram para não fazer isso e Ana enfatizou “Limite é bom, vem cá esperar sua vez”. Carlos foi até eles. João, sentado no campo, estava quieto. Ana foi em direção ao estacionamento com Rita e Ricardo sentou num lugar do lado de fora do campo. Então André prendeu a guia de Tobi num tronco e pediu que João e Carlos o esperassem um pouco ali. Carlos me chamou de “tia” e pulou diante da filmadora, agitando os

braços; parecia alegre. Enquanto esperavam, Tobi se soltou e foi até eles. Carlos pegou sua guia, tentou chamar o auxiliar, que não compreendeu o que dizia; depois chamou André, mas ele já estava distante, então decidiu sozinho prender a guia do cão onde estava antes. Quando André voltou, os dois adolescentes o seguiram até a filhote Alegria. O adestrador reapresentou a cachorra; os dois pareciam interessados. Cada um recebeu uma escova e Carlos perguntou se André também escovaria a cachorra, então os três começaram a escová-la. Estavam concentrados, cada um tinha uma maneira de escovar: Carlos escovava com vontade e um pouco forte, João fazia mais suavemente. Alegria, que estava sentada, logo deitou na grama de barriga para cima e eles continuaram a penteá-la. João retirava os pêlos da escova com as mãos e Carlos fazia o mesmo raspando a escova num objeto duro. Durante a escovação, Rita entrou no campo a caminho da mureta e André lhe disse convidativo “Vem, Rita”, ao que ela, brava, respondeu “Não quero!”.

Os três continuavam penteando a filhote e quando ela tentava mexer a cabeça na direção deles, era contida a fim de facilitar a escovação. André perguntou aos adolescentes se penteavam os cabelos; eles responderam “sim”. Ricardo veio até eles e logo recebeu uma escova; quando Alegria se inclinou em sua direção, André comentou “Olha, ela quer ir até você, ó”. Deitada de barriga para cima, os quatro a escovavam. André repetiu o nome da cachorra e Carlos cumprimentou-a “Oi, Alegria”. Depois André perguntou “Vamos pegar outro cachorro, vamos pegar o Tobi”, mas nenhum dos três adolescentes respondeu e continuaram a escovar a cachorra. Marcos veio até o grupo e Carlos lhe ofereceu uma escova. Agora os cinco integrantes, interessados e concentrados, penteavam a filhote, que ficou tranqüila recebendo o gesto de cada um deles. Após um tempo, André perguntou “Vamos escovar Dara agora?”, Carlos respondeu “Vamos!”. Todos ficaram ali retirando pêlos da escova e esperaram André levar Alegria e trazer Dara. Quando esta chegou, Ricardo passou a mão nela de modo afetuoso e, em poucos instantes, Dara deitou e todos a escovaram. André disse que estava cheirosa pois havia tomado banho; João e Carlos conversavam, pareciam contentes. Carlos escovava Dara com força e Marcos o orientou para ir mais devagar e leve.

Durante este período, Rita ficou sentada na mureta, por vezes falava sozinha, girando uma folha na mão. Seu olhar voltava-se para a direção oposta do grupo, então André lhe disse “Ó Rita, tá perdendo, hein” e ela não esboçou reação alguma.

Em seguida, o adestrador pediu para o auxiliar Paulo trazer a filhote para eles, e explicou ao grupo “Quem não estiver trabalhando vai estar aqui escovando, tá bom?”. Quando Alegria voltou, todos a escovaram. Com Dara na guia, André perguntou “Quem vai?” e convidou Carlos, que rapidamente foi até ele. André forneceu orientações sobre o trajeto e disse que ele deveria pegar duas bolas dispostas no percurso e depois tentar acertar cada uma num dos baldes no canto do campo. Juntos fizeram o percurso sem o cão e, antes de iniciar o trajeto com a cachorra, Carlos a chamou e afagou. Passaram pelos obstáculos e Dara abocanhou uma das bolas; o adestrador retirou a bola dela e a entregou para o garoto. A cachorra adaptava-se ao ritmo de Carlos. Primeiro André o acompanhou e orientou, depois deixou Carlos ir sozinho. Quando este tentou colocar uma das bolas em seu bolso, André lhe disse que deveria segurá-la na mão. Carlos corria animado pelos obstáculos com Dara. Enquanto isso, Ricardo foi sentar num tronco no meio do percurso e ficou observando a atividade. João continuou com Alegria e Marcos; dava muitas risadas rolando a bola pelo chão e vendo a filhote tentar pegá-la. Marcos chamou Rita para vir jogar, mas ela não foi. Ao terminar o circuito, Carlos lançou as bolinhas para os baldes e não acertou. Depois Ricardo foi convidado. Carlos foi até a filhote e voltou a escová-la; Marcos orientava para penteá-la com cuidado, sem força.

No campo, Ricardo recebeu instruções de André, depois caminhou tranqüilo; Dara seguia seu ritmo. Às vezes corria animado e a cachorra o seguia. Quando foi arremessar as bolas nos baldes, segurou-as simultaneamente em cada uma das mãos e André disse “Não, joga uma, depois você joga a outra”. Sorrindo, Ricardo arremessou uma, que não caiu no balde, depois, animado, lançou a outra, que também não caiu no balde. Ele continuava sorrindo. Após conduzir Dara novamente pelo trajeto e antes de jogar as bolas, Ricardo pôs a mão no peito e fez o sinal da cruz. Arremessou e não acertou. Quando André perguntou se gostaria de fazer o percurso mais uma vez, Ricardo respondeu com uma ação: pegou a guia de Dara e foi para o percurso; voltando, jogou as bolas. Quase acertou e André questionou se

gostaria de tentar novamente. Ricardo lançou as bolas algumas vezes e acertou. Do lado de fora do campo, os profissionais da escola torciam e aplaudiam.

João e Carlos brincavam de lançar a bola para Marcos; em pé, formavam uma roda e Alegria estava no meio deles. Riam bastante e pareciam descontraídos. Rita continuava na mureta; batendo com um graveto numa árvore, olhou para os adolescentes que jogavam bola. Depois de Ricardo arremessar as bolas, André perguntou quem seria o próximo e João foi até ele, de braços para o alto, comemorando. Com o convite, Ricardo começou a jogar bola com Carlos e Marcos, mas antes tirou uma das camisetas. Marcos a levou até os outros profissionais e disse “Ricardo mandou uma camisa para a torcida... e um beijo”. No campo, André orientou João sobre o trajeto e logo iniciaram. Quando Carlos olhou João conduzindo Dara, logo pegou a guia de Alegria, numa menção de passear com ela, mas aí viu Marcos chegando e pôs a guia no lugar. Então ele, Ricardo e Marcos começaram a jogar a bolinha “sem cair no chão!”. Passado um tempo, Marcos foi até Rita chamá-la; ela olhava para o chão, então ele lhe estendeu a mão, ela correspondeu ao gesto e somou-se ao grupinho. Ricardo havia se afastado deste grupo e jogaram bola Rita, Carlos e Marcos.

João sorria o tempo todo enquanto fazia o percurso; jogou as bolas e acertou, a torcida aplaudia. Fez novamente o trajeto. André trouxe Ricardo para o grupo, orientando-o a fazer companhia a Alegria. O adolescente sentou diante da cachorra, abraçou-a docemente e acarinhava sua cabeça. Carlos veio até eles e passou a mão nela também. Ricardo começou a olhar o campo na companhia da cachorra, que pôs o focinho em seu colo; ele a abraçava e aninhava; envolvendo-a em seus braços, mexia em suas orelhas peludas. Ficaram assim por um tempo. Uma bola chegou a bater em suas costas, mas Ricardo pareceu nem perceber, tanto que sua atenção e afeto estavam voltados para a cachorra. Depois olhou para João, que arremessava bolinhas nos baldes. Com a filhote em seus braços, ele deitava na grama, de barriga para cima. Abraçando a cachorra, olhou para o céu e sorriu. Depois olhou para o movimento ao redor enquanto acarinhava a filhote. Aí ele espirrou, levantou e andou até um tronco no meio do campo, deixando a filhote onde estava. Olhava as coisas ao redor.

Durante esse tempo, Carlos, Rita e Marcos arremessavam a bola uns para os outros. Rita ria quando não conseguiam pegar a bola que havia arremessado. Depois de lançar bolas nos baldes, João foi juntar-se a eles. André convidou Rita para passar pelos obstáculos, mas ela não quis; então ele chamou Carlos para fazer o percurso sem Dara e nomear cada obstáculo. Ele aceitou a proposta, parecia animado. Após terminar o circuito, foi jogar bolinhas nos baldes. A torcida o incentivava; ele acertou algumas vezes e dançava feliz. Os profissionais cantavam “Vai Carlinhos, vai Carlinhos!”. André também o encorajava. O outro grupo continuava jogando as bolas; João jogou uma bola alta que caiu na piscina, logo André lhe deu outra. Ricardo levantou do tronco e Marcos o chamou para jogar bola, mas ele passou reto e foi direto para a torcida, apertando a mão de cada um deles.

André pediu para Paulo trazer “o cão que nada” e em seguida disse para o grupo “Vamos dar tchau para Dara?”. Ouviram-se alguns tchaus dos adolescentes e profissionais. João, que estava próximo de Alegria, esperava Marcos jogar a bola quando a filhote veio em sua direção, então ele pegou sua guia, mas André interveio dizendo “Não, não, deixa ela amarradinha no pauzinho” e o adolescente colocou a guia de volta no pino. Em seguida, voltou a jogar bola com Rita e Marcos.

André comentou com todos “Acho que o cachorro vai nadar agora”, depois pegou um taco de madeira e disse “Vamos ver quem consegue acertar a bola com isso? Um time contra o outro”. João logo veio e acertou também o taco na bola; rindo, jogou a bola para André. Marcos e Rita olhavam para eles. Logo o cachorro chegou e o adestrador convidou Rita para vê-lo nadar. Todos foram ao redor da piscina, menos João, que continuou treinando as tacadas. André chamou Rita para ver de perto - ela acompanhava o cão, que pegou uma bolinha que boiava na água. Quando o cachorro saiu da piscina, Rita foi correndo se esconder atrás de Ricardo; depois o cão voltou para a piscina e Rita ficou observando. Agachado, Carlos jogou uma bola na piscina para o cão pegar. Mais à parte, João via a cena. André avisou que poderiam passar a mão no cachorro se quisessem e Carlos imediatamente passou a mão na cabeça do animal, que continuou a nadar. André perguntou se Rita queria jogar uma bolinha para ele na piscina; ela recusou e mesmo assim ele lançou uma bola para ela. Ricardo a pegou e posicionou-se diante do cão; André o alertou “Ele tá olhando”, então o adolescente jogou a bola, que o cão abocanhou. André

jogou mais uma bola para Rita, que, dessa vez, a pegou, “Peraí, quando eu falar ‘já’” avisou André, ao que Rita respondeu “Tá”. O cachorro foi reconduzido para a piscina, André disse “Ele tá olhando, joga”. Rita lançou a bola. “Ele vai pegar sua bola agora” e o cão pegou a bola, Rita observava. Diante do convite de André, a garota jogou mais uma vez, olhando sorridente para Marcos. Carlos e Ricardo estavam perto, olhando; João olhava de longe, depois foi para o portão.

### **Apreciação (E6)**

A proposta de escovar os cachorros promoveu um encontro grupal e maior integração. Mesmo quando a atividade proposta era individual, permanecia um outro grupo que se relacionava entre si e desenvolvia brincadeiras espontâneas. Havia uma alternância entre situações dirigidas e livres, estas possibilitando que cada um experimentasse as situações de modo significativo e espontâneo.

Refletindo a respeito da vivência de cada adolescente pode-se notar que Rita, após um período de isolamento, veio para o grupo pelas mãos de Marcos numa atividade que não incluía a participação de cachorros. Por vezes parecia impiedosa ao rir quando não alcançavam sua bola, depois assistiu com interesse ao cão nadar, vencendo seu receio e entrando em contato com o cão quando lançou uma bola para ele. João, com sua maneira paciente, envolveu-se nas atividades parecendo ter prazer nelas, demonstrou muita alegria ao brincar com a bola e com a filhote. E Carlos interagia com os animais de forma afetuosa e buscava envolver as pessoas nas situações de grupo, evidenciando um desejo de envolvimento com elas. Por vezes suas ações eram contidas pelos profissionais que pareciam senti-las como ‘falta de limites’, como se suas ações espontâneas e criativas fossem um ataque à tentativa de ordenação e controle sobre o grupo. Com Ricardo podemos perceber um ritmo muito interno, de pouco contato com o exterior, mas quando seu tempo era aceito e respeitado, era capaz de relacionar-se com o outro, primeiro com o cachorro, numa relação repleta de afeto e contato físico, depois com os profissionais, quando cumprimentou cada um.



João conduzindo Tobi (E3)



Carlos (à dir) prendendo a guia de Tobi (E6)



Carlos (à esq) e João (à dir) correndo pelo campo (E4)



Os três jovens e um dos profissionais escovando Alegria (E6)



Rita (à esq) sentada na mureta (E4)



Rita ficava na mureta (E6)



Dara se aproximando de Ricardo (E5)



Ricardo aninhando Alegria em seus braços (E6)

### **Encontro 7 (E7)**

Os adolescentes Rita e João estavam presentes juntamente com alguns dos profissionais da escola e a equipe do canil. Nesse dia havia a visita de um grupo de alunos de adestramento de uma instituição militar que vieram assistir o encontro (o contato foi feito por meio da equipe do canil com consentimento da escola). Estive no campo filmando.

Rita logo foi para a mureta e Beatriz foi com João até André e Alegria. O adolescente acariciou a cachorra enquanto conversava com Beatriz. Junto com o adestrador, começaram a escovar a cachorra. Guilith, outra filhote, que corria solta pelo campo, veio até João e pulou em seu colo, ele sorriu e passou a mão nela. André caminhou na direção de Rita e chamava Guilith; quando a cachorra chegou perto da adolescente, esta subiu na mureta. André pareceu perceber o desconforto dela e voltou até João, com Guilith vindo logo atrás. Então Rita voltou a sentar na mureta. João escovava a filhote e, quando André lhe convidou para passear com ela, ele sorriu e pegou sua guia nas mãos. Começaram a andar e Alegria trazia a escova na boca; João a conduzia com cuidado. Ao ver que a escova caíra da boca da cachorra, André pediu que João lhe entregasse o objeto novamente; ele estendeu a escova e a cachorra a mordeu. A seguir voltaram a caminhar, até que a cachorra resolveu sentar; André e João a chamavam mas ela não vinha, então o adestrador mostrou ao adolescente que se eles se agachassem ela viria; quando ambos agacharam Alegria caminhou até eles. Depois André tirou a guia de Alegria, que correu solta pelo campo junto de Guilith. Alegria procurou Rita, que logo subiu na mureta; então a filhote foi até João e André, sentando quando eles começaram a afagá-la. A seguir, a cachorra continuou a correr pelo campo. João as observava e depois foi com André escovar Tobi. João mexia em sua guia para posicionar o cão e, quando este deitou na grama, o adolescente curvou seu corpo para escová-lo. A seu lado André penteava Guilith. Os cães espontaneamente trocaram de lugar e agora João escovava Guilith e André, Tobi.

Passado algum tempo, André convidou João para passear com Tobi. O adolescente ficou em pé e a seguir agachou próximo ao cão e ficou olhando para ele de perto. Começaram a caminhar e André perguntava os nomes dos obstáculos; João se lembrou da rampa mas dos outros não, então André os nomeou. Ao passarem com

Tobi por baixo de um obstáculo, João fez menção de ir junto e o adestrador lhe disse que daquela vez apenas o cão iria e mostrou para João como segurar a guia para que o cão andasse por baixo. Depois continuaram por outros obstáculos. Terminado o percurso, André lhe explicou uma nova atividade, na qual deveria arremessar bolas dentro de um balde, que ficaria mais longe cada vez que ele acertasse. Animado e com um sorriso no rosto, o adolescente arremessava as bolas: ensaiava as jogadas, concentrava-se e jogava. Quando acertava, comemorava e quando não, exclamava “uhh” e tentava novamente. Do lado de fora do campo, próxima a eles, a torcida composta pelos profissionais da escola e alunos de adestramento incentivava. Quando Guilith foi até João, o adestrador comentou “Olha lá, ela vai tentar te atrapalhar...”; o adolescente sorriu e lançou mais uma bola, não parecendo se incomodar com a filhote pulando em suas pernas e andando ao seu redor.

Com o balde mais distante, João tentava várias vezes, não parecendo desanimar e, quando acertou, ergueu os braços, feliz. André lhe explicou que contariam quantas bolas havia no balde e na grama. João, pensativo, pôs a mão no queixo; primeiro contou as bolas do balde – as que acertou. Ficou concentrado, por vezes sorria, depois recolheu as bolas da grama.

Durante essa situação, Rita tentava se livrar de Guilith: ficou em pé na mureta e dizia “Vai embora!”, pois a filhote estava à sua frente. A adolescente disse mais algumas vezes, brava, para a cachorra ir embora e logo a filhote saiu. Então Rita desceu e sentou.

João conduziu Tobi pela segunda vez; ia sorrindo com André o acompanhando. Ao terminarem, o adestrador comandou o cão para sentar e deitar; João disse “Senta, menino” e passou a mão no cachorro. Depois iniciou o lançamento de bolinhas. Acertando a primeira bola, André pôs o balde mais longe e disse “Vou contar quantas você vai errar”. Após duas tentativas ele acertou, levantou os braços e comemorou. André, recolhendo as bolas e levando o balde mais distante, avisou “Zerou!”. O adolescente jogou três vezes e o adestrador lhe perguntou se ele havia jogado mais bolas nesta última vez ou na vez anterior. O adolescente pôs a mão no queixo por um tempo, “Qual é o maior? É o três, né?”, falou André e ele logo

concordou, voltando a arremessar. Quando acertou, comemorou e recebeu aplausos da torcida. André questionou “Qual você teve que jogar mais bolas para acertar?”, ele ficou pensativo e não respondeu, voltando a lançar as bolas e acertando. Ao final, André perguntou sobre a quantidade de bolas arremessadas e João não respondeu. Então o adestrador acabou convidando o adolescente a dar uma volta com Tobi. João pegou a guia do cão, o adestrador sugeriu que fosse sozinho. Ao passar reto pelo primeiro obstáculo, André o orientou a voltar; assim ele o fez, disse “Aqui, Tobi” e tornou a conduzir o cachorro. Quando o cão não pulou, André foi em seu auxílio. No final, João agradeceu Tobi e antes de jogar as bolinhas fez um aquecimento: esticava os braços, treinando.

Rita continuava sentada na mureta. Guilith estava deitada a aproximadamente cinco metros de distância; as suas de olhavam. Depois a cachorra se afastou e Rita olhou para os lados, com as mãos começou a bater dois gravetos entre si. Ana entrou no campo de foi até ela, chamando Guilith. Rita evitava a cachorra, chutando o ar e ficando em pé. Ana mexia com a filhote e disse algo para a adolescente, que respondeu negativamente. André veio até elas e convidou Rita para jogar bolas sem os cães; ela continuava batendo com um graveto na árvore, não reagia. André insistiu no convite e propôs uma atividade de arremessar a bola para acertar a barreira; ela ouviu a explicação com atenção, aceitou o convite e foi para o campo. Então Ana voltou para junto dos demais profissionais da escola.

Enquanto isso, João, que vinha na direção deles, parou ao lado rampa e começou a correr; numa atividade corporal, sentou na grama e alongou as pernas; já em pé, primeiro esticou os braços e, em seguida, rodou a perna no ar, perdendo o equilíbrio e caindo na grama. Ele e Rita se olharam e riram, então João ficou em pé e voltou a girar as pernas. André o chamou e entregou a guia de Tobi, explicando que passaria num obstáculo levando o cão do seu lado esquerdo. “Você sabe qual é o seu lado esquerdo?” perguntou André. “Não”, disse João. Então o adestrador apontou o cão ao seu lado e avisou que aquele era o lado esquerdo. Perto dele, Rita pulava e agitava os braços quando acertava bolas no obstáculo; André incentivava. João conduzia Tobi na rampa, mantendo o cão sempre ao lado esquerdo de seu corpo. Quando André perguntou “Qual é o lado que ele tá indo?”, João disse “Esquerdo”. Depois André forneceu algumas orientações específicas sobre a condução do

cachorro nesse obstáculo. Rita jogava as bolas e comemorava. Quando André disse “Agora quero ver jogar com a outra mão”, ela trocou a bola de mão e arremessou.

Após ter passado mais vezes pelo obstáculo, João parou e passou a mão na testa, limpando o suor do rosto; olhou para a colega e foi com André até um obstáculo diferente. Este comentava que apenas o cão passaria por baixo e o adolescente perguntou se ele era macho ou fêmea; André disse ser macho e fez uma demonstração de como passar o cachorro por baixo da barreira. João olhava, atento. Quando o adestrador lhe entregou Tobi, o jovem questionou “Será que eu consigo?” e André falou “Consegue...é do lado esquerdo”. João iniciou; André acompanhava e guiava o adolescente com as mãos para que percebesse o movimento. O adolescente tentou ir sozinho, mas logo soltou a guia do cachorro. “Vamos, vamos, você consegue”, disse André; “Tô cansado”, reclamou João, então o adestrador sugeriu que parassem um pouquinho. O adolescente colocou a guia de Tobi num pino, sentou na rampa e ficou olhando Rita e André recolherem as bolas num balde. Depois André pôs barras na lateral do obstáculo e disse para Rita que havia feito um corredor para ficar mais fácil, depois demonstrou como fazer. Em seguida, a jovem jogou a bola, acertou o alvo e comemorou.

André perguntou se João queria ir mais uma vez; o adolescente ficou em pé, pegando a guia de Tobi, e começou a levá-lo para a rampa. Como estavam perto um do outro, André avisou Rita: “Tobinho vai te atrapalhar um pouco, você percebeu, né?”. “Percebi”, respondeu. “Você tem que jogar na hora que ele não está passando”, ele orientou. Com a ameaça de atrapalhar Rita, percebi que João ia mais rápido no obstáculo, ria, depois passava devagar diante da colega. Rita jogava as bolas. André avisava que teriam torcida, então a adolescente comemorou “Corinthians”; João, levantando o braço, disse algo também (que não me foi possível ouvir). Rita jogava as bolas e vibrava muito, pulando e levantando os braços. João conduziu Tobi por outros obstáculos, depois sentou com o cão ao seu lado. André foi até Rita e jogou duas bolas simultaneamente; ela fez o mesmo e logo depois voltou a jogar de seu jeito.

Ao ser convidado para lançar bolas ao balde novamente, João levantou os braços, numa expressão de felicidade; a torcida aplaudia. Ele arremessou as bolas e,

espontaneamente, contou as que caíram na grama. Quando André perguntou se ele havia errado cinco bolas, o adolescente confirmou e retornou a lançar bolas, animado. Depois André chamou Rita para dar tchau a Tobi; de mãos dadas foram até o cão e ela disse “Tchau, Tobi” e acenou para a torcida, indo até os profissionais e abraçando Ana. Após jogar mais bolas, acertar e comemorar, João cumprimentou André e os dois saíram abraçados do campo.

### **Apreciação (E7)**

Novamente as necessidades institucionais ficam evidenciadas pela presença dos alunos de adestramento, configurando-se como uma presença externa interferindo na dinâmica do grupo. As atividades realizadas foram propostas pelo profissional, havendo poucas iniciativas por parte dos dois adolescentes presentes. No decorrer do encontro, João recebeu com carinho as aproximações das cachorras e seus sorrisos pareciam expressar um certo contentamento diante das atividades dirigidas. Através de um ‘aquecimento’ corporal João explorou seu corpo, preparando-o para uma atividade, fazendo isto de modo espontâneo. Num certo momento, quando perguntou se Tobi era macho ou fêmea, pela primeira vez verbalizou uma questão que para ela tinha relevância, porém o assunto não foi levado adiante; mas penso que este poderia ser o ponto de partida para conhecer suas idéias e concepções sobre elementos masculinos e femininos. Em seguida, o jovem demonstrou um sentimento de insegurança diante de uma nova situação, hesitando e recuando diante de um não saber, para, a seguir, voltar a fazer algo conhecido e seguro. Rita, por outro lado, manteve seu isolamento, mas desta vez, quando as filhotes se aproximaram, a jovem foi gradativamente se estruturando diante da situação, encontrando recursos internos para se defender diante delas, seja falando bravo para saírem, ou fitando-as nos olhos, ou chutando o ar. Depois, com elas afastadas do campo, pôde experimentar uma atividade da qual pareceu gostar.

### **Encontro 8 (E8)**

Nesse dia estavam Carlos, Ricardo, João, alguns profissionais da escola e a equipe do canil. Filmei o encontro de dentro do campo.

No início, André e Carlos afagavam a filhote Alegria. Quando o adestrador saiu para conversar com Marcos, Carlos a abraçou carinhosamente e a chamou de

“menininha”. João sentou num tronco e olhava ao redor enquanto Ricardo foi conversar com Marcos. Olhando para a filmadora, Carlos me chamou de tia e percebi que desejava ser filmado: ele agachou e acarinhou a filhote, em seguida pegou duas bolas de um balde e correu na frente da filmadora, agitando as bolas nas mãos. E João foi até a filhote e a agradeceu com as mãos. Ricardo veio diante de mim e fez um espetáculo de jogar a bola para o alto; acenando, aproximou-se da filmadora e olhou pela tela, passando a mão diante da lente. Perguntei se estava se divertindo. Logo Carlos também veio e Ricardo voltou a correr, saltando e jogando bolas para o alto, parecendo contente e descontraído. Carlos continuou lá, olhou pela filmadora e exclamou “Ai, que legal!”; tentou mexer nela e eu disse que depois poderia ver mais. No meio do campo, Ricardo ajeitou a filhote Alegria entre suas pernas e ficou afagando-a; João olhava para eles. Quando Ricardo levantou a pata da cachorra, eu disse para Carlos que Alegria estava dando tchau para ele e perguntei se não ia dar oi para ela. Avisei “Vou ficar te olhando daqui”; ele pôs o dedo na lente e disse “Daqui, ó”, caminhou até a cachorra, mas antes se virou para mim e acenou.

Ricardo deitou no chão e, equilibrando seu corpo, passava os pés e pernas na cachorra, que recebia seu gesto com tranqüilidade; depois sentou e envolveu-a em seus braços e pernas, aconchegando-a em seu colo. Relaxado, tirou os sapatos. Depois de um tempo ficou em pé. Marcos chegou e perguntou se havia gostado da cachorrinha; Ricardo olhava para os lados e não respondeu. Marcos apontou a cachorra e repetiu a pergunta; sua resposta foi um beijo na testa de Alegria e um abraço. E ficou assim: abraçado com a cachorra olhando as pessoas ao seu redor. Por fim, ele levantou e começou a andar para o grupo, deixando a filhote, mas voltou e abraçou a cachorra mais uma vez, pondo a cabeça nas costas dela e suspendendo-a em seu colo. Depois saiu em outra direção.

Enquanto isso, Carlos e João arremessavam bolas de um balde: sorriam e pareciam se divertir. André explicou para os três adolescentes que fariam dois times: eles três contra três adultos; Marcos completou dizendo que quem colocasse mais bolinhas no balde ganharia. Ricardo parecia meio distante e os profissionais perguntaram se ele havia entendido e explicaram mais uma vez. Quando André jogou as bolas para o alto, João e Carlos correram rápido para pegar as bolas e guardá-las no balde; os

profissionais faziam o mesmo. Parado e, como se estivesse fora da situação, Ricardo olhava; André convidou-o para participar, mas ele recuou o corpo e disse não querer, depois se afastou dali, olhou de volta e sorriu. Após as bolas serem recolhidas, foram contadas e Marcos anunciou para João e Carlos "Vocês ganharam! Muito bem!". Ricardo ficou sentado num tronco, de costas para todos. Marcos foi até ele e, abraçando-o, trouxe-o para o grupo.

André comunicou que buscaria Dara e, quando esta chegou, Carlos correu para perto, animado. André ia começar a explicar algo, mas Marcos foi até ele e começaram a conversar; depois os dois traçaram duas linhas paralelas com as bolas, atravessando o campo. Carlos, curioso, seguia André. João, que estava sentado no gramado, via de longe. Mais uma vez Ricardo se distanciou do grupo, caminhou até a cerca perto da mata e, de costas para o campo, fez xixi. João olhou em sua direção. Enquanto Marcos e André acertavam os detalhes da próxima atividade, Carlos passava a mão em Dara. João veio até eles e André explicou que conduziram a cachorra fazendo zigue-zague pelas bolas alinhadas. Depois ele acompanhou Carlos no trajeto, fornecendo orientações. Lá no fundo do campo formaram-se dois grupos, com Marcos e João de um lado e Vera e Ricardo de outro; cada dupla tinha um balde nas mãos e uma tentava acertar a bola no balde da outra. Pareciam se divertir. Carlos continuava conduzindo Dara, agora com maior segurança e facilidade; chamava o grupo para que olhassem para ele e por vezes andava reto, esquecendo de fazer o zigue-zague. Quando André foi lhe explicar alguma coisa, Carlos ficou absorto afagando a cachorra. Depois voltou a conduzi-la e assim que chegou perto das duplas, entregou a guia de Dara e correu para Marcos, muito interessado no jogo das bolas, do qual começou a participar.

Nesse momento André chamou João para fazer o zigue-zague; o garoto mantinha sua atenção dividida entre o adestrador e o grupo das bolas. Depois se concentrou em Dara e fez o trajeto. André o orientava dizendo "direita, esquerda" e, ao seu pedido, o adolescente dizia quando era direita e quando era esquerda. Ao retornarem para o ponto de partida, o jovem logo entregou a guia da cachorra para o adestrador e foi seguindo para o grupo. Então André chamou-o de volta. Ele voltou, parou e olhou para o grupo, então teve a sensação de que se sentia excluído; depois foi com André para a pista de zigue-zague. Caminharam por ela sem a cachorra. O

adolescente, concentrado e parecendo um pouco apressado, dizia quando era direita e esquerda. Ao terminar foi para o grupo e começou a jogar bola. Então Marcos explicou para os três adolescentes que deveriam correr – cada um numa linha das bolas – até o outro lado do campo e, contornando as bolas em zigue-zague, demonstrou como deviam fazer e avisou “Pega a cachorrinha e volta correndo até aqui”; os três prestavam atenção. E Vera acrescentou “Quem ganhar vai com o outro colega”.

Carlos e João se posicionaram; Ricardo olhava; André e Dara estavam do outro lado do campo. Carlos estava em pé e João agachado – como os atletas em corridas. Quando foi dada a largada, ambos correram em zigue-zague; João chegou primeiro, pegou Dara e voltou; Carlos veio depois, de mãos dadas com André. Ao chegarem ao ponto de partida, João levantou os braços, Marcos aplaudiu os dois e convidou Ricardo para ser o próximo, mas ele ficou sentado, parado e pouco acessível. Enquanto isso, André havia dito para Carlos ir sem a cachorra, então ele correu, bem animado, foi e voltou, aí o adestrador lhe entregou Dara e disse para dar uma volta. O garoto correu com ela até o lado oposto do campo, deu voltas e veio até eles novamente. João correu mais uma vez, pegou Alegria na guia e voltou.

Ricardo continuava sentado no chão, isolado; aceitou a aproximação de Alegria, trazida por André. A filhote sentou entre suas pernas, ele envolveu-a em seus braços, pegou sua guia e levantou. André lhe perguntou “Vai fazer com ela?” Visivelmente chateado, o adolescente abandonou a guia da cachorra e caminhou para longe do grupo. O adestrador foi atrás dele levando a cachorrinha, esticou a guia para o adolescente, mas este mantinha os braços atrás de seu corpo. Ricardo agachou e aproximou seu rosto da cachorra, que tentou pular nele, mas conteve-a com os braços. Quando Marcos chegou e encostou em Ricardo, ele pareceu nem perceber, de tão atento que estava com a filhote; pôs a cabeça em suas costas e abraçou-a, ficaram rosto com rosto. André agachou ao seu lado e lhe estendeu a guia; o adolescente cochichou algo em seu ouvido, então eles levantaram e Ricardo começou a passear com ela, correndo pelas linhas das bolas; sorrindo, foi cumprimentar Vera.

Carlos passeava calmamente com Dara, fazendo zigue-zague. João agora estava com a filhote Alegria e corria. André disse “Vamos lá, vamos lá” e eles correram de volta para o grupo. Então André orientou que cada um pegasse um balde e recolhesse as bolas. Carlos e João logo iniciaram; Ricardo ficou parado, olhando, depois correu e foi recolher as bolas, fazia de sua blusa dobrada o seu balde.

Marcos perguntou “Vamos, então? Chega? Semana que vem a gente volta, né?” João e Carlos acarinhavam as duas cachorras e Ricardo seguia em outra direção. Marcos falou que iriam embora e para darem tchau para as cachorras - os dois foram afagá-las; para André – eles foram cumprimentá-lo; e para mim – eles também vieram me dar tchau.

### **Apreciação (E8)**

Neste encontro as atividades dirigidas foram alternadas com situações mais livres e espontâneas. Logo no início os três adolescentes buscaram contato e interagiram com a filhote Alegria, porém cada um deles se relacionou apenas com ela mas não entre si. Carlos e Ricardo expandiram seus interesses e olharam através da filmadora, buscando serem vistos de maneira pessoal. Quando assegurei que estaria olhando Carlos, foi interessante sua comunicação para que eu o visse dali. Relacionou-se comigo fornecendo-me um lugar e uma função. Pensando na vivência de cada adolescente, Ricardo devotou intensa gama de afeto à filhote, acolhendo-a em seus braços e mantendo uma relação de proximidade, inclusive física. Depois se afastou do grupo, parecendo alheio ao acontecer humano das pessoas ali, não estabelecia contato, nem para solicitar usar o banheiro. Entretanto, no círculo que fechou em volta de si, era permitida a entrada de cães, mas de humanos não. E com a presença do animal o adolescente encontrou meios para partilhar do humano, quando se uniu aos colegas para recolher as bolinhas. João demonstrava interesse pelas atividades propostas, mas pareceu ter sua atenção dividida entre duas atividades, uma das quais formada pelo grupo da escola, da qual tive a impressão de que ele se sentiu excluído quando realizou outra atividade com André. O mesmo pareceu acontecer com Carlos, embora em menor intensidade. Um aspecto que pareceu relevante foi a atitude de Marcos em preparar os adolescentes para finalizar o encontro, trazendo a noção de processo e de tempo.

**Encontro 9 (E9)**

Carlos, João e alguns profissionais da escola e do canil estavam presentes. Fiquei no campo filmando.

Carlos, João e Marcos começaram a jogar bolinhas uns para os outros, então André chegou trazendo Dara consigo. Carlos iniciou contato com a cachorra, passando as mãos em suas costas e pegando sua guia. André solicitou que a comandasse para sentar e deitar; o garoto falou os comandos mas ela não correspondeu. Então o adestrador e Carlos sentaram perto dela e o adolescente começou a escová-la; João também pegou uma escova e somou-se ao grupo. André perguntou o que haviam feito na escola naquele dia: “Nem sei”, respondeu João; então André perguntou se haviam almoçado e Carlos respondeu afirmativamente, dizendo o que tinha comido. Depois o garoto buscou outra escova e a entregou para André que questionou “Quer que eu escove também?” “É”, disse Carlos. Enquanto escovavam continuaram conversando. André perguntou o que mais haviam feito naquele dia e quem estava na escola; Carlos disse alguns nomes e João escovava a cachorra em silêncio, sorrindo. Carlos havia saído por uns instantes do grupo e voltou trazendo Vera pelas mãos, depois trouxe Marcos; todos penteavam Dara e Carlos conversava com eles. Depois André convidou “Vamos passear com ela?” Carlos disse “Vamos” e foi até Alegria. Quando perguntaram a ele qual era o nome da cachorra, ele apontou cada uma e disse, “Dara e Alegria”. André lhe entregava a guia de Dara enquanto dizia “Hoje nós vamos aprender a andar com a Dara”; o garoto a chamou e abraçou. André passou a orientá-lo como segurar a guia usando as duas mãos. Carlos prestava atenção e em seguida começou a andar com a cachorra; estava sorrindo e, quando a cachorra desviou do caminho para cheirar Alegria, ele disse em alto e bom som “Dara! Ô!”, ajeitou a guia e continuou. Ao ver um obstáculo à sua frente, o garoto, interessado, apontou em sua direção; André avisou que naquele dia só andariam com ela. Ele caminhava à frente, mudando de direção e Carlos seguia atrás, conduzindo Dara.

Enquanto isso João, que estava sentado junto de Vera e Marcos, mexia na escova; parecia desanimado. Passado um tempo, ele e Marcos começaram a jogar futebol - o profissional era o goleiro e o adolescente chutava a bola. Brincavam com um pouco de entusiasmo.

Carlos continuava andando com Dara, tinha facilidade em conduzi-la. Fizeram a cachorra sentar e depois seguiram mais um pouco; quando pararam e Dara sentou novamente, Carlos a afagou e, baixando a guia conforme André orientava, o garoto fez Dara deitar e ficar. Afastaram-se um pouco dela, que ficou parada esperando; quando voltaram Carlos caminhou com ela novamente. André ensinava os comandos e Carlos os colocava em prática: “Senta, Deita e Fica”; Dara obedecia. Quando chamavam a cachorra, Carlos batia palmas. André ensinou a não pressionar as costas da cachorra para sentar, deveria apenas dizer o comando e levantar um pouco a guia, Carlos fez isso e disse carinhosamente “Senta, menininha” e Dara sentava; abaixando a guia, ele a fazia deitar. O jovem afagava carinhosamente sua cabeça.

Depois João e Carlos trocaram de lugar: este foi jogar futebol com Marcos e aquele foi conduzir e comandar Dara. Após André explicar como segurar a guia da cachorra, João caminhou com Dara pelo campo, seguindo os passos de André; estava com um sorriso no rosto e parecendo concentrado. Quando a cachorra obedeceu a seu comando para sentar, ele passou a mão em sua cabeça e em seguida beijou-a; só então abaixou a guia e a fez deitar. O adolescente e o adestrador comandavam a cachorra para sentar, deitar e ficar. Quando chegaram perto de Carlos, ele logo apontou a cachorra e a mostrou para Marcos. Enquanto a cachorra estava no comando ‘Fica’, João foi até Carlos e juntos começaram a jogar futebol. André o lembrou que Dara ainda estava sob comando e disse “Mais um gol só, hein!” Alegres, os adolescentes continuaram jogando. Marcos exclamou “Na trave!... agora vem cá”. Vera disse “Agora chega”, e Carlos foi guardar a bola no balde.

Com os dois adolescentes sentados na grama, André explicava novamente os comandos. Ao fazer Dara sentar e ficar, Alegria correu na direção deles e o adestrador logo a retirou de lá, prendendo sua guia num pino mais distante dali. Carlos batia palmas para atrair a atenção da filhote. André o chamou e voltou a explicar. A convite de André, Carlos conduziu Dara; passando perto de Alegria, ele passou a mão nela, depois continuou o treino com a rottweiler. Depois foi a vez de João comandar a cachorra. Carlos os observava, na companhia de Alegria, depois

olhou para a filmadora e acenando começou a escová-la. Quando João comandou a cachorra para sentar, ela logo deitou, então André lhe disse “Ela tem que fazer as coisas quando você quer, tá bom?”. Continuaram treinando mais um pouco.

Após um tempo, Carlos foi chamado por André para passear mais uma vez com Dara; ele logo deixou de escovar Alegria e foi até eles; fazia os comandos repetindo para Dara as palavras de André. João ficou sentado no gramado e jogou uma bola na direção dos profissionais, depois deitou para, em seguida, virar o balde para baixo e começar a recolher as bolas que estavam nele. Às vezes parava e, ao observar Carlos e André, que continuavam comandando a cachorra, parecia um pouco desanimado. O garoto bateu palmas e chamou “Aqui, Dara”; sua fala não era muito clara e André o orientou “A-qui”; Carlos repetia. Quando a cachorra veio, contente, ele exclamou “Êêêê!” e foi correndo com ela até um obstáculo; André demonstrou como fazer a cachorra subir na rampa e o garoto passou com ela pelo obstáculo.

João foi se sentar com Marcos e Vera, trazendo o balde consigo; ele e Marcos mexiam na bolinhas. Logo foi chamado para levar Dara, ele foi até André e Carlos foi com Marcos mexer nas bolas de tênis. João conduzia a cachorra e, cauteloso, esperou André segurar a rampa para ela descer, passou mais algumas vezes pelos obstáculos e depois comandou-a para sentar, deitar e ficar. Quando foi proposto fazer o zigue-zague e depois pegar a cachorra, João correu animado, voltou a chamar a cachorra, que veio até ele. André lhe perguntou se gostaria de ir novamente, ao que ele respondeu “Não, cansei”.

Depois de ficar com Marcos, Carlos foi até Alegria, afagou-a e brincou de equilibrar uma bola na cabeça dela. Depois João chegou até eles com o balde de bolas – em cada uma estava escrita uma letra. André perguntou se conheciam as letras, mas nenhum dos dois respondeu. João despejou as bolas no chão. André começou a apontá-las e perguntar que letra era; os dois respondiam. Então ele questionou “O que tem no cachorro com a letra R?” Os dois ficaram pensativos: “A gente já penteou...”, lembrou André. João arriscou algo (que não foi possível ouvir da filmadora), André disse que também pentearam, esperou mais um pouco e disse que era o rabo.

Depois os três recolheram as bolas no balde. Alegria, que estava deitada no meio deles, foi até Carlos, que parou de recolher as bolas, pegou uma escova e começou a penteá-la. Quando o garoto deitou-a no chão, André disse “Devagarzinho, com carinho”; e ele continuou escovando. Vera avisou “Vamos embora, acabou”, ao que Carlos respondeu “Acabou não!” e ficou penteando a filhote mais um tempo. Depois João lhe chamou por duas vezes “Vamos, Carlos”; então ele se levantou e todos foram para o portão.

### **Apreciação (E9)**

O encontro iniciou com uma atividade em grupo de lançar bolinhas, depois a cachorra foi incluída e passaram a escová-la. Carlos buscou integrar o grupo, trazendo todos para participar ativamente da escovação. Depois, individualmente, conduziram e comandaram o cão com as orientações de um profissional. Tanto Carlos quanto João demonstraram afeto pela cachorra, seja afagando-a ou beijando-a. Carlos comunicava seus sentimentos de forma mais direta para o animal, bravo quando era por ele frustrado, respeitoso ao fornecer os comandos, brincalhão ao equilibrar uma bola e constantemente carinhoso. Neste encontro, pela primeira vez, surgiu uma atividade espontânea e de contato entre os dois adolescentes quando, a partir do jogo de futebol criado com Marcos, os dois se encontraram e começaram um jogo. Pareciam divertir-se e estarem envolvidos, porém o jogo logo terminou por intervenção dos profissionais.



Jovens olhavam o cão nadar enquanto Rita (à esq) jogava bola para Nêgo (E6)



Alegria sendo abraçada por Ricardo (E8)



Rita evitando a filhote Alegria (E7)



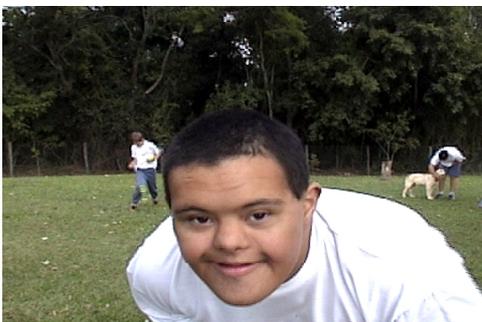
João (à esq) correndo com Dara e Carlos (à dir) com um dos profissionais (E8)



João conduzindo Tobi e Rita lançando bolas (E7)



Carlos equilibrando uma bola no focinho de Alegria (E9)



Enquanto Carlos jogava bolas para o alto (à esq), Ricardo veio até a filmadora e João afagava Alegria (à dir) (E8)



João e Carlos espalhando bolas de tênis (E9)

**Encontro 10** (E10)

Estavam presentes Carlos, Rita, Ricardo e João, juntamente com alguns profissionais da escola e a equipe do canil. Fiquei no campo filmando.

Enquanto André e os profissionais da escola conversavam, Carlos foi até Tobi, pegou sua guia e começou a passear pelo campo, descontraído. Ao passarem perto de Rita, que estava sentada na mureta, o cão tentou se aproximar dela, que recuou o corpo; Carlos logo conteve o cachorro pela guia e seguiu o passeio. Corria em círculos com Tobi, estava de braços abertos, chacoalhava sua guia parecendo incentivá-lo a seguir seus movimentos. Foram até Alegria e os cães se cheiraram; Carlos esperou e observou, depois caminharam até Dara. André pediu a Carlos para deixar Tobi onde estava, então ele prendeu a guia do cachorro onde estava e chamou André para mostrar o que havia feito. A seguir foi, até a rampa e Lurdes disse “Carlos, senta e espera um pouquinho que agora é a vez de João”; o adolescente mexia na rampa para cima e para baixo, mas os profissionais insistiram em chamá-lo. Então André buscou uma escova, Carlos foi atrás e também pegou uma, o adestrador disse para ele escovar Alegria e não sair dali. Disse para escovar as orelhas, patas e costas; quando o garoto perguntou se era para escovar tudo, André avisou para não pentear a barriga. Carlos começou a penteá-la e logo ela deitou de barriga para cima; ele escovou a lateral de seu corpo.

André e Lurdes foram até João, levaram Dara com eles e o adestrador demonstrou o comando ‘junto’, em que a cachorra caminhava ao seu lado, depois comandou para sentar. João começou a conduzi-la, disse “junto, Dara” e caminharam, depois falou ‘Senta’ a pedido de André, que o instruíra a agradecer a cachorra e dizer ‘muito bem’. Enquanto isso, Carlos estava entretido penteando a filhote: colocou-a entre suas pernas, depois se sentou e, quando levantou, a cachorra deitou e tentou morder a escova. Carlos a manipulava, posicionando suas patas e seu corpo; a cachorra não demonstrava nenhuma resistência aos seus movimentos, estava receptiva e calma. Então Lurdes e João o chamaram, ele pareceu não ouvir pois estava muito envolvido com a filhote. João foi até ele e Carlos o acompanhou até os profissionais, mas não sem antes passar a mão na cabeça de Alegria. André e Lurdes pediram que João explicasse para Carlos o que iria fazer, ao que o adolescente respondeu que iria andar, dar a meia volta e dizer para Dara sentar.

André completou dizendo que depois do ‘senta’ vinha o ‘muito bem, Dara’. Lurdes recomendou que Carlos não puxasse a guia pois a cachorra obedeceria pela sua fala. João demonstrou uma vez como fazia, Carlos observou, depois conduziu a cachorra. André ia à sua frente, dando orientações. Ao final, Carlos colocou o boné que estava usando na cabeça da cachorra e o adestrador ajudou a segurar, em seguida devolveu o boné ao garoto. Após ter andado e comandado Dara novamente, Carlos colocou o boné na cabeça desta, mas a cachorra levantou-se e André interveio dizendo “não, não”, então o garoto tirou o boné e afagou a cabeça da cachorra.

Beatriz também entrou no campo e João foi recebê-la, parecia contente com sua vinda. André o avisou que se quisesse poderia escovar Alegria; ele pegou uma escova e começou a pentear a filhote. Beatriz foi em direção a Rita, na mureta, e, de braços dados, as duas andaram até o portão.

Desde que Tobi teve sua guia amarrada a um obstáculo, ficou latindo e uivando. Ricardo – que estava fora do campo – entrou e correu até o cão, que parou de uivar e latir com sua chegada. Então o rapaz pegou sua guia e começaram a andar pelo campo, Tobi ia à frente e Ricardo o seguia. Ao passarem por André, este segurou a guia do cachorro, olhou para Ricardo e perguntou “Tudo bem?”; Ricardo respondeu com um aperto de mão. Seguiram o caminho e Tobi foi em direção a Rita, que correu até a mureta. Depois Ricardo correu à frente do cachorro, que o seguiu; andaram juntos e Ricardo conduziu Tobi na rampa, André olhou e disse “Aêê”. Sentado no meio do campo, João penteava a filhote Alegria e decidiu pegar sua guia e passear também; tentou fazê-la subir na rampa, mas ela não conseguiu. Carlos continuava a conduzir Dara, recebia orientações de André e Lurdes. Quando comandou a cachorra para ficar, afastou-se e esperou; nesse momento, Ricardo entregou Tobi para André e foi até Dara, agachou, afagou sua cabeça e pegou a guia. Carlos, que apenas olhava, foi até o colega, então André disse para Ricardo “Essa não” e Carlos pegou a guia da cachorra em suas mãos e começou a caminhar.

Desde que foi para a mureta, Rita ficou sentada com um graveto na mão. Ricardo foi até Tobi e sentou na grama. André disse para João ficar com eles e escovar Alegria.

O adolescente colocou a guia no pino e André levou Tobi para a cerca do portão. Os dois sentaram de frente um para o outro, com a filhote no meio deles; Ricardo colocou a mão na cachorra e João olhava para baixo, desanimado, e mexia na guia de Alegria. Ricardo começou a escová-la e João a afagava, porém mantinha seu olhar em Carlos e André, que conduziam Dara. Depois abraçou e beijou a cachorra, sorrindo para ela, que deitou a cabeça em seu colo; em seguida olhou para os outros que conduziam a outra cachorra. Ricardo penteava a filhote, que veio cheirar seu rosto, então a abraçou enquanto escovava. Depois ela deitou entre eles: João acariciava suas orelhas e Ricardo penteava suas costas.

Passado um tempo, André falou para Carlos ir escovar Alegria e chamou João para levar Dara; este rapidamente pegou a guia da cachorra e começou a caminhar. Lurdes perguntou ao adestrador se Ricardo também poderia ir, ele respondeu afirmativamente. Carlos, juntamente com Ricardo, escovava Alegria, que ficou deitada de barriga para cima. Lurdes se aproximou e entregou um lenço para Ricardo, que assoou o nariz; depois ela voltou até os demais profissionais. Em seguida, Ricardo levantou e foi até Tobi; ao vê-lo o cachorro pulava no ar e abanava o rabo. O rapaz passou a mão nele, sentou no chão e começou a escová-lo. Quando João terminou de conduzir e comandar Dara, foi escovar Alegria junto com Carlos e André foi com Dara convidar Ricardo para conduzi-la; o adolescente olhou e fez 'não' com a cabeça, voltando a escovar Tobi; depois pôs a mão no focinho de Dara. André ofereceu a guia da cachorra e disse "Vamos lá?"; sem responder, o jovem ficou olhando para baixo. O adestrador continuou "Então tá bom...pode guardar o Tobi?" Ricardo não respondeu. André perguntou "Quer fazer com o Tobi então? Vamos fazer com ele!" e o adolescente voltou a escovar o cão. André insistiu no convite, Ricardo respondeu "Não". Então André disse que deixaria Tobi no meio do campo para ele escová-lo. O rapaz olhava para o chão enquanto André levava o cachorro, depois logo voltou até ele e pôs o cão à sua frente, esticou a mão e disse "Dá aqui, deixa eu te mostrar como se escova ele, segura aqui na escova". Sem dizer nada, Ricardo levantou, caminhou até o portão e saiu do campo. Ana tentou segurar seu braço e ir até o estacionamento; ele se desvencilhou dela e sentou no balanço. Ela falava com ele, que fazia 'não' com a cabeça. Lurdes tentou explicar para André "Quando ele não quer, não faz". Ana se afastou dele e Beatriz disse

“Aqui, Ricardo, o Tobi está te chamando”. Ele não respondeu e começou a balançar mais forte, ficando assim por um tempo.

Enquanto isso, André foi até os outros dois adolescentes que penteavam Alegria. Apontava as partes do corpo e perguntava os nomes, os dois respondiam, animados. Lurdes foi até eles. Lá na mureta, Rita permanecia sentada e com um graveto na mão, parecia balbuciar algumas palavras. André a chamou, ela olhou e abaixou a cabeça; ele foi até ela, pegou um outro graveto e tentou conversar; Rita fazia ‘não’ com a cabeça, depois respondeu a algumas perguntas, olhava para o chão e agitava o graveto. No meio do campo os dois adolescentes riram quando João fez menção de escovar o cabelo de Carlos.

Beatriz e Ana foram até Ricardo e, sempre que falavam algo, ele fazia ‘não’ com a cabeça. Beatriz se afastou e Ana continuou com ele; perguntou se queria que o empurrasse, ele respondeu “Não”, mesmo assim ela colocou as mãos em suas costas e o empurrou; perguntou novamente se podia. “Não” insistiu ele. “Nem isso pode?” indagou a profissional. Quando ficou sozinho, Ricardo parou de balançar e cruzou os braços sobre o peito. André trouxe Tobi e prendeu a guia na balança. O cão abanava o rabo e cheirava o chão. Bravo, Ricardo mandou “Pára!”; o cão apenas abanava o rabo. Pegou a guia do cão na mão e olhou para ele; quando Tobi se afastava, Ricardo secamente puxava a guia. Depois começou a se balançar e o cão foi obrigado a adaptar-se ao vai-e-vem do rapaz. Depois pararam. Nesse momento fixei a filmadora em Ricardo e aproximei-me dos profissionais da escola: Ana pediu que eu fizesse alguma coisa, eu disse achar que Ricardo havia ficado chateado porque “ele tava com o Tobi e a gente interferiu, acho que ficou chateado e quando a gente fica assim às vezes quer ficar um pouco sozinho”. A profissional pareceu compreender e voltei para a filmagem.

Ricardo olhava o cachorro e trazia-o à sua frente sempre que este tentava ir em outra direção. Puxava a guia de um modo impetuoso, mas Tobi parecia não se importar e seguia a vontade do jovem. Ele olhou na direção da filmadora e rapidamente voltou a olhar para o cão, olhou novamente para mim e começou a acenar; eu acenei para ele também. Ele acenava de vários modos, levantou as sobrancelhas, depois fechou os olhos e quando os abriu, sua expressão era de

surpresa; acenamos por algum tempo um para o outro, em comunicação. Virei minha mão de um lado para o outro e ele também o fez; depois apontou para cima, repeti seu gesto, ele apontou mais uma vez e disse algo que não entendi; virei a filmadora para cima na tentativa de saber se era isso o que queria, mas ele apontou novamente e disse algo. Eu não conseguia ouvir, depois indiquei que viraria para o campo e apontei para mim e girei a mão. Ricardo meneava a cabeça sinalizando que não havia entendido, então fiz novamente o gesto de virar a filmadora; ele olhava sem entender. Diante de sua expressão de não entendimento, girei meu dedo diante da orelha, num gesto de 'biruta'; achando graça ele fez o mesmo e riu. Voltei a filmadora para o campo.

No campo, João passeava com a filhote Alegria e o adestrador os acompanhava. Carlos tentava se equilibrar num tronco; André disse "Você vai cair..." e o chamou para passear, ele foi e João sentou no tronco.

Ricardo levantou do balanço e caminhou em direção ao estacionamento, levando Tobi consigo. Ana correu até eles. Pedi para Lurdes filmar e fui até Beatriz, conversei sobre ir até Ricardo uma vez que havia feito contato comigo e ela comentou que achava apropriado; então fui até ele, que estava na companhia de Ana e do motorista olhando os pássaros no viveiro, parecia absorto com eles. Perguntei para Ana se estava tudo bem, ela respondeu afirmativamente. Então voltei para o campo.

Lá Carlos corria livremente trazendo Alegria pela guia. A pedido de André, o garoto entregou a cachorra para João e foi subir no tronco novamente. André lhe disse "Não, não"; ele olhou e depois continuou, subia várias vezes e, quando começava a perder o equilíbrio, pulava em pé na grama. Olhou para a filmadora e chamou 'Tia', depois subiu na rampa; André e Lurdes lhe disseram "Não". Carlos voltou para o tronco e subiu. Quando André se aproximou, ele rapidamente sentou. Os dois foram até João e Alegria e começaram a correr pelo campo. Depois André soltou a guia da cachorra e os dois adolescentes tentaram atrair sua atenção, mas ela cheirava o chão; depois a filhote foi em direção a Rita, que estava com Dara deitada à sua frente. O adestrador segurou a filhote e pediu que os dois a tirassem de lá enquanto ele levava Dara. A filhote estava deitada e os dois a chamavam e batiam palmas,

mas ela não reagia; então começaram a correr e ela veio atrás. Tobi chegou até eles e os três cães se cheiraram. André levou Dara e Tobi para o campo ao lado e deixou a filhote com os adolescentes; Carlos o ajudou.

Depois Carlos viu uma bola no chão e a chutou para o alto. Ele, João e André começaram a chutar bolas para a cachorra. André chutou algumas para Rita e convidou-a para jogar, depois disse aos garotos “Só não vale acertar ela”, referindo-se a Alegria. Tentavam atrair sua atenção, mas a cachorra preferia cheirar a grama. Então André chamou os dois para jogar bolas para Rita e eles começaram a fazê-lo, rindo. André pediu que ela jogasse as bolas de volta. Sentada na mureta, ela não parecia muito interessada; lançou algumas bolas, mas quando André foi até ela, Rita se levantou e começou a jogar: lançava as bolas cada vez mais altas e, animada, ria. Quando Lurdes disse para guardarem as bolas, Carlos protestou “Ah não!” André os instruiu para pôr as bolas no balde. Os dois adolescentes miravam no balde e arremessavam as bolas, enquanto Rita as recolhia do chão. Carlos veio até a filmadora e olhou pela lente, depois voltou e jogou bolas no balde. Ana perguntou a Rita se gostava da cachorra Alegria; a jovem respondeu negativamente. Ana disse “Vamos embora?” e todos caminharam para o portão.

### **Apreciação (E10)**

O encontro apresentou uma dinâmica bem variada, sendo que diversas situações aconteceram simultaneamente. Alguns adolescentes pareceram experimentar uma forma mais pessoal de se apropriar do espaço e da relação com os animais. Carlos explorou a criatividade incluindo Tobi em seus movimentos e ações, João pegou a guia de Alegria e passeou pelo campo, Ricardo entrou no campo para, talvez, aplacar o sofrimento do cão em estar só. Rita permaneceu em isolamento do grupo, mas ao final, na ausência de cães maiores, conseguiu, gradativamente, estar com os outros colegas. Houve momentos em que o brincar apareceu no plano individual e também no grupal, como quando João ensaiou escovar o cabelo de Carlos e ambos riram. Se por um lado houve a criação de um espaço para experimentação, por outro lado, os gestos espontâneos tinham o curso da experiência alterado pela colocação de um tempo e atividades que eram vindas da equipe profissional, ocasionando a interrupção de experiências significativas, e possibilitando três caminhos aqui notados: a esperança refletida na busca de Carlos por novas

sensações e explorações; a submissão aparentada por João em diferentes momentos; ou a reação à invasão de Ricardo, recolhendo seu self para um isolamento do mundo, num balanceio constante e seguro.

Aqui o cão pareceu transitar entre diferentes funções: um outro vivo e não-humano capaz de adaptar-se ao ritmo e ao tempo dos jovens, ou um ser capaz de demonstrar sofrimento e de ser recuperado pelo afeto humano, ou ainda um conforto para aquele que se sentia excluído de uma atividade desejada; também foi vivido como fonte ameaçadora para outros, ou alvo de expressão da injúria sentida pelas pessoas.

### **Encontro 11** (E11)

Nesse dia estavam os adolescentes Rita, João e Carlos e também alguns profissionais da escola e a equipe do canil. Fiquei no campo filmando.

Esse encontro começou com os três adolescentes no campo. André perguntou para Rita “Tudo jóia?” e ela lhe respondeu com um abraço; depois ele indagou “Qual deles você gostaria que viesse para cá?”, “Alegria” respondeu, “Você quer a Alegria aqui?” confirmou André, “Aqui” disse Rita. “Só vou pegar ela se você quiser, tá bom?”, “Tá”. Carlos foi até a cerca que separava o outro campo onde estavam Dara, Tobi e Alegria, cumprimentou a filhote e a chamou por seu nome; Alegria pulou na cerca e lambeu sua mão. Ele jogou uma bola para lá e Dara a pegou, depois foi até os colegas e, assim como eles, segurou uma raquete de tênis na mão. Quando André chegou trazendo Alegria, pediu que guardassem a raquete e pegassem as escovas; João e Rita começaram a pentear a filhote. Marcos também estava com eles e Carlos logo chamou Vera, que veio até eles, então o garoto lhe entregou sua escova e buscou outra para si. Nesse momento Tobi, que estava com a guia presa num pino, escapou e começou a vir até o grupo. O adestrador saiu e levou-o de volta para o outro campo. Formaram um círculo ao redor da cachorra: Rita e João escovavam as costas dela e Carlos, sua cabeça.

Vera perguntou se a cachorra estava cheirosa, os dois adolescentes a cheiraram e disseram que estava um pouco fedida, então começaram a conversar sobre tomar banho. Marcos disse que estavam fazendo carinho na cachorra e perguntou “Quem

gosta de carinho?” e os três responderam “Eu, eu”. André, trazendo Dara, perguntou quem iria escová-la; Carlos rapidamente foi até eles e o adestrador propôs que penteasse a cachorra enquanto ela andava. Fizeram isso por um tempo, o garoto estava concentrado, depois comandaram a cachorra para deitar. Rita e João continuavam escovando a filhote e, quando esta virou a cabeça na direção de Rita, ela recuou suavemente o corpo, mas logo voltou a pentear. Em seguida, João foi chamado para ir até Dara e, quando veio para perto de Rita, trazida por Carlos, a jovem ficou em pé; mas logo que a rottweiler se afastou, ela voltou a pentear a filhote. Nessa ocasião ela ria descontraída. No campo, Carlos conduzia Dara enquanto João a escovava em movimento.

Marcos fez Alegria deitar de barriga para cima, Rita agachou e escovou o peito da filhote. Parecia cada vez mais relaxada e confiante, penteando a cachorra com calma e tranqüilidade; conversava umas poucas coisas com Marcos e Vera. Percebia que ela já não escovava somente o dorso da cachorra, agora aproximava-se mais, expandindo para sua cabeça e depois voltando para o dorso. Quando a filhote se mexeu, Rita logo ficou em pé, depois deu risada. Marcos pegou a guia de Alegria e convidou a adolescente para passear. Rita riu: “Passear?” A cachorra cheirou o balde e Marcos perguntou: “Vai levar o balde?” A jovem repetiu a pergunta e riu, achando graça. Quando a filhote enroscou a guia no balde, Rita levantou-o e soltou a guia. Marcos disse que ela havia ajudado a cachorra e Vera comentou com a cachorra: “Fala muito obrigada!” Rita pareceu alegre e riu. Quando Carlos se aproximou com Dara, Rita não mais recuou o corpo, ao invés disso disse firme “Sai para lá!” e eles voltaram até João e André. Depois ela chamou Alegria e jogou uma bola, a cachorra tentou pegá-la, mas a bola não estava ao seu alcance; então a adolescente buscou a bola, chamou a filhote mais uma vez e jogou, e dessa vez ela a pegou. Marcos tirou a bola da boca da cachorra e a entregou para Rita, que chamou a filhote novamente e jogou a bola, mas desta vez ela não se interessou. Marcos a convidou novamente para passear com Alegria pelo campo; Rita aceitou e, de mãos dadas, seguiram um caminho. A jovem dava algumas risadas, parecia um pouco ansiosa diante da situação. Marcos posicionou-se entre a adolescente e a cachorra e, quando esta foi mais perto de Rita, ela não se esquivou e pareceu sentir-se segura. Após o passeio, voltaram ao lugar onde estavam.

Enquanto isso, João e Carlos conduziam Dara pelos obstáculos, alternando entre si; André os acompanhava e orientava. Convidou Rita para levar Dara e ela recusou, então a convidou para ver os colegas passarem com a cachorra pelos obstáculos; Rita ficou parada, sem nenhuma reação. Por fim perguntou: “E com a Alegria, você passa?” “Sim”, respondeu a jovem. Então os dois caminharam com a filhote entre eles e gradativamente Rita passou a conduzi-la sozinha; André fornecia as orientações e Rita treinava a cachorra para pular um obstáculo.

Nesse momento, Carlos veio até a filmadora e observou através da tela: ficou animado e soltava exclamações; depois lhe pedi para voltar ao grupo, mas ele parecia fascinado pelo que via. Ao ver o grupo todo na tela ele disse, como uma descoberta: “Olha lá, o au au!” Ao ver João conduzir Dara por um obstáculo, riu e comentou: “Olha lá, o João” e chamou o colega, que olhou em sua direção. Depois Carlos correu para o campo e foi recolher bolas de tênis que Marcos havia espalhado. Rita e João também começaram a recolher as bolas num balde. Então Carlos mostrou o balde para a filmadora. Alegria estava entre eles e tinha uma bola na boca. Os adultos incentivaram Rita a tirar a bola da boca da filhote; ela fez uma negativa e Carlos logo foi lá e tranqüilamente pegou a bola. A seguir levou o balde a uma certa distância de onde o grupo estava e, por meio de gestos, sugeriu que lançassem as bolas. André perguntou: “Quer que jogue no balde?” “É” respondeu. Mas Rita veio trazendo o balde de volta para o grupo e, após colocarem as bolas e encherem o balde, Carlos derrubou todas elas. Marcos e Vera perguntaram: “Era pra jogar?!” Vera emendou: “Era para arrumar, agora cata de novo!”. Fazendo o gesto novamente, Carlos indicava que era para tentar acertar a bola no balde; Marcos disse: “Então tá, vamos ver quem acerta” e os três adolescentes começaram a arremessar as bolas.

Passado um tempo, Marcos os convidou para uma brincadeira: formaram duplas de adolescentes e profissionais, ficaram um de frente para o outro e então os profissionais jogavam as bolas e os adolescentes rebatiam com as raquetes. Vera lançava bolas para Carlos, Marcos para João e André ia jogar para Rita, porém seu celular tocou e ele atendeu. Marcos começou a lançar as bolas tanto para João quanto para Rita. Os três adolescentes riam e pareciam gostar de rebater as bolas. André chamou Dara e incentivou-a a buscar as bolas arremessadas. Os três

tentavam lançar na direção da cachorra; Rita rebatia as bolas e recuava um pouco, mas quando a cachorra pegou suas bolas, ela ria. Passado um tempo, Carlos recolhia as bolas e as colocava em sua blusa; mostrou-as para Vera, que disse para pô-las no balde e foi isso que fez. Enquanto João ainda lançava as bolas, Rita ficou parada em pé perto da mureta. André foi até ela e perguntou: “Quer alguma coisa Rita?” “Não” respondeu. Então ele olhou para Dara e disse: “Quer que eu prenda ela?” “Sim”. O adestrador foi até a cachorra e disse para a adolescente: “Ó, Rita, vou guardar a Dara, vai ficar só a Alegria, tá bom?” “Tá” respondeu. E quando ficou somente a filhote Alegria no campo, a jovem saiu da mureta e foi até os colegas.

João e Rita guardavam as bolas no balde e Carlos seguiu André até a piscina, que estava vazia, depois continuaram até o fundo do campo para pegar mais bolas. Carlos correu com ele e logo estavam jogando futebol; Rita correu até eles e, olhando, riu. João passava a mão em Alegria e também olhou para eles e riu, logo levantou e correu para lá. Em pouco tempo e, espontaneamente, os três adolescentes e André jogavam futebol, todos riam, bastante descontraídos. João e Carlos disputavam a bola com certa frequência; João se mostrava competitivo e tentava pegar a bola, Carlos entrou na disputa e segurou a blusa do colega, os dois riram e continuaram correndo pelo campo. Então Carlos chutou uma bola que caiu na piscina vazia. André e João foram para lá, o adestrador falou: “Ô” e ouviu-se um eco. Carlos e Rita também foram e Carlos logo fez: “Ô” com eco e sentou na borda da piscina. André lhe pediu que não fizesse isso e lhe estendeu a mão; Carlos apertou-a e levantou, depois correu até o balde e chutou algumas bolas. Rita e João caminharam para o grupo. André fez uma bola descer pelo obstáculo rampa; Carlos e João mostraram interesse e fizeram o mesmo. Rita olhava para eles e estava abraçada com Marcos.

Por fim André perguntou: “Vamos embora?” Carlos subiu na rampa e André lhe estendeu a mão, ajudando-o a se equilibrar. Depois foram todos para o portão.

### **Apreciação (E11)**

Esse dia começou com um movimento diferente, sendo oferecida a oportunidade de escolha “Qual deles (cães) você gostaria que viesse para cá?” Foi inaugurada uma outra configuração do encontro, na qual era solicitado a um dos adolescentes que

participasse das decisões referentes ao grupo. É certo que Rita também chegou diferente: carinhosa, logo abraçou o adestrador, mas o certo é que ela assumiu o pedido e decidiu por um dos cachorros: Alegria. E, ao longo do encontro, tive a impressão de que, mesmo com algumas atividades dirigidas, o ambiente foi capaz de sustentar alguns interesses e a maneira de ser de cada um, possibilitando experiências emocionais mais significativas e expressivas. Quando escovavam a filhote, um dos profissionais refletiu para os jovens o que estavam realizando - carinho - e fez uma relação com suas próprias experiências de receber carinho. Esse encontro começou com o grupo integrado na ação de escovar uma cachorra, depois foi expandindo para outras ações, mais individualizadas ou em parceria com o profissional e o cachorro, e, por fim, emergiu um espaço potencial grupal, essencialmente humano, no qual o futebol era uma forma de comunicação. Percebi que todos estavam mais livres, tanto os jovens quanto os profissionais, havendo maior participação e interação entre os membros do grupo.

O cão, além de ter sido depositário de afeto, esteve no papel de ser cuidado, conduzido, investido, como um elo vivo entre o grupo.

### **Encontro 12** (E12)

Nesse dia estiveram presentes João, Carlos, Ricardo e alguns profissionais da escola e do canil.

Vieram caminhando para o campo. Carlos trazia Tiff – uma filhote de pitbull – pela guia. Ricardo logo sentou no balanço e, junto com os colegas, olhava interessado para a cachorra que corria e saltitava entre eles. Os três adolescentes entraram no campo quando Marcos e André para lá foram, com Tiff atrás. A cachorra Alegria foi trazida para o campo e, enquanto Carlos e João interagem com Tiff, Ricardo sentou num tronco ao lado de Vera e começou a afagar Alegria; olhava para os lados e não parecia muito interessado na cachorra, que então pulou nele: ele a segurou e alisou seu pêlo, depois foi até os demais colegas, abraçado com Vera.

Carlos brincava com Tiff: segurava a guia no alto para ver a cachorra pular e João, curioso e interessado, observava os dois. Depois Tiff e Alegria começaram a se cheirar e todos estavam em pé, olhando para elas. Ricardo, Marcos e Vera

sentaram num tronco e Carlos ficou vendo o adestrador colocar uma guia em alegria e levá-la para o campo ao lado. Enquanto isso, Tiff, sempre com a cauda abanando, ia até cada pessoa ali, buscando contato. André comentou para o grupo que seu olho manchado lembrava o cachorro Bandit, do desenho Jonny Quest. Em seguida, jogou um graveto para o alto e perguntou: “Vamos brincar com ela assim?” Os adolescentes sorriam e observavam a filhote morder o graveto. Carlos era o único adolescente que estava em pé, foi até o adestrador e a filhote e tirou o graveto da boca da cachorra, depois ficou chacoalhando-o. André o orientou para mostrar o graveto para a filhote; o garoto assim o fez e depois jogou o objeto e a cachorra o mordeu. A filhote correu e pulou em João, que passou ambas as mãos nela, de modo carinhoso, e sorriu. Carlos pegou o graveto e o mostrou novamente para a cachorra, que corria espontaneamente pelo campo. André lhe jogou o graveto, que ela mordeu, então Carlos pegou o graveto dela e o segurou à sua frente. André disse para jogá-lo, João falou: “Vai, Carlos!” e o jovem atirou o graveto. Nesse momento, André lhes disse que estavam ensinando a cachorra a pegar um objeto e carregá-lo; em seguida, ensinou Carlos a atrair a atenção da filhote batendo palmas, pegar o graveto dela e depois jogá-lo. O garoto parecia envolvido com a situação, João olhava curioso e prestava atenção e Ricardo olhava mas não parecia interessado - levantou-se, saiu pelo portão e foi para o balanço.

André trouxe Alegria de volta para o campo. Tiff mordeu uma das pontas da guia que Carlos tinha à mão e começou a andar; André lhe disse para deixá-la levá-lo e o garoto disse “Tá” e seguiu a filhote. Esta foi até João e Carlos lhe entregou a guia. O outro adolescente ficou em pé e começou a brincar com a filhote balançando a guia para ela tentar pegar. A cachorra logo desviou a atenção e correu até Alegria, que estava com Carlos e André. João voltou a investir na filhote, chacoalhando a guia.

A essa altura, procurei Ricardo e vi que havia saído do balanço e debruçado sobre uma mesa de madeira. Um outro profissional do canil se aproximou e os dois se cumprimentaram, o adolescente sorria e parecia bem tranqüilo.

No campo, João e Carlos brincavam com Tiff; este mexia com o graveto e aquele agitava a guia. Quando a filhote mordeu a ponta da guia, João se deixou levar por ela, primeiro ia sorrindo e depois começou a caminhar à sua frente, mas logo a

cachorra começou a pular em Alegria e o adolescente passou a tentar atrair sua atenção. Então ele sentou junto às outras pessoas que estavam sentadas no tronco; as cachorras corriam soltas pelo campo e quando vinham até eles, eram afagadas com carinho. O adestrador chamava a atenção das cachorras chacoalhando objetos; João olhava e ria, então André o chamou para vir brincar; o jovem foi até eles e chacoalhava a guia para que Tiff tentasse morder. Carlos estava abraçado com Marcos e acarinhava Alegria, que estava deitada perto dele, até que Tiff correu até eles e deitou à sua frente; João veio atrás e Carlos pegou a guia e a pôs na boca da cachorra, que a mordeu. João começou a puxar a guia e a filhote corria para pegá-la; ele ria bastante e parecia gostar disso, repetiu e em seguida passou a guia para Carlos e André perguntou a ele se gostaria de ir. O garoto levantou e segurou a guia. Tiff pulava, chamando a atenção de Marcos, enquanto Carlos esperava. Então André pegou a filhote no colo e a pôs diante do garoto, que iniciou um movimento circular com a guia. A filhote corria atrás, e, quando desviava a atenção para outro lugar, o adolescente e o adestrador assoviavam, então Tiff voltava. André disse para Carlos balançar a guia no chão. O garoto o fez e a filhote correu para pegar o objeto. André orientou para que deixasse a cachorra morder e, quando ela fez isso, Carlos disse contente: “Aêêê” e seguiu Tiff até o grupo. Ela foi até Vera, que a afagou, depois até João, que fez o mesmo; André se aproximou e agitou a guia para a cachorra. João pareceu timidamente reter a filhote com ele, mas ela correu atrás do adestrador. Carlos pegou o graveto e os seguiu. André lhe estendeu a guia e disse: “Quer ver? Ela vai pegar você e levar até o Marcos”.

Busquei olhar Ricardo, fora do campo: ele estava deitado, descansando sobre a mesa. O outro profissional do canil observava o grupo no campo. Ricardo saiu da mesa e sentou no chão, então este profissional foi até ele e pareciam conversar. Depois o adolescente levantou e caminhou em direção ao estacionamento; o profissional o seguiu. Vera chamou-o e foi atrás dele.

Voltando o olhar para o grupo, Tiff havia deitado de barriga para cima e João passava as mãos na cachorra. Carlos afagava Alegria. Marcos começou a balançar a guia diante de Tiff, que tentava mordê-la; João achava graça e ria. A filhote correu pelo campo e voltou até o jovem, que ficou com ela e a observava morder o graveto; depois começou a jogar o objeto para ela. André veio até eles e ficaram os dois com

Tiff. Enquanto isso, Carlos pegou a guia de Alegria e começou a conduzi-la. Marcos acompanhava os dois, que caminhavam espontaneamente; ora o garoto ia à frente, ora a cachorra, até que a levou para a rampa, mas ela não subiu. Marcos pegou sua guia e os três foram até João e André. Os dois adolescentes passavam as mãos nas cachorras, João parecia bastante envolvido e Carlos estava mais retraído. O adestrador pegou Tiff no colo e afastou-se do grupo. Alegria foi atrás e os jovens ficaram observando. Então Carlos assoviou e Alegria voltou até eles e o adestrador veio em seguida. O garoto pegou o graveto e ficou jogando para o ar, chamando a cachorra, mas ela estava deitada na grama. João disse algo para Carlos e foi até o colega, mas Carlos não interagiu com João e os dois foram até a cachorra e sentaram no tronco. André perguntou se Carlos queria ir até os obstáculos; o garoto apontou para cada obstáculo e disse seus nomes. André e Marcos conversaram com ele e o ajudaram a recordar o nome correto de alguns.

Nesse momento, Ricardo estava voltando do estacionamento com Vera; esta entrou no campo, mas o rapaz ficou fora, andando e olhando ao redor.

Carlos pegou o graveto e começou a jogá-lo para o alto e tentar pegá-lo com a mão. João parou ao seu lado e falava com ele, querendo sua atenção; Carlos pareceu não perceber pois estava concentrado. João continuou conversando, buscando contato com o colega, que olhou para ele e tentou jogar o graveto de uma mão para outra. “Não tá conseguindo?”, disse João e pediu: “Dá aí”. Logo Carlos conseguiu pegar e mostrou para o colega; continuou tentando, pôs o objeto no pé e chutou-o para o alto. Quando o graveto caiu no chão, João o pegou e começou a brincar, os dois sorriam e Carlos caminhou para o portão, saiu, foi para o balanço e lá ficou.

Ricardo estava por ali, debruçado numa bancada e batendo com um pedaço de metal, depois sentou sobre a bancada e ficou olhando para o campo. Passado um tempo, deitou e ficou olhando para a paisagem.

No campo, João jogava o graveto e o pegava; quando Alegria passou perto, ele lhe estendeu o objeto, mas a cachorra seguiu em frente. O adolescente voltou a jogar, olhou para a cachorra e depois para a filmadora, sorrindo. Alegria passou novamente por ele, que mais uma vez estendeu o graveto; ela continuou andando e

ele voltou a jogar. Olhava com atenção para a filmadora, parecia querer atenção; agora fazia o graveto rolar pelos braços e depois o colocou sobre o pé e equilibrou. Os outros dois jovens continuaram fora do campo, um no balanço e o outro deitado.

### **Apreciação (E12)**

A configuração desse encontro foi mais livre e menos dirigida, embora houvesse a presença de orientações fornecidas por profissionais. Pareceu que diante de situação aberta, alguns adolescentes ficaram parados, talvez na expectativa de ações externas a eles. Este era um território pouco comum: a possibilidade de configurarem o encontro, desenvolvendo suas iniciativas e experimentando as possibilidades de ação. Alguns expressaram interesses e brincadeiras no contato com as cachorras, jogando o graveto, chacoalhando a guia. Ricardo preferiu ficar mais à parte, criando seu espaço de observação e relaxamento. João buscou em diferentes momentos contato com o colega Carlos, falando com ele ou se aproximando, porém este parecia mais interessado no contato com os animais não-humanos.

A maneira de ser do cachorro iniciava outras ações nos adolescentes, como quando Alegria pulou em Ricardo e ele lhe afagou, ou com Tiff correndo e pulando entre os outros membros do grupo e mordendo-os. Cada um aproximou-se e interagiu de maneira pessoal.



Carlos colocando seu boné em Dara (E10)



Ricardo puxando Tobi pela guia (E10)



Ricardo indo até Tobi (E10)



Rita escovando a filhote Alegria (E11)



Rita sentada à parte do grupo (E10)



Carlos, João e Rita jogando futebol (E11)



Os três jovens no campo interagindo com os cães (E10)



João (à esq) chacoalhando a guia para Tiff tentar pegar (E12)

## **CAPÍTULO 5: ANÁLISE**

Os encontros entre os adolescentes com síndrome de Down e os cachorros, numa situação de intervenção, evidenciam diferentes aspectos da relação entre pessoas e animais. Este capítulo se propõe a integrar a investigação psicológica desses aspectos a fim de alcançar maior compreensão da influência da participação dos cachorros nos encontros com os adolescentes e, por fim, refletir a respeito das possibilidades de intervenções.

Para fins de estruturação das reflexões, foram agrupados temas considerados significativos na dinâmica dos encontros realizados, sendo eles: Funções dos Cachorros, Manejo da Situação (Provisão Ambiental) e Possibilidades de Intervenção.

### **5.1 FUNÇÕES DOS CACHORROS**

Ao considerar a proposta dos encontros como uma tentativa de oferecer aos adolescentes um espaço de desenvolvimento a partir do contato com os cachorros, a busca de compreensão do lugar e da função dos animais mostra-se de extrema relevância. Pode-se observar nos encontros uma maneira de se relacionar com o animal qualitativamente diferente das relações essencialmente humanas, destacando a complexidade dos fenômenos observados entre as pessoas e os animais, uma vez que o cachorro, se por um lado não é um ser humano e muito se diferencia deste em sua maneira de ser e estar no mundo, por outro lado não é um objeto inanimado, cuja vitalidade emergiria a partir de um sentido a ele atribuído. O animal é vivo antes que lhe atribuam qualquer sentido. Este é um importante aspecto a ser pontuado, uma vez que as investigações psicológicas tradicionalmente estudam as relações interpessoais, intrapsíquicas e com o campo simbólico e cultural. As análises aqui tecidas partem do pressuposto de que o que foi ali humanamente vivenciado com o animal tem raízes no psiquismo do indivíduo, mas também encontra relação com o que foi oferecido pelo animal, que estava lá com sua vitalidade e características próprias.

Portanto, a análise das funções dos cachorros leva em consideração tanto os aspectos psicológicos humanos quanto as características dos animais, sendo difícil, e talvez desnecessário neste momento, determinar uma causalidade empírica para as vivências ocorridas.

### 5.1.1 Comunicação não-verbal

Por ser o cachorro um animal não dotado das características do discurso verbal, sua comunicação com as pessoas e com o mundo ocorre por outros meios. A manifestação de sua vitalidade aconteceu, nos encontros, pela via da comunicação não-verbal: pela ação motora no espaço e no tempo; pela postura corporal; por sons, cheiros e visão; enfim, pela sucessão de acontecimentos concretos – tudo para o cão pareceu existir na dimensão sensorial. Esta, no processo de desenvolvimento humano, é anterior ao discurso representativo, existindo a dimensão sensorial e não verbal como fundante na constituição do self.

Aparecem situações entre os adolescentes e os cães nas quais a comunicação se desenvolveu por meio da ação, do gesto, da sensação. Carlos, no Encontro 1, aproximou-se da filhote Alegria e jogou uma bola para ela, mas a ação pouco reativa da cachorra o levou a falar com ela, convidando-a para brincar “Aqui, menina”, mas a filhote não correspondeu ao seu gesto e o garoto investiu em Dara, que lhe correspondeu. Não é possível afirmar que as cachorras tinham consciência da intenção de brincar do jovem, elas apenas responderam – cada uma à sua maneira – à ação de Carlos. Em alguns momentos (Encontro 2 e 10), quando os adolescentes caminhavam livres pelo campo segurando os cães pela guia, eles seguiam os animais e o ritmo era marcado por estes, para, em seguida, os jovens assumirem o controle e conterem os animais pelas guias, fazendo-os se adaptarem aos seus ritmos. Esta é uma situação interessante pois há um ajustamento entre a dupla, no qual os ritmos se alternam, se conflitam ou harmonizam por meio da corporeidade de cada um e da maneira de ocupar o espaço na sucessão de eventos ao longo do tempo. Este interjogo de ritmicidade entre os adolescentes e os cães também pode ser visto na brincadeira, como quando João e Carlos chacoalhavam uma guia para que a filhote Tiff tentasse mordê-la (Encontro 12); havia ali um jogo

onde cada um agia com o próprio corpo, e os movimentos de um dependiam dos movimentos do outro.

A questão do corpo e do ritmo entre pessoas e animais também era marcada por momentos de intensa afetividade, em que o toque, o contato tátil, o abraço, o aninhar no colo e o aconchego encontravam sua via de expressão. No Encontro 2, Carlos e Ricardo abraçaram simultaneamente o cachorro Tobi, e este – depositário de afeto por parte dos jovens – recebia o gesto deles, permanecia ali, parado, apenas recebendo o toque e o abraço dos jovens. Em outro momento (Encontro 6), Ricardo abraçou Alegria e a comunicação acontecia no encontro do corpo do cão com o corpo do rapaz que recebia e acolhia aquele outro ser. Talvez seja difícil saber o que se passava nos pensamentos e sentimentos daqueles jovens nessas situações, mas um fato é evidente: algo significativo acontecia, naquele momento, entre os jovens e os cães, pelo investimento afetivo observado e pela proximidade física envolvida.

A comunicação não-verbal podia partir tanto das pessoas como dos animais. Percebem-se eventos em que os animais fizeram uma ação ou um gesto e a partir daí surgiu uma comunicação entre eles e as pessoas. No Encontro 5, quando Ricardo estava sentado num tronco e parecendo meio desanimado, Dara espontaneamente foi até o rapaz, deitando aos seus pés, então ele começou a acarinhá-la. O comportamento da cachorra indicava uma busca de aproximação do rapaz e ele a recebeu e deu sentido à sua vinda quando começou a afagá-la. Houve aqui também uma comunicação em que um ficou atento ao movimento do outro e interagiram a partir disso. Em outro episódio (Encontro 10), Tobi estava com sua guia presa num pino e latia de forma lamentosa; Ricardo, que até então não havia entrado no campo, passou pelo portão e foi diretamente para o cachorro, que imediatamente parou de latir. Talvez seja possível supor que o comportamento do cachorro tenha comunicado algo para o jovem e a ação de Ricardo parece ter também comunicado algo para o animal, que parou de latir. Aqui também é evidenciada a complexidade da comunicação não-verbal existente entre as pessoas e os cachorros.

Destaco, ainda, uma outra situação: ainda no Encontro 10, quando Ricardo se isolou no balanço, evitando contato com as pessoas, um dos profissionais levou Tobi até ele e amarrou a guia no balanço. A partir daí uma sucessão de acontecimentos surgiu entre o jovem e o animal: Ricardo passou a impor um ritmo no balanço e o animal o seguiu, o rapaz lhe dirigia olhares bravos e tinha atitudes impiedosas ao puxar com força a guia do animal. E este, diferentemente da atitude recente das pessoas, adaptou-se ao seu gesto e ritmo. Esta situação pareceu significativa, pois ali Ricardo podia experimentar a aceitação de seus desejos e vontades, a ele refletidos através da atitude do animal.

A análise da comunicação não-verbal indica que os cachorros interagem com as pessoas não a partir das intenções ou sentimentos destas, ou ainda por meio de um discurso representativo: o cão reagia ao fato, ao comportamento humano. E também as pessoas reagiam às ações dos cachorros, atribuindo-lhes sentido a partir de seu próprio referencial. Os animais iniciavam atitudes ou reagiam às ações humanas, portanto eram capazes de interagir com as pessoas – diferentemente dos objetos inanimados ou de plantas e outros tipos de seres vivos – e elas percebiam isto, pois davam seqüência à interação. Ao considerar que as pessoas também se comunicam na dimensão não-verbal, e que a este tipo de comunicação se acrescenta a comunicação verbal, discursiva, arriscaria dizer que a especificidade da relação com os cães ocorre porque eles interagem com os humanos a partir de ações, fatos, gestos e movimentos, porém, pelo fato de não possuírem a comunicação verbal, é possível a criação de uma forma de comunicação em que as pessoas podem livremente atribuir significado à ação do animal, permitindo maior liberdade na expressão de sentimentos.

#### 5.1.2 Despertar aspectos do self (expressão de sentimentos)

A análise da função de comunicação não-verbal conduz a uma reflexão das implicações desta forma de comunicação entre humanos e um outro animal com grande capacidade de interação: os cachorros tanto reagiam às ações humanas quanto iniciavam ações próprias. Sendo assim, outra possível função dos cachorros observada nos encontros foi a de despertar diferentes aspectos do self, manifestados pelos adolescentes em suas atitudes, ações e verbalizações. A

seguinte situação evidencia esta questão: no Encontro 4, quando Tobi uivou, sua ação desencadeou três diferentes atitudes em Carlos: primeiro, de reciprocidade, quando o garoto uivou de volta para o cão, depois de irritação e braveza quando o rapaz o repreendeu dizendo: “Cala a boca” e, por fim, de contenção dos sentimentos, quando Carlos apenas olhou para ele com o canto do olho, parecendo ainda irritado. A sucessão de fenômenos percebidos revela um importante aspecto desta relação: o animal não reagiu ao conteúdo da fala do garoto; na realidade, o animal pareceu não alterar seu comportamento diante das atitudes do rapaz, o que permitiu a Carlos expressar seus sentimentos, fossem eles amorosos ou agressivos.

Dentre as situações ocorridas nos encontros, era comum a manifestação da maneira de ser de cada adolescente: no Encontro 2, Carlos evidenciou a intensidade que o interesse pelo contato com os cachorros lhe despertava, acompanhou um dos profissionais até onde os cães estavam, perguntou o nome do cachorro e passeou com ele. Em outros momentos, o contato com os cães pareceu despertar sentimentos amorosos, de carinho e afetividade, quando os jovens afagavam, acarinhavam e abraçavam os cachorros. Parecia ser mais freqüente a expressão destes sentimentos na relação com os animais do que com as pessoas, embora isto pudesse ser observado em alguns momentos.

Outro aspecto a considerar foi quando os jovens acalmaram e cuidaram dos cachorros: Rita (Encontro 1) pareceu carinhosa e acolhedora ao passar a mão nas costas de Alegria quando esta não conseguiu subir na rampa. E Ricardo (Encontro 10) foi até Tobi quando este latia e pareceu confortá-lo. Estas situações evidenciam a possibilidade dos jovens sentirem-se dando afeto e cuidando, o que implica na possibilidade de identificação com o outro não humano e a capacidade para o concernimento. Esta capacidade foi refletida de volta quando um dos profissionais verbalizou que Rita havia ajudado a cachorra quando levantou o balde (Encontro 11).

Também no contato com o cachorro era possível perceber as capacidades dos adolescentes: parecia que os profissionais consideravam o interesse e entusiasmo de Carlos como uma falta de limites, no entanto o garoto explicitou sua capacidade interna de perceber a importância da organização externa quando prendeu o cão

Tobi após este ter se soltado de um pino (Encontro 6). Talvez estivesse comunicando a necessidade de limites externos mais bem definidos em sua vida.

Além dos sentimentos de interesse e curiosidade, de afeto e preocupação, a relação com os cachorros também despertava sentimentos de hostilidade ou de medo. Os sentimentos hostis e agressivos foram observados quando Carlos virou a cabeça de Tobi de forma brusca e chamou sua atenção “Hei!”, quando o cão não realizou a ação desejada (Encontro 2), ou seja, o garoto encontrou meios de manifestar sua raiva diante da frustração. É interessante perceber que em momento algum este adolescente expressou tais sentimentos para qualquer uma das pessoas ali presentes. Também Ricardo, que diante da dificuldade nas relações interpessoais se retraía em silêncio, manifestou aspectos mais agressivos em direção ao cachorro, puxando-o quando este se afastava (Encontro 10) e, conforme o cachorro foi sobrevivendo à sua agressividade, o rapaz foi restabelecendo sua confiança no ambiente a ponto de buscar novamente o contato com as pessoas. Os sentimentos de medo puderam ser observados na maneira como Rita estabeleceu o contato com os animais: primeiro hesitou, depois participou com o apoio emocional fornecido pelo adestrador, em seguida evitou o contato com uma cachorra grande e, por fim, seu medo emergiu de forma aguda quando os filhotes ficaram soltos ao seu redor, sugerindo a dificuldade de estruturar defesas psicológicas diante da angústia suscitada pela situação. Nos outros encontros participou poucas vezes de interações com animais, geralmente os evitava e verbalizou não gostar deles, associando-os com uma vivência pessoal negativa. Porém, a experiência de ver o cachorro nadar abriu outra dimensão desta relação: a possibilidade de contato indireto por meio da bola jogada ao animal. A partir daí houve uma mudança gradual e lenta, na qual a jovem manifestou o desenvolvimento de recursos internos para lidar com a situação ameaçadora: ao invés de subir na cerca para se esquivar dos cachorros, ela falava bravo e olhava concentrada, encarando os animais (Encontro 7). Com as defesas mais estruturadas e maior auto-confiança, Rita conseguiu investir afetivamente na filhote Alegria quando a escovava e depois jogando-lhe uma bola (Encontro 11), ao mesmo tempo em que ria de si mesma quando se assustava com as ações da cachorra. Percebe-se, na situação de Rita, que o contato com os animais despertou tanto medo e angústia, quanto interesse e superação destes mesmos medos.

A relação com os animais também pareceu facilitar o surgimento do espaço potencial, principalmente nas situações mais livres: seja jogando bola para os cachorros (Encontro 1) ou experimentando equilibrar uma bola na testa da cachorra (Encontro 9).

Por meio da análise dos encontros, a manifestação de certos aspectos do self no contato com o animal traz à tona dois pontos de reflexão:

- comunicação do mundo mental: a forma como cada adolescente lidava com as situações vividas com os animais permitia uma comunicação de seu mundo interno, valores e sentimentos, revelando importantes aspectos de suas personalidades e da maneira de ser de cada um. O cachorro suscitava conteúdos mentais dos jovens tanto por seu simbolismo e pelo que poderia representar para cada um, como também por seus diferentes comportamentos que suscitavam mais associações e experiências emocionais. Diferentes cães despertavam diferentes sentimentos e atitudes.

- dentre os diferentes aspectos dos *selves* dos adolescentes despertados e mobilizados, alguns eram também compartilhados com as pessoas, mas outros apenas emergiram na relação com o animal, sugerindo que sentimentos difíceis de serem vivenciados no mundo humano encontravam possibilidade de existência na relação com os animais.

### 5.1.3 O ser si mesmo dos adolescentes e a presença viva do cachorro

Outra importante função dos cachorros a ser analisada é a maneira de ser destes animais e suas possíveis repercussões nas relações com os adolescentes. Apesar dos cães serem manipulados, conduzidos e controlados, seja no circuito de obstáculos, seja durante a escovação, tal manipulação era limitada pois havia um outro ali, um outro não humano mas dotado de vida e características próprias. O animal, diferentemente de um objeto inanimado, tem uma presença viva, com sua respiração, temperatura, movimento e sensibilidade. A espécie canina apresenta uma maneira de ser própria e, dentro da espécie, cada cachorro tem sua singularidade. A maneira de ser desta espécie não inclui a presença de valores e

conceitos oriundos da cultura humana. Percebeu-se nos encontros que os animais interagiam com as pessoas independentemente de serem adultos ou jovens, brancos ou negros, homens ou mulheres, com ou sem síndrome de Down. Ou seja, no contato com os cachorros era possível a comunicação não-verbal entre as espécies, a mobilização de sentimentos e de diferentes aspectos do self, ao mesmo tempo em que as atitudes dos animais revelavam claramente sua maneira de ser: aceitavam ou não pular um obstáculo, aproximavam-se das pessoas mostrando um interesse pelo contato, recebiam os afagos e abraços, corriam à frente ou se deixavam conduzir, deitavam quando cansados e corriam quando soltos. Um cachorro é o que é e, portanto, é verdadeiro em sua presença viva. O cão não tem uma construção cultural, ele vive na situação presente e sua ação é espontânea.

A presença viva do cachorro e a sua constância tendiam a desenvolver nas pessoas a confiabilidade no ambiente. Isto pode ser observado na tranquilidade com que os jovens conduziam os animais, os tocavam, afagavam e abraçavam; como também em momentos de isolamento, como quando Ricardo fechou-se (Encontros 10) e a presença de Tobi - seu comportamento constante, sua inteireza e sua sobrevivência às atitudes hostis do rapaz - configurou um ponto de referência no mundo externo, a partir do qual Ricardo foi restabelecendo a confiança no ambiente. A questão da confiabilidade despertada pela constância do animal pode ter relação com a capacidade de estar só na presença de outro, no caso um outro animal, mas que fornece segurança.

A análise dos encontros revela que a maneira de ser do cachorro – através de suas ações de atender ou não aos comandos, de se deixar manipular ou não, de ser uma presença constante e segura, de ter uma inteireza e continuidade de ser – sugere a emergência da possibilidade de maior espontaneidade nos adolescentes, observada nas situações menos estruturadas e mais livres, facilitando o surgimento do espaço potencial e a descoberta de si.

## 5.2 MANEJO DA SITUAÇÃO (PROVISÃO AMBIENTAL)

As questões referentes ao manejo da situação interventiva pelos profissionais da escola e do canil junto aos adolescentes são de grande relevância, uma vez que configuraram o contexto humano no qual os encontros se desenvolveram.

A proposta inicial de intervenção tinha por objetivo auxiliar os jovens no desenvolvimento motor, lingüístico e emocional. Para tanto o adestrador - por ser quem conhecia o comportamento dos animais e tinha algum tipo de familiaridade com atividades entre pessoas e cães - receberia orientações e instruções dos demais profissionais das áreas de psicologia, terapia ocupacional, pedagogia, fisioterapia e fonoaudiologia, para a organização dos encontros. Um primeiro aspecto a ser destacado foi o caráter de experimentação desta proposta de intervenção, uma vez que as instituições tinham pouca ou nenhuma familiaridade com o desenvolvimento de atividades entre pessoas e animais, revelando o tateamento de um novo campo de atuação profissional. Percebe-se que a equipe da escola e do canil haviam proposto objetivos para o desenvolvimento dos jovens, entretanto, havia uma dificuldade pois não sabiam como alcançá-los. Houve uma precária articulação entre a equipe profissional: por vezes as atividades eram combinadas durante o próprio horário da sessão ou não havia comunicação prévia, o que conduzia freqüentemente a atividades isoladas, pouco integradas e sem objetivos definidos.

Na prática parece ter havido pouca comunicação entre a equipe no sentido de definir os objetivos da intervenção e organizar os encontros a partir deles. Tal configuração parece ter como base a pouca ou nenhuma familiaridade da equipe da escola com este tipo de intervenção, pois os profissionais não sabiam como contribuir – cada qual dentro de seu conhecimento técnico – para o enriquecimento das intervenções. Por outro lado, a responsabilidade pela organização dos encontros pareceu recair sobre um profissional que, apesar de sua experiência no contato entre pessoas e animais, pouco dispunha de recursos técnicos para organizar as intervenções. Havia, como se pode perceber nos encontros, a intenção e a tentativa de propor uma condição favorecedora do desenvolvimento desses jovens. Entretanto, fica patente a necessidade de maior organização e articulação da equipe profissional,

revelando aqui uma possível dificuldade das intervenções com participação dos animais: seu caráter interdisciplinar reunindo diferentes áreas profissionais, de diferentes níveis técnicos. Se, por um lado a participação do adestrador era fundamental por ser ele quem conhecia melhor o comportamento canino, por outro lado a equipe da escola tinha sua importância na medida em que era portadora de outros saberes sobre os adolescentes e suas necessidades.

A análise dos encontros revela a ocorrência de acontecimentos espontâneos e significativos, possíveis veiculadores de enriquecimento do mundo interno e da relação com o mundo externo.

Ocorreram momentos de identificação das pessoas entre si e também delas com os animais, iniciados tanto pelos adolescentes quanto pelos profissionais. A situação em que os profissionais iniciaram a ação possibilitando a identificação entre as pessoas é observada quando João, convidado para demonstrar para uma das profissionais como se conduzia um cachorro, (Encontro 5), realizou a ação com determinação e entusiasmo, pois ele estava no lugar antes ocupado pelo adestrador – o de saber e ensinar a conduzir o animal – e era capaz de transmitir seu conhecimento para um profissional, que, nessa situação, ocupava a posição de aprendiz. Os profissionais também suscitaram situações em que era sugerida a identificação entre as pessoas e os animais: no Encontro 1 os adolescentes, após caminharem pelos obstáculos sem o cão e na presença do profissional, receberam comandos deste como se fossem cães, de onde parece ter emergido um espaço potencial, veiculador da experiência de ilusão e descontração, onde eram cães e adolescentes ao mesmo tempo. Outra possível fonte facilitadora de identificação emergiu nos momentos de escovação dos cachorros, quando um dos profissionais perguntou aos adolescentes se eles também penteavam os cabelos (Encontro 6), ou quando o profissional nomeou o que faziam como uma forma de carinho, devolvendo aos jovens sua percepção e seu olhar sobre a afetividade deles, e depois questionou quem gostava de carinho (Encontro 11). Era possível um olhar humano para o animal com a possibilidade de identificar nele algo de comum, tal como a necessidade de cuidados e afeto. Também se percebeu que, apesar do cachorro se deixar ser conduzido e manipulado, ele não era um objeto inanimado, desprovido de vida. O profissional clareou esta percepção quando João conduziu

Dara por uma rampa e ambos esperaram a rampa inclinar e forneceram tempo para que ela se equilibrasse para seguir adiante (Encontro 9). Esta situação evidencia a necessidade de também haver uma adaptação e um respeito ao tempo do cachorro, assim como com as pessoas. O processo de identificação foi, em outros momentos, iniciado pelos adolescentes: Carlos pôde experimentar sua criatividade e outras possibilidades de ser quando se tornou o Garoto-Cão, numa clara identificação com o animal (Encontro 2) . E, se por um lado ele pôde ser um cão, por que não o cão poderia ser ele? Então, no Encontro 10, pode-se observar Carlos humanizando Dara ao lhe conferir seu boné, inserindo o cachorro na vivência de dos chamados fenômenos transicionais (Winnicott, 1975).

Nos encontros houve momentos de acolhimento, recepção do gesto do outro e um olhar que refletisse de volta e desse sentido à vivência dos jovens. No Encontro 1, após Ricardo conduzir o cão por onde o profissional indicou, ele passou a manifestar seu próprio desejo: a escolha de seu caminho pelos obstáculos, e o profissional recebeu seu gesto possibilitando ao jovem viver suas escolhas. Outro momento foi quando o profissional percebeu o interesse e a curiosidade de Carlos em relação ao cachorro Tobi e lhe entregou a guia do cão, de forma que o garoto entrou em contato com o cão e passeou (Encontro 2). Os profissionais, por vezes, ouviram as comunicações dos jovens: Rita não queria participar de atividades e um profissional foi conversar com ela, que disse algo sobre uma experiência aparentemente negativa com um cão e depois manifestou seu gosto por gatos (Encontro 3); e também quando Ricardo, em duas diferentes situações, cochichou algo para um dos profissionais (Encontro 2 e 8) e este pareceu atender ao desejo do rapaz. Rita (Encontro 5), após ver com interesse o cachorro nadar, foi questionada se havia gostado; ela manifestou sua aprovação e depois respondeu a outra pergunta dizendo que não gostava de Dara porque tinha barba. Outro momento em que o gesto e o desejo dos adolescentes foram acolhidos aconteceu quando Carlos solicitou a participação dos profissionais na escovação dos cachorros, manifestando sua vontade de estar junto deles e compartilhar a experiência (Encontro 6 e 9), sendo então atendido. Em momentos distintos percebeu-se a capacidade dos profissionais refletirem de volta a maneira de ser dos adolescentes: no Encontro 8, quando Ricardo abraçava com intensidade e afeto a filhote Alegria, um dos profissionais se aproximou e perguntou se ele havia gostado dela, ao que o jovem

respondeu com um beijo na testa da cachorra, ou seja, nessa situação havia um outro que percebia seu interesse e comunicava-se com ele a partir disso. O profissional refletiu de volta a maneira de ser da adolescente de forma mais clara e evidente quando Rita removeu o balde para soltar a guia de Alegria (Encontro 11) e ele verbalizou que ela havia ajudado a cachorra, clareando elementos psicológicos de sua própria maneira de ser.

Pode-se notar, no decorrer dos encontros, diferentes momentos em que os profissionais e o grupo apresentaram a qualidade de ego auxiliar, fornecendo sustentação e apoio nas experiências dos jovens. Era freqüente os profissionais oferecerem orientações e informações diante das dificuldades dos jovens ao conduzir o cão pelos obstáculos. Na atividade de deitar no chão para o cachorro pular por cima da pessoa (Encontro 2), Rita ficou relutante, talvez insegura, mas quando um dos profissionais se dispôs a ficar com ela, a jovem participou, sugerindo que na presença de um outro ela se sentia internamente fortalecida para realizar a ação e viver uma experiência diferente. Em outro momento, quando os adolescentes lançavam bolas num balde (Encontro 6), Ricardo foi até os profissionais que formavam a torcida e cumprimentou um por um, indicando que a presença destes lhe era significativa. Também no Encontro 6, quando o cachorro nadava, Rita olhava interessada mas evitava contato com o animal, até que um dos profissionais a encorajou a jogar uma bola ao cão. Ela recuou e viu como o outro jovem fez para jogar a bola, depois desenvolveu uma possibilidade interna de se relacionar com o animal através da bola e, sob orientação e sustentação do profissional, conseguiu lançar a bola, parecendo satisfeita consigo mesma. Acredito que os profissionais também exerciam a função de ego auxiliar ao oferecer a oportunidade de escolha para os adolescentes, possibilitando uma abertura, um posicionamento e uma apropriação da experiência. Isto se evidenciava nas frases “Você passa sozinho agora”, “Você está no comando” e “Você escolhe onde quer passar” (Encontro 3).

Outra importante característica a considerar, e que aconteceu em diferentes momentos nos encontros, foi a maneira dos profissionais se relacionarem com os adolescentes com síndrome de Down. As atividades foram, na maior parte do tempo, dirigidas, e a maneira como isso foi feito dificultava as possibilidades de apropriação do espaço, do tempo e da ação por parte dos adolescentes. O ritmo

vinha imposto de fora e os gestos dos profissionais, em geral, se sobrepunham aos gestos dos adolescentes, configurando-se em certos momentos como uma relação invasiva (Winnicott, 1952, Amiralian, 1997b). Este tipo de relação gerava atitudes e seus correspondentes sentimentos de esperança, submissão, reação à invasão ou isolamento por parte dos jovens. Carlos costumava buscar alcançar seus desejos insistindo nas ações e tentando se comunicar com os profissionais, como quando após todas as bolas serem colocadas num balde, ele as despejou, comunicando sua intenção de lançar as bolas como se faz num jogo de basquete (Encontro 11). João, por sua vez, demonstrava adequação às regras, revelando tanto sua capacidade de internalização das mesmas, como também uma certa inibição de espontaneidade pessoal em decorrência desta mesma adaptação, sugerindo o uso de um falso self. Ricardo parecia tentar se apropriar da experiência buscando um mundo em paralelo às pessoas, onde os animais eram bem-vindos, mas que reagia com retraimento e perturbação quando seu espaço era invadido pelas pessoas (Encontro 10). Já Rita constantemente se isolou tanto dos profissionais quanto dos cães, ficando à parte das atividades com grande freqüência.

Juntamente a este tipo de relação intersubjetiva estabelecida entre os profissionais e os adolescentes, outra questão por vezes percebida foi a introjeção extrativa (Bollas, 1987, apud Amiralian, 1997b) – o roubo de elementos da vida psíquica de alguém. Quando os profissionais colocaram-se na posição de “ensinar” aqueles jovens, como se eles nada pudessem saber por si mesmos, conduzindo ao empobrecendo da experiência, ocorria o roubo do conteúdo mental pois pouco lhes era dada a oportunidade para a elaboração mental e construção de seus próprios pensamentos, conhecimentos e reflexões sobre as diversas situações ali apresentadas, dificultando a elaboração de pensamentos. O roubo do processo afetivo pôde ser observado em algumas atitudes dos profissionais diante da recusa de Rita em participar das atividades: “Depois vai vir água e a Rita não vai beber” (Encontro 4). O roubo da estrutura mental surgiu na relação com Carlos pois os profissionais constantemente assumiam uma postura superegóica: quando o garoto se interessou pela filmadora, um dos profissionais apenas orientou que não mexesse, mas outro lhe disse “Se você não fizer o que André está pedindo você não vem mais aqui” (Encontro 2), ou quando ele explorava o ambiente, mexendo nos obstáculos e lhe disseram “Limite é bom” (Encontro 6). Observou-se situações em que o roubo do self esteve presente

nas relações entre a equipe profissional e os adolescentes: quando Carlos começou a jogar bola para Dara, experimentando, conhecendo e criando a situação, um dos profissionais foi ‘ensinar’ como ele deveria fazer isso, empobrecendo seu mundo interno e a percepção de si (Encontro 1); também com Ricardo isto aconteceu (Encontro 10): ele escovava Tobi e foi convidado por um dos profissionais para conduzir o cão; diante da recusa do rapaz o profissional se propôs a ‘ensinar’ como escovar o cachorro – sendo que Ricardo anteriormente havia escovado o cão à sua maneira.

Também nas relações interpessoais foram percebidos momentos em que esteve presente a sobreposição de duas ou mais áreas do brincar: o espaço potencial e os fenômenos transicionais (Winnicott, 1975). Seja ao brincar de ser o cão, ao compartilhar segredos, ao dançar comemorando uma competição, ao demonstrar curiosidade na descoberta de ver um cachorro nadando, ao reunir todos do grupo ao redor do cão para escová-lo e dali surgirem algumas conversas. Seja rindo ao ver a filhote tentar pegar uma bola, ou jogando bola entre colegas, ou ainda experimentando o próprio corpo em ação, correndo pelo campo com ou sem o cachorro, vivenciando diferentes ritmos, ou alongando braços e pernas como numa aula de ginástica, ou se preparando para correr como atleta, e também conhecendo e explorando a situação. Seja perguntando os nomes dos cães ou olhando pela filmadora, seja fazendo carinho nos cachorros, conduzindo-os ou apenas jogando bolas para o alto, ou quem sabe um grupo jogando futebol, descontraído. Espaços de descontração, alegria, espontaneidade e descoberta de si que surgem mais facilmente quando o ambiente fornece confiança e liberdade para que cada um ali experimente sua própria maneira de ser e a continuidade de sua existência, com o enriquecimento do mundo interno por meio de vivências significativas.

### 5.3 POSSIBILIDADES DE INTERVENÇÃO

A análise das funções dos cachorros e do manejo da situação fornecem subsídios para a reflexão das possibilidades de intervenção com esses jovens a partir do contato com os cachorros. Para tanto, é relevante considerar as diferentes situações ocorridas que podem evidenciar a possibilidade de desenvolvimento de habilidades nos adolescentes participantes.

Os encontros revelam a ocorrência de diversas situações que podem ser usadas com objetivos variados:

- aprendizagem de conceitos: as atividades de condução do cachorro pelos obstáculos abriam possibilidades de se trabalhar a aquisição de alguns conceitos como cor, seqüência, quantidades, formas e conteúdos.

- uso de palavras: a situação de escovar o animal, formando um grupo com os profissionais e os jovens, foi usada por um dos profissionais tanto para iniciar um diálogo com os jovens sobre o seu cotidiano quanto para nomear as partes do corpo do animal. Apesar de não ter havido muitas iniciativas dos profissionais no sentido de incentivar a expressão verbal dos adolescentes, pode-se perceber a ocorrência de situações ricas que poderiam ser utilizadas para favorecer a expressão verbal.

- motricidade: ao conduzir o cão pela guia os adolescentes tinham de ajustar a força necessária para controlar o animal; portanto, esta atividade envolve habilidades de coordenação motora fina, bem como de organização do próprio corpo no espaço e de lateralidade.

- expressão emocional: como analisado anteriormente o contato com o animal evidenciou-se como forma de comunicação do mundo interno, na maneira como cada um se colocou na situação em diferentes momentos, encontrando formas de expressar o verdadeiro self e vivenciar situações significativas.

A análise destas possibilidades indicam que o contato com o cachorro, dentro de uma proposta interventiva, pode ser um ponto de partida para a aprendizagem de conceitos, para o uso de palavras, para o desenvolvimento da motricidade e para a expressão emocional.

As questões referentes à organização dos encontros também devem ser consideradas. As informações pareciam transitar pouco entre os profissionais da escola e do canil, fazendo com que alguns pouco conhecessem a respeito da

história prévia destes jovens e de sua relação anterior com animais. É importante saber se há interesse ou medo de cachorros por parte dos adolescentes pois esta informação fornecerá subsídios para que o ambiente se adapte às necessidades dos participantes. Também deve-se tomar em consideração a indicação dos jovens para formar o grupo: enquanto Carlos e João demonstravam interesse em estar num grupo, participando de atividades e sendo capazes de se enriquecerem por meio das relações interpessoais, Rita manifestava freqüentemente uma oposição ao ambiente, revelando sua maneira de ser através da recusa, porém, aos poucos, foi encontrando meios para se inserir no grupo; entretanto, Ricardo apresentava constantemente atitudes de reação à invasão, retraindo-se profundamente, revelando que talvez a relação com o outro seja ameaçadora à preservação de seu verdadeiro self. As diferentes maneiras de ser desses jovens suscitam a discussão sobre as formas de atendimento: pareceu-me que, enquanto Carlos, João e até Rita se beneficiaram de uma intervenção grupal, deve-se questionar se Ricardo encontraria maiores condições de desenvolvimento numa abordagem individual.

Ainda sobre a organização da intervenção, torna-se relevante analisar a configuração em termos de tempo e espaço: a definição de dia da semana e horário fixos é fundamental para trazer contornos à situação, ajudando os adolescentes a se organizarem internamente. Houve variação na duração dos encontros em virtude dos horários do transporte da escola; em geral esta inconstância não pareceu trazer grandes perturbações, no entanto era um elemento pouco facilitador para que os jovens se organizassem quanto ao final dos encontros. Ao término do Encontro 9, quando avisaram Carlos que o tempo do encontro havia acabado, ele respondeu “acabou não”, evidenciando sua intenção de continuar ali. Sem o limite de tempo definido torna-se mais difícil para o jovem se organizar, pois o ambiente lhe oferece situações instáveis. Outro ponto que se mostrou importante foi a característica do ambiente físico: espaços abertos, divididos em campos. A oferta de grandes espaços permitiu que a movimentação dos adolescentes incluísse correr, saltar, pular, havendo maior possibilidade de exploração do corpo em relação ao espaço, sendo este um aspecto positivo. A amplitude dos espaços, que poderia causar grande dispersão, era amenizada pela existência de campos divididos por cercas que delimitavam os contornos dos espaços, facilitando a organização do grupo. Entretanto, os campos abertos ficavam suscetíveis ao vento forte, chuvas e frio,

conseqüentemente os encontros ficavam condicionados às variações climáticas. Este é um fator que torna vulnerável a organização da intervenção pois apresenta uma situação de imprevisibilidade: os adolescentes se preparam emocionalmente para ir ao sítio mas a concretização do encontro fica vinculada a situações externas a eles. É importante considerar a necessidade de que os encontros não sejam tão vulneráveis a condições externas, refletindo sobre a importância de se ter ou um espaço coberto, ou um encontro alternativo com atividades que não incluam os cães mas que reúnam os profissionais e os adolescentes.

No tocante à presença dos cachorros, deve-se analisar a maneira como foram trazidos, apresentados e mantidos ao longo da intervenção. A equipe do canil disponibilizava os cachorros para cada encontro: no primeiro contato os adolescentes foram apresentados a quase todos os cães e nos encontros seguintes mais animais foram trazidos. Conforme foi descrito na parte metodológica, alguns animais haviam participado previamente de intervenções com crianças e adolescentes (Tobi e Dara), outros eram filhotes e estavam em fase de treinamento (Alegria, Hantês, Guilith e Tiff) e outro (Nêgo) nunca havia participado desse tipo de interação. Percebe-se que Tobi e Dara tinham treinamento específico e seus comportamentos eram adequados pois eram receptivos aos agrados dos jovens, se deixavam conduzir, não pulavam nas pessoas e nem mordiam - os dois estiveram presentes em quase todos os encontros. A respeito dos filhotes é possível supor que, como estavam em fase inicial de treinamento, alguns talvez não se mostrassem aptos para este tipo de intervenção, como pode ser observado com Hantês e Guilith pois eram muito ativos e agitados – deixando de participar da intervenção. A filhote Alegria apresentou condições que a tornavam adequada para sua inclusão nos encontros, estando presente em quase todos eles e, por fim, Tiff esteve no encontro 12. Nêgo, o rottweiler que foi trazido para nadar, participou apenas deste momento. A presença de um certo número de cães constantes foi importante, facilitando a formação de vínculos e o desenvolvimento de uma relação singular entre cada adolescente e cada animal. Pode-se perceber duas formas diferentes de iniciar o contato com o animal: 1) os cães eram previamente selecionados pelo adestrador e estavam no campo quando os adolescentes chegavam e; 2) os cães ficavam no campo ao lado quando os adolescentes chegavam. Na primeira situação, fica evidente que a escolha dos animais participantes no dia era feita pela equipe

profissional; na segunda situação, era possível perceber o interesse dos adolescentes por cada animal. O Encontro 2 ilustra esta escolha quando Carlos acompanhou o profissional até o campo ao lado e manifestou interesse por Tobi. A possibilidade dos jovens escolherem os cachorros pode ter a função de facilitar a apropriação da experiência de forma mais verdadeira e espontânea, como foi observado no encontro 11, quando foi oferecida aos jovens esta oportunidade: “Qual deles você gostaria que viesse para cá?”. Esta maneira de iniciar o contato com os animais – todos os cães selecionados para participar disponíveis no campo próximo, e os jovens podendo fazer escolhas quanto a eles – mostra-se, de meu ponto de vista, favorecedora do desenvolvimento emocional, enriquecendo suas experiências.

Conforme a análise dos aspectos significativos dos encontros entre os adolescentes com síndrome de Down e os cachorros, percebe-se a importância do papel desempenhado pela equipe profissional no manejo da situação, através da apresentação de condições favorecedoras para o desenvolvimento dos jovens. Neste sentido, é importante considerar as relações intersubjetivas estabelecidas. As intervenções no âmbito educacional e de reabilitação para as pessoas que apresentam algum tipo de deficiência são relevantes uma vez que objetivam favorecer o desenvolvimento desses indivíduos. Sabe-se que os diferentes tratamentos oferecidos a esta população em algum momento necessitarão de atividades dirigidas, tais como ocorre na psicopedagogia, na fisioterapia, na fonoaudiologia e terapia ocupacional. E é justamente neste ponto que cabe fazer algumas reflexões, tendo em vista o caráter interdisciplinar das propostas de intervenção com uso de animais:

- A necessidade de comunicação da equipe, com o compartilhamento de saberes, conhecimentos e dúvidas a fim de definir os objetivos da intervenção e propor maneiras de alcançá-los a partir do contato entre as pessoas atendidas e os cachorros;
  
- A realização de atividades dirigidas não significa a imposição do gesto dos profissionais sobre os jovens - o que tenderia a configurar relações invasivas e de introjeção extrativa. As intervenções podem se configurar de modo a permitir a apropriação da experiência por parte das pessoas participantes: buscar a realização

de atividades que despertem o gesto espontâneo e, portanto, o verdadeiro self, sendo o jovem aceito como ele é. O Encontro 11 evidencia forma de manejo da situação de intervenção.

Por fim, a análise dos encontros revelou que o contato com os cães pode ser facilitador de processos afetivos, cognitivos e motores, quando se considera o papel da provisão fornecida pelos profissionais, pois o ser humano se constitui na presença afetiva de uma outra pessoa que lhe seja significativa.

## **CAPÍTULO 6: CONSIDERAÇÕES FINAIS**

Neste momento do presente trabalho, gostaria de retomar os questionamentos iniciais que desencadearam o interesse pela investigação psicanalítica da relação entre pessoas e animais, bem como os seus possíveis desdobramentos na prática clínica. Ao presenciar a vivência de uma garota - que naquele momento se encontrava retraída quanto ao contato com o mundo - diante de um cão que lhe surgiu às vistas, percebi que algo aconteceu em seu universo psíquico que a possibilitou entrar em contato com o outro e com o mundo, num gesto espontâneo de descoberta e encantamento, partilhado com o animal. O que aconteceu entre essa garota e o cão que não ocorreu entre ela e as pessoas que ali estavam presentes? Quais mecanismos psicológicos foram despertados possibilitando que a garota saísse de seu retraimento e buscasse contato com o mundo, através do cão? Que uso dessa relação pode o psicólogo fazer com o objetivo de promover o desenvolvimento emocional? Muitas são as perguntas e a cada novo questionamento, abre-se uma possibilidade de investigação.

A oportunidade de desenvolver uma pesquisa, psicanaliticamente orientada, sobre a relação entre pessoas e animais a partir de uma proposta interventiva, possibilitou a compreensão de importantes aspectos envolvidos nessa relação.

### **6.1 A RELAÇÃO ENTRE PESSOAS E ANIMAIS**

A análise dos encontros entre os adolescentes com síndrome de Down e os cães revela que cada jovem se relacionou com os animais a partir de sua própria maneira de ser, confirmando a compreensão de Fuchs (1987) de que o significado atribuído ao animal depende das características individuais das pessoas em interação: “O animal vivido é diferente para cada um dos sujeitos, depende das necessidades psicológicas de cada um” (p. 164). Pude observar que, para todos, a forma de se relacionarem com os animais revelava o valor psicológico destes, inserindo os cães na denominada Ordem dos Animais Psíquicos, quando se tornam animais únicos, criações da vivência de cada um, depositários de atributos e projeções das pessoas (Fuchs, 1987).

Foi percebida a existência de algumas características da espécie canina que contribuíram para o desenvolvimento de uma relação revestida de valor psicológico para as pessoas:

- os comportamentos dos diferentes cães eram extremamente plásticos, pois eles iam se adaptando ao ritmo e às situações apresentadas, iniciando ações no contato com as pessoas ou reagindo a elas. Sabe-se que esta capacidade canina presente nos encontros é tida como facilitadora do processo de vinculação com os humanos (Lantzman, 2004)

- a docilidade e a ausência de reações agressivas também foram observadas, facilitando a formação de vínculos. Também a presença de comportamentos infantis foi percebida, quando os cães se deixavam afagar ou corriam atrás das bolas. Tais características observadas estão de acordo com as evidenciadas por Bradshaw e Brown, 1990 (apud Lantzman, 2004, p.13) a respeito da neotonia.

- os momentos em que os cães se deixavam conduzir evidenciavam um comportamento hierárquico, como numa matilha, em que os adolescentes estavam na liderança. Em outros momentos, quando os animais recebiam afagos dos jovens, sendo abraçados por estes, os animais demonstravam habilidades sociais de manutenção de vínculo. Lantzman (2004) também evidenciou que estas habilidades dos cães muito contribuíram para sua alta flexibilidade adaptativa com os humanos.

- a comunicação não-verbal mostrou-se como uma característica fundamental para a compreensão das relações entre pessoas e animais. Seria plausível supor que esta forma de comunicação está presente em toda e qualquer relação com animais. Todavia, gostaria de destacar que as características dos cachorros permitem o surgimento de alto grau de sofisticação nesta comunicação, pois, como bem afirmou Abrantes (1997, p. 75, apud Lantzman, 2004) “Os cães são especialistas em comunicação não-verbal. Eles ficam atentos a cada um dos pequenos e perceptíveis movimentos”. E esta comunicação não ocorre apenas na relação intra-específica, eles a usam para se comunicar com os humanos, prestando atenção a nossa linguagem não-verbal.

- outra importante característica percebida nos encontros é a de que, apesar dos cachorros compreenderem a comunicação de algumas palavras (por meio de treinamento), como por exemplo: Senta, Deita, Fica – conforme foi observado –, sua comunicação não-verbal conduz a uma maneira de ser desta espécie que não inclui a presença de valores e conceitos oriundos da cultura humana. Nossa espécie é dotada de conceitos e valores que são desenvolvidos por meios da cultura e esta é transmitida pelos costumes e pelo discurso verbal que traz consigo representações do mundo. O cachorro não se constitui a partir destes elementos e, portanto, estes valores e costumes não têm sentido pra eles. Portanto as relações estabelecidas entre pessoas e animais acontecem de outra maneira: os animais agiram com as pessoas, independentemente de serem adultos ou adolescentes, do sexo masculino ou feminino, serem brancos ou negros, possuírem ou não a síndrome de Down.

Todas estas características dos cachorros, especialmente a comunicação não-verbal e a capacidade de formar vínculos influenciam na criação uma relação qualitativamente diferente das relações interpessoais ou das com objetos inanimados. O ser humano se constitui na presença de um ambiente suficientemente bom, que atenda às suas necessidades, através do *holding*, *handling* e apresentação de mundo (Winnicott, 1960). Estas funções apenas podem ser desempenhadas, como vimos anteriormente, por uma pessoa capaz de se identificar e cuidar do bebê, geralmente a mãe (Winnicott, 1956). Sendo esta, sustentada pela família e pela cultura. Uma vez que o desenvolvimento do indivíduo só se torna possível graças ao ambiente humano, talvez faça sentido supor que a organização psíquica, incluindo o uso de recursos defensivos, é estruturada para lidar com as pessoas. As relações com objetos inanimados aparece como uma forma de relação com o mundo, porém, são experimentadas na medida em que o indivíduo lhes atribua algum sentido ou função.

Tendo em vista estas considerações, arriscaria dizer que no encontro com os animais que povoam o mundo, alguns mecanismos psíquicos talvez não tenham sentido em nossa relação com eles. Um animal é o que é, seus comportamentos, como pudemos observar nos cães, são diretos e desprovidos de ambivalência, sua maneira de ser é autêntica e espontânea, estando o animal vivendo o presente. Será

que os mecanismos de introjeção e projeção afetam as relações com os animais como afetam as com pessoas? E a idealização e a racionalização? A interação com animal parece não depender das intenções e sentimentos humanos, uma vez que ocorre por meios dos fatos, atitudes e comportamentos. Será que isto não permite maior liberdade para o desenvolvimento de um contato livre das tensões e complexidades humanas? A análise dos encontros evidenciou que certos aspectos da personalidade dos adolescentes fluíam com maior facilidade na relação com o animal, tais como o investimento amoroso e a agressividade.

As situações relatadas por Berzins (2000), Corson e Corson (1980, apud Bergler, 1988), Silveira (1981) e Minerbo (2002) contribuem para esta compreensão: os velhos ouvidos por Berzins, apresentavam uma precária relação com as pessoas, sendo-lhe muito difícil tanto investir afetivamente nos humanos, quanto até pertencerem a este mundo, no entanto, para eles era possível a vida na relação afetiva com os animais; Sonny, o rapaz que sofria de depressão e ficava a maior parte do tempo na cama, conseguiu estabelecer vínculo com o cachorro (Corson e Corson, 1980, apud Bergler, 1988); Carlos, paciente de Nise da Silveira, dizia ao cão suas confidências; a maneira encontrada por Minerbo (2002) para despertar o *eu-amoroso* de Thaís foi por intermédio dos cães. Levinson (1962) coloca que se sentir aceito pelo cão pode levar a uma experiência enriquecedora e que, nas situações em que o indivíduo experimentou falhas ambientais, a confiança poderia ser estabelecida no contato com animais. Creio ser plausível supor que no contato com os cachorros - quando não há medo - o despertar de aspectos do self difíceis de serem experienciados nas relações interpessoais só é possível diante do relaxamento das defesas psíquicas, tendo por consequência maior confiança no ambiente – no caso o cão - para a expressão de outras maneiras de ser, num gesto espontâneo de emergência do verdadeiro self.

Além disso, percebeu-se que a maneira de ser do cachorro e sua forma de comunicação poderia ser um facilitador na emergência de espaços potenciais, onde a criatividade, a exploração e a descoberta de si eram experimentadas. Por vezes o cão era incluído nos fenômenos transicionais dos jovens, já em outras ocasiões o contato com o animal como um interesse comum tendia a facilitar uma situação grupal onde era possível a sobreposição de diferentes áreas do brincar, como

aconteceu no Encontro 11. Concordo com Delarissa (2003) quando reflete acerca desta função do cão de facilitar a criação de espaços potenciais, agindo como um ente aliviador na pós-modernidade. Acredito ser esta uma das razões do significativo vínculo afetivo estabelecido pelas pessoas com os cachorros, seja em situações interventivas ou nos lares.

Penso que estas são algumas reflexões e considerações que abrem caminhos para futuras investigações.

## 6.2 ENQUADRES DIFERENCIADOS NA CLÍNICA WINNICOTTIANA – O ANIMAL COMO RECURSO

Tendo em vista o desenvolvimento de uma proposta de intervenção que considere a inserção do animal – especialmente o cachorro – como um recurso terapêutico, torna-se necessário um posicionamento criterioso quanto à diferenciação entre Terapia e Atividade Assistida por Animais (TAA e AAA, respectivamente). Retomando as definições internacionais, em que a AAA promove oportunidades para benefícios motivacionais, educacionais, recreacionais e/ou terapêuticos para melhorar a qualidade de vida e a TAA é uma intervenção com objetivos definidos na qual um animal que obedece a critério específico é parte integral do processo de tratamento. Fica evidente a distinção entre elas, pois, enquanto uma se destina à oferta de um ambiente recreacional (AAA), outra busca atender aos critérios necessários ao desenvolvimento de um trabalho terapêutico (TAA). Considero que ambas têm seu valor e seu espaço. Ao analisar as características dos encontros entre os adolescentes e os cães, tendo em vista tais definições pode-se notar que:

- eram oferecidas oportunidades para o desenvolvimento de capacidades, tanto motoras, quanto de aprendizado e como também emocionais;
- mesmo com o intuito de desenvolver atividades a partir de objetivos definidos, pôde-se notar que havia uma precária organização neste sentido;
- a proposta pesquisada não tinha por base a oferta de um tratamento específico, configurando-se como um espaço de desenvolvimento.

Portanto, os encontros entre os adolescentes com síndrome de Down e cães numa situação estabelecida, configurou-se como uma Atividade Assistida por Animais (AAA).

Conforme foi evidenciado anteriormente, estes encontros revelam um potencial terapêutico a ser explorado como Terapia Assistida por Animais (TAA) nas áreas de pedagogia, terapia ocupacional, fisioterapia, fonoaudiologia e psicologia. É sobre esta última possibilidade que me interessa investigar. Para tanto alguns conceitos psicanalíticos serão aqui desenvolvidos a fim de fornecer subsídios teóricos.

Bleger (1988), em seu texto *Psicanálise do Enquadramento Psicanalítico*, parte da concepção winnicottiana de *setting* para fundamentar a noção de enquadre e a importância de sua manutenção ao longo do processo de análise. Para este autor o termo *situação psicanalítica* significa a totalidade dos fenômenos envolvidos na relação terapêutica entre analista e paciente, abarcando tanto o processo quanto o enquadramento. O processo consiste naquilo que a psicanálise estuda, analisa e interpreta, já o enquadramento é formado pelas constantes dentro de onde o processo se dá, o que inclui o papel do analista, o conjunto de fatores espaciais e temporais, e parte da estratégia (o contrato analítico). E é justamente a manutenção das constantes que compõe o enquadre que permite a formação de um processo analítico. Portanto, o rompimento do enquadre por parte do analista abre uma fresta por onde se introduz a realidade, podendo ser prejudicial ao processo terapêutico.

Vemos que, uma das condições para o desenvolvimento do processo analítico é o rigor na manutenção do enquadre. A proposta clínica em psicologia tendo o cachorro como recurso deve ser pensada tomando por base estes pressupostos, por isso a importância em manter, dentre outras coisas: um espaço adequado e constante para o atendimento, não susceptível às condições climáticas (que podem agir como elementos perturbadores do enquadre); também a necessidade do tempo tanto de início da sessão quanto de sua duração ser fixo; acrescento ainda um outro fator, o de que os cachorros disponibilizados para participarem da terapia estejam sempre presentes, para poder emergir elementos significativos da personalidade do paciente diante desta constante. A questão do papel do analista será discutida mais adiante.

Concordo com Vaisberg (2004b) que o dispositivo padrão de análise é “apenas um enquadre possível” (p. 8). As resistências de Freud e das instituições psicanalíticas oficiais quanto às proposições de mudanças ‘técnicas’ teve como consequência, de acordo com a autora:

A difusão de um pensamento segundo o qual deixamos de fazer psicanálise, quando não utilizamos o dispositivo clássico, para nos tornarmos meros aplicadores do pensamento psicanalítico. A meu ver, esta visão, muitíssimo estreita, não contribui em nada para o desenvolvimento do conhecimento psicanalítico nem para a extensão de seus benefícios àqueles cujo sofrimento não se traduz como problemática neurótica passível de ser abordada individualmente (p. 8)

Partindo de uma perspectiva winnicottiana na compreensão do ser humano a autora desenvolve o importante conceito de Enquadres Clínicos Diferenciados, como forma de “ser um psicanalista fazendo outra coisa, mais apropriada para a situação” (Winnicott, 1962). Ancorada na experiência de trabalho com enquadres diferenciados, tais como as oficinas psicoterapêuticas que fazem uso de diversas materialidades mediadoras, a autora sustenta que o enquadre pode ir além do registro contratual para ser a “*criação de um mundo*” (p. 9), onde diferentes materialidades (papéis, flores, dramatizações, fotos, velas, tecidos) “concorrem para a configuração de mundos simbólicos, nos quais os indivíduos se fazem presença, coexistem, convivem, vinculam-se...” (p.9). Criação de mundos esta onde se possa favorecer a expressão subjetiva, tendo em vista a provisão de cuidado psicoterapêutico:

Tanto se cria um mundo temporário no dispositivo padrão, desde uma perspectiva teórica que intenta conjurar transferencialmente o passado emocional, como quando se cria, por exemplo, um mundo papeleiro, tendo em vista favorecer experiências mutativas que permitam o resgate da continuidade do ser, a partir da qual a vida pessoal possa ser sentida como real e verdadeira e gestos transformadores e criativos possam fluir com espontaneidade (Vaisberg, 2004b, p.10)

As contribuições desta autora abrem novas formas de compreensão para os encontros entre os adolescentes com síndrome de Down e os cães. Havia ali a criação de um mundo: estes jovens saíam de sua rotina escolar para irem a um sítio, onde encontrariam cães: estes animais estavam lá e faziam parte do enquadre adotado. A análise da intervenção mostrou a emergência de acontecimentos

significativos, em termos de afetividade, entre estes jovens e os cachorros. O mundo criado era o de encontro entre duas espécies, a humana e a canina.

Entretanto, deve-se ter em mente que aquela não foi uma proposta psicanaliticamente orientada e, como vimos, havia situações por vezes não favorecedoras da expressão do verdadeiro *self*. O caso de Thaís, apresentado por Marion (2002) revela a importância vital da relação terapêutica quando cachorros são usados como recurso. A adoção bilateral ocorreu entre elas por intermédio do animal. Mas será que a paciente teria se beneficiado apenas do contato com o cão? A própria psicanalista responde a esta pergunta quando afirma “O cão, apesar de ser o melhor amigo do homem, nada pode dizer sobre a personalidade de sua dona...” (p.235). Encontro em Vaisberg (2004a) ressonância para responder a este tipo de questão, ao refletir sobre o uso de materialidades mediadoras, diz “Evidentemente, não consideramos, ingenuamente, que a mera presença de materialidades capazes de afetar sensorialmente garanta, por si mesma, nem a sustentação da continuidade do ser, que se dá em ambiente inter-humano, nem o gesto espontâneo” (p.20).

A riqueza do potencial expressivo e experiencial da relação entre pessoas e animais torna-se mais significativa, numa proposta analítica, quando entendida como manifestação do mundo interno do paciente para o terapeuta. Neste sentido o Jogo do Rabisco, tão fertilmente explorado por Winnicott, evidencia a importância da experiência ocorrida ser entendida como comunicação:

O jogo dos rabiscos é simplesmente um meio de se conseguir entrar em contato com a criança. O que acontece no jogo e em toda a entrevista depende da utilização feita da experiência da criança, incluindo o material que se apresenta. Para se utilizar a experiência mútua, deve-se ter em conta a teoria do desenvolvimento emocional da criança e o relacionamento desta com fatores ambientais (1984, p.11).

Nesta passagem o autor anuncia a importância do papel do analista como alguém capaz de entrar em contato e receber a comunicação do paciente, estando firmemente ancorado em termos teóricos. O uso de enquadres diferenciados exige como condição básica o rigor na postura psicanalítica (Vaisberg, 2004a, 2004b; Minerbo, 2002).

Penso, ainda, que a inclusão do cachorro como recurso terapêutico na psicoterapia não exclui a presença de outras formas de manifestação da subjetividade, como as que ocorrem por meio de materiais gráficos e brinquedos.

Outra questão a ser pensada é a especificidade de inserir um animal no enquadre. Diferentemente das materialidades mediadoras (papéis, flores, velas), o animal precisa ter suas necessidades básicas atendidas (alimentação, acomodação e outros). Na situação aqui estudada os animais pertenciam e eram cuidados pela equipe do canil. Há casos que os animais são dos terapeutas envolvidos. Considero que a realização das terapias e atividades assistidas por animais é necessariamente interdisciplinar pois, além da função da equipe terapêutica – ou do terapeuta que trabalha individualmente em consultório – o veterinário e o adestrador são fundamentais: o primeiro pelos cuidados com a saúde do animal, realizando as vacinações devidas, os exames de rotina e os complementares para controle de zoonoses; o segundo por seu papel na seleção e no treinamento do cachorro. O adestrador, sendo um profissional com conhecimentos sobre o comportamento canino, desempenha, a meu ver, tanto esta função de preparar o animal para participar de intervenções, quanto de fornecer orientação para a equipe técnica a respeito dos animais. De qualquer maneira, acredito ser necessário que o terapeuta, além de sua formação técnica, esteja familiarizado com a espécie animal participante e detenha conhecimentos básicos sobre seu comportamento e suas necessidades.

Gostaria de enfatizar que as considerações desenvolvidas neste estudo são, ainda, considerações iniciais se pensarmos nas diversas possibilidades de investigação e desdobramentos nos estudos das relações entre pessoas e animais tanto em situações não interventivas, quanto em propostas de atendimento em fisioterapia, terapia ocupacional, fonoaudiologia, psicopedagogia e, especialmente, em propostas clínicas winnicottianas com enquadres diferenciados.

Por fim, a partir da análise e das reflexões tecidas nesta pesquisa, acredito termos encontrado subsídios necessários para sustentar uma proposta de intervenção – psicanaliticamente orientada – com o uso de enquadre diferenciado que inclui o cachorro como recurso.



## 7. REFERÊNCIAS

- ALVES, R. *Concerto para Corpo e Alma*. Campinas, SP: Papyrus, 1998.
- AMIRALIAN, M.L.T.M. O diagnóstico da deficiência mental. *Boletim de Psicologia*, v.XLV, n. 102, p.35-44, 1995.
- \_\_\_\_\_ Compreendendo a deficiência pela óptica das propostas winnicottianas. *Estilos da Clínica*, II (2), p.96-102, 1997a.
- \_\_\_\_\_ O Psicólogo e a Pessoa com Deficiência. In: Becker, E. *Deficiência: alternativas de intervenção*. São Paulo: Casa do Psicólogo, 1997b.
- \_\_\_\_\_ Deficiências: Um Novo Olhar. Contribuições a partir da psicanálise winnicottiana. *Estilos da Clínica*, III (15), p.94-109, 2003.
- ÁVILA, L.C. Conexionismo e Equoterapia: relacionando-se com o mundo. *Revista Equoterapia*, 5, p. 3-5, 2001.
- BERGLER, R. *Man and Dog: the psychology of a relationship*. Oxford: Blackwell Scientific Publications, 1988.
- BERZINS, M.A.V.S., *Velhos, Cães e Gatos: interpretação de uma relação*. Dissertação para obtenção de título de Mestrado. Pontífice Universidade Católica. São Paulo, SP, 2000.
- BLEGER, J. *Simbiose e Ambigüidade*. Rio de Janeiro: Francisco Alves, 1988..
- COLLIS, G.M.; MCNICHOLAS, J. Hassles of pet ownership: the impact of social restrictions on psychological and physical well-being. *9<sup>th</sup> International Conference on Human-Animal Interactions*, Abstracts Book, p.43, 2001.
- CORIAT, L.; JERUSALINSKY, A. El desarrollo temprano del niño mongólico: aspectos neurológicos y psicológicos. *Cuadernos del Desarrollo Infantil*, 3, Buenos Aires: Beton Servicios Gráficos, 1983.
- DELARISSA, F.A. O animal de estimação: de companheiro tribal a objeto transicional – um ente aliviador das crises na pós-modernidade. *Vertentes*. 2003 (no prelo)
- DELTA SOCIETY Disponível em: <[www.deltasociety.org](http://www.deltasociety.org)> Acessado em: 09/01/2005.
- FARACO, C.B. *Animais em Sala de Aula: Um estudo das repercussões psicossociais da intervenção mediada por animais*. Dissertação para obtenção do título de mestrado. Pontífica Universidade Católica do Rio Grande do Sul, RS. 2003.

- FEDIDÁ, P. A negação da deficiência. In: D'Ávila Neto, M.I. *A Negação da Deficiência: a instituição da diversidade*. Rio de Janeiro: Achiamé/Socius, 1984.
- FINE, A. Foreword. In Fine, A. (Ed) *Handbook on Animal Assisted Therapy: theoretical foundations and guidelines for practice*. San Diego, US: Academic press, 2000.
- FREUD, S. (1913) *Totem e Tabu*. In: Obras Completas Psicológicas de Sigmund Freud: edição *standard* brasileira. Vol XIII. Rio de Janeiro: Imago, 1996.
- FRIEDMANN, E. The role of pets in enhancing human well-being: physiological effects. In: Waltham Centre, *The Waltham Book of Human-Animal Interactions: benefits and responsibilities*, Oxford: Pergamon Press, 1995
- FUCHS, H. *O Animal em Casa: um estudo no sentido de des-velar o significado psicológico do animal de estimação*. Tese para obtenção do título de Doutorado. Universidade de São Paulo. São Paulo, SP. 1987.
- GAY, P. *Freud: uma Vida para Nosso Tempo*. São Paulo: Companhia das Letras, 1989.
- GINSBURG, B.E.; HIESTAND, L. Humanity's "best friend": the origins of our inevitable bond with the dogs. In: Davis, H.; Balfour, D. *The Inevitable Bond: examining scientist-animal interactions*. Cambridge: Cambridge University Press, 1992.
- HART, L.A.; ZASLOFF, R.L.; BENFATTO, A.M. The pleasures and problems of hearing dog ownership. *Psychological Reports*, 77, p.969-970, 1995.
- IAHAIO Disponível em <[www.iahaio.org](http://www.iahaio.org)> Acessado em: 02/07/2005
- JERUSALINSKY, A. Psicanálise e Deficiência Mental. In: *Psicanálise e Desenvolvimento Infantil*. Porto Alegre: Artes Médicas, 1988.
- LANTZMAN, M. *O Cão e Sua Família: temas de amor e agressividade*. Tese para obtenção do título de Doutorado. Pontifícia Universidade de São Paulo. São Paulo, SP. 2004.
- LEVINSON. B.M. The dog as a co-therapist. *Mental Hygiene*, v.46, p. 59-65, 1962.  
\_\_\_\_\_ Pets: a special thecnique in child psychoterapy. *Mental Hygiene*, v.48, p.243-248, 1964.  
\_\_\_\_\_ Pets, child development, and mental illness. *Journal of the American Veterinary Medical Association*, v.157, p.1759-1766, 1970.

- MARTIN, F; FARNUM, J. Animal-Assisted Therapy for children with pervasive developmental disorders. *Western Journal of Nursing Research*, 24 (6), p.657-670, 2002.
  - MCNICHOLAS, J.; COLLIS, G.M. Dog as catalysts for social interactions robustness of effect. *British Journal of Psychology*, 91, p.61-70, 2000.
  - MEDEIROS, C. O certo, o errado e o verdadeiro: conversando com pais e mães em consulta terapêutica coletiva. In: Vaisberg, T.M.J.A; Ambrosio, F. *Cadernos Ser e Fazer: apresentação e materialidade*. São Paulo: Instituto de Psicologia da Universidade de São Paulo, 2003.
  - MINER, R.J.T. The experience of living with and using a dog guide. *RE:view*, 32(4), p. 183-190, 2001.
  - MINERBO, M. C(ã)o-terapeutas: o enquadre a serviço do método na análise de uma adolescente. In: Barone, L.M.C. *O Psicanalista Hoje e Amanhã: o II Encontro Psicanalítico da Teoria dos Campos por escrito*. São Paulo: Casa do Psicólogo, 2002.
  - NADERI, S.; MIKLÓSI, A.; DÓKA, A.; CSANYI, V. Co-operative interactions between blind persons and their dogs. *Applied Animal Behaviour Science*, 74 (1), p.59-80, 2001.
  - PÉTARD, J.P. Observação e intervenção: o que nos ensina a antropologia visual. In: Vaisberg, T.M.J.A.; Follador, F.A. *Trajetos do Sofrimento: desenraizamento e exclusão*. anais do I Seminário Temático Ser e Fazer, Instituto de Psicologia da Universidade de São Paulo, 2002.
  - REDFER, A.L.; GOODMAN, J.F. Brief report: pet-facilitated therapy with autistic children. *Journal of Autism and Developmental Disorders*, v.19, n.3, p.461-467. 1989.
  - SAFRA, G. Pesquisa com Material Clínico. *Psicanálise e Universidade*. Atas do 1º encontro de pesquisa acadêmica em psicanálise. São Paulo: PUC, n.1, p.51-72, 1994.
- \_\_\_\_\_ O trabalho não-verbal na análise de crianças. *Espaço Criança*, 2 (1), p.25-29, 1996.
- \_\_\_\_\_ *A Face Estética do Self: teoria e clínica*. São Paulo: Unimarco Editora, 1999.
- SERPELL, J. A. Evidence for long term effects of pet ownership on human health. *Waltham Symposium*, 1990.

- \_\_\_\_\_ Animal companions and human well-being: an historical exploration of the value of human-animal relationship. In Fine, A. (Ed) *Handbook on Animal Assisted Therapy: theoretical foundations and guidelines for practice*. San Diego, US: Academic press, 2000.
- SEVERINO, A.J. *Metodologia do Trabalho Científico*. 21 ed. rev. e ampl. São Paulo: Cortez, 2000.
- SILVEIRA, N. *Imagens do Inconsciente*. Rio de Janeiro: Alhambra, 1981.
- \_\_\_\_\_ *O Mundo das Imagens*. São Paulo: Ed. Ática, 1992.
- STEFFENS, M.C.; Bergler, R. Blind people and their dogs: an empirical study on changes in everyday life, in self-experience, and in communication. In: Wilson, C.C; Turner, D.C. *Companion Animals in Human Health*. Thousand Oaks: Sage Publications, 1998.
- VAISBERG, T.A. *Ser e Fazer: enquadres diferenciados na clínica winnicottiana*. São Paulo: Idéias e Letras, 2004a.
- \_\_\_\_\_ Enquadres clínicos diferenciados e a personalização/realização transicional. In: Vaisberg, T.M.J.A; Ambrosio, F. *Cadernos Ser e Fazer: O Brincar*. São Paulo: Instituto de Psicologia da Universidade de São Paulo, 2004b.
- WINNICOTT, D.W. Desenvolvimento emocional primitivo (1945). In: *Da Pediatria à Psicanálise: obras escolhidas*. Rio de Janeiro: Imago Ed., 2000.
- \_\_\_\_\_ A mente e sua relação com o psicossoma (1949). In: *Da Pediatria à Psicanálise: obras escolhidas*. Rio de Janeiro: Imago Ed., 2000.
- \_\_\_\_\_ Psicoses e cuidados maternos (1952). In: *Da Pediatria à Psicanálise: obras escolhidas*. Rio de Janeiro: Imago Ed., 2000.
- \_\_\_\_\_ A preocupação materna primária (1956). In: *Da Pediatria à Psicanálise: obras escolhidas*. Rio de Janeiro: Imago Ed., 2000.
- \_\_\_\_\_ Teoria do relacionamento paterno-infantil (1960). In: *O Ambiente e os Processos de Maturação: estudos sobre a teoria do desenvolvimento emocional*. Porto Alegre: Artes Médicas, 1983
- \_\_\_\_\_ Os objetivos do tratamento psicanalítico (1962) In: *O Ambiente e os Processos de Maturação: estudos sobre a teoria do desenvolvimento emocional*. Porto Alegre: Artes Médicas, 1983

\_\_\_\_\_ Da dependência à independência no desenvolvimento do indivíduo (1963) In: *O Ambiente e os Processos de Maturação*: estudos sobre a teoria do desenvolvimento emocional. Porto alegre: Artes Médicas, 1983.

\_\_\_\_\_ *O Brincar e a Realidade*. Rio de Janeiro: Imago Ed., 1975.

\_\_\_\_\_ *Consultas Terapêuticas em Psiquiatria Infantil*. Rio de Janeiro: Imago, 1984.

\_\_\_\_\_ *Natureza Humana*. Rio de Janeiro: Imago Ed., 1990.

## **8. ANEXOS**

## ANEXO A – TERMO DE CONSENTIMENTO

**UNIVERSIDADE DE SÃO PAULO  
INSTITUTO DE PSICOLOGIA  
DEPARTAMENTO DE PSICOLOGIA CLÍNICA**

### TERMO DE CONSENTIMENTO PÓS-INFORMAÇÃO

Obrigatório para pesquisa científica com seres humanos  
**Resolução Nº 01 de 13.06.1988 - CNS - Conselho Nacional de Saúde**

#### I - DADOS DE IDENTIFICAÇÃO DO PARTICIPANTE DA PESQUISA OU RESPONSÁVEL LEGAL

##### 1. NOME DO PARTICIPANTE DA PESQUISA:

DOCUMENTO DE IDENTIDADE Nº:

SEXO: M F

ENDEREÇO:

BAIRRO: .....

CEP:

ÓRGÃO EXPEDIDOR:

DATA NASCIMENTO:

Nº APTO

CIDADE:

TELEFONE: DDD -

##### 2. RESPONSÁVEL LEGAL

NATUREZA (grau de parentesco, tutor, curador etc.)

DOCUMENTO DE IDENTIDADE Nº:

SEXO: M F

ENDEREÇO:

BAIRRO: .....

CEP: .....

ÓRGÃO EXPEDIDOR

DATA NASCIMENTO:

Nº APTO

CIDADE

TELEFONE:

#### II - DADOS SOBRE A PESQUISA CIENTÍFICA

1. TÍTULO DO PROTOCOLO DE PESQUISA: O uso de cães como mediadores no atendimento a crianças portadoras de síndrome de Down: um estudo exploratório

a) COORDENADORA do projeto: Dra. Leila Salomão de La Plata Cury Tardivo

CARGO/FUNÇÃO: Professora Doutora do Departamento de Psicologia Clínica do Instituto de Psicologia da USP

INSCRIÇÃO NO CONSELHO REGIONAL: CRP: 06/4667

b) PESQUISADORA: Sabine Althausen

CARGO/FUNÇÃO: aluna graduação em psicologia e de Iniciação Científica do Departamento de Psicologia Clínica

UNIDADE DA UNIVERSIDADE: Departamento de Psicologia Clínica, Instituto de Psicologia da USP

- c) AVALIAÇÃO DO RISCO DA PESQUISA:

SEM RISCO

(probabilidade de que o indivíduo sofra algum **dano** como consequência imediata ou tardia do estudo)

RISCO MÉDIO

RISCO MÍNIMO

ALTO RISCO

2. DURAÇÃO DA PESQUISA: DOIS ANOS (com início previsto para março de 2002).

### III - EXPLICAÇÕES DO PESQUISADOR AO PARTICIPANTE DA PESQUISA OU A SEU REPRESENTANTE LEGAL

#### 1. Justificativa e os objetivos da pesquisa

A interação com animais tem se mostrado como um forte componente na terapia com pessoas portadoras de deficiência. O objetivo da presente pesquisa é identificar os meios pelos quais esta interação ocorre.

#### 2. Procedimentos que serão utilizados e propósitos, incluindo a identificação dos procedimentos que são experimentais

Os participantes serão convidados a participar da pesquisa quando forem atendidos com a interação com o animal

O procedimento consiste em filmagens da interação durante as sessões.

#### 3. Desconfortos e riscos esperados

Não há desconforto, nem risco, uma vez que os procedimentos consistem em filmagem e observação, as quais serão aceitas pelos participantes e eles deverão passar por um período de adaptação ao equipamento e ao pesquisador presente.

#### 4. Benefícios que podem ser obtidos

Poderão ser beneficiados tanto os profissionais quanto os participantes da pesquisa uma vez que o uso e a comprovação dos efeitos desta terapia poderão ser aprimorados.

#### 5. Esclarecimento:

Ao participante está assegurado o direito de receber informações sobre qualquer pergunta ou esclarecimento, procurar esclarecer sobre qualquer dúvida acerca dos procedimentos, riscos, benefícios e outros assuntos relacionados com a pesquisa

#### 6. Esclarecimento:

O participante tem a liberdade de retirar seu consentimento a qualquer momento e deixar de participar no estudo, SEM que isto traga prejuízo a continuação do seu cuidado e tratamento .

#### 7. Sigilo profissional:

Compromisso sobre a segurança de que não se identificará o indivíduo e que se manterá o caráter confidencial das informações relacionadas com a sua privacidade

#### 8. Informação:

Compromisso de proporcionar informação atualizada obtida durante o estudo

Observações complementares:

---

---

---

---

#### IV - TERMO DE CONSENTIMENTO PÓS-ESCLARECIDO

Declaro que, após ter sido convenientemente esclarecido pelo pesquisador, conforme registro dos itens I a III, consinto em participar, na qualidade de participante da pesquisa, do Projeto de Pesquisa coordenado pela Prof.<sup>a</sup> Dra. Leila S. P. Cury Tardivo, professora doutora do Departamento de Psicologia Clínica do Instituto de Psicologia da USP, referido no inciso II deste documento.

São Paulo, ..... de março de 2002.

---

Assinatura do participante ou responsável legal:

---

Assinatura do pesquisador que obteve o consentimento  
(carimbo ou nome legível)

Obs.: Este **termo** deverá ser elaborado em duas vias, **ficando uma** via em poder do **participante da pesquisa** ou seu representante legal e outra deverá ser anexada ao prontuário do participante da pesquisa.

## ANEXO B – DECLARAÇÕES IAHAIO

IAHAIO

# Geneva Declaration

## Preamble

Recent research is demonstrating the various benefits of companion animals to people's well-being, personal growth, and quality of life.

In order to enable their presence and ensure the harmonious companionship of animals in our lives, owners, and governments both have duties and responsibilities.

IAHAIO members have adopted five fundamental resolutions at their General Assembly, held in Geneva on 5 September 1995. IAHAIO urges all international bodies concerned and all national governments to consider and activate the following resolutions.

## Resolutions

1. To acknowledge the universal non-discriminatory right to pet ownership in all places and reasonable circumstances, if the pet is properly cared for and does not contravene the rights of non-pet owners.
2. To take appropriate steps to ensure that the human environment is planned and designed to take the special needs and characteristics of pets and their owners into account.
3. To encourage the regulated presence of companion animals in schools and school curricula, and to work to convince teachers and educators of the benefits of this presence through appropriate training programmes.
4. To ensure regulated companion animals access into hospitals, retirement and nursing homes, and other centres for the care of people of all ages who are in need of such contact.
5. To officially recognize as valid therapeutic interventions those animals that are specifically trained to help people overcome the limitations of disabilities; to foster the development of programs to produce such animals; and to ensure that education about the range of capabilities of these animals is included in the basic training of the health and social service professions.

IAHAIO

# Prague Declaration

## Preamble

There is much research now available to prove that companion animals can add to the Quality of Life of the humans to whom they may provide practical assistance or therapy.

IAHAIO members believe that those who train animals and deliver the service to others must ensure the Quality of Life of the animals involved. Programmes offering animal-assisted activities or animal-assisted therapy for the benefit of others should be governed by basic standards, regularly monitored, and be staffed by appropriately trained personnel.

IAHAIO members have therefore adopted four fundamental guidelines at their General Assembly held in Prague in September, 1998. IAHAIO urges all persons and organizations involved in animal-assisted activities and/or animal-assisted therapy, and all bodies governing the presence of such programmes in their facilities to consider and abide by the following points.

## Guidelines

1. Only domestic animals which have been trained using techniques of positive reinforcement, and which have been, and will continue to be, properly housed and cared for, are involved.
2. Safeguards are in place to prevent adverse effects on the animals involved.
3. The involvement of assistance and/or therapy animals is potentially beneficial in each case.
4. Basic standards are in place to ensure safety, risk management, physical and emotional security, health, basic trust and freedom of choice, personal space, appropriate allocation of programme resources, appropriate workload clearly defined roles, confidentiality, communication systems and training provision for all persons involved.

Organizations adhering to the above four guidelines will be invited to join IAHAIO as Affiliate Members.

IAHAIO

## Rio Declaration

### The IAHAIO Rio Declaration on Pets in Schools

Given the strong evidence that has accumulated in recent years demonstrating the value, to children and juveniles, of social relationships with companion animals it is important that children be taught proper and safe behaviour towards those animals and the correct care, handling and treatment of the various companion animal species.

Realising that companion animals in school curricula encourage the moral, spiritual and personal development of each child, bring social benefits to the school community and enhance opportunities for learning in many different areas of the school curriculum, IAHAIO members have adopted fundamental guidelines on pets in schools at their General Assembly, held in Rio de Janeiro in September 2001.

IAHAIO urges all school authorities and teachers, as well as all persons and organizations involved in pet programmes for schools, to consider and abide by the following guidelines:

1. Programmes about companion animals should, at some point, allow personal contact with such animals in the classroom setting. Depending on school regulations and facilities, these animals will :
  - a) be kept, under suitable conditions, on the premises, or
  - b) be brought to school by the teacher, or
  - c) come to visit, in the context of a visiting programme, together with their owners, or
  - d) accompany, as a service dog, a child with special needs.
2. Any programme involving personal contact between children and companion animals must ensure:
  - a) that the animals involved are
    - safe (specially selected and/or trained),
    - healthy (as attested by a veterinarian),
    - prepared for the school environment (e.g. socialized to children, adjusted to travel in the case of visiting animals),
    - properly housed (either in the classroom or while at home), and
    - always under supervision of a knowledgeable adult (either the teacher or the owner);
  - b) that safety, health and feelings of each child in the class are respected.
3. Prior to the acquisition of classroom animals or visitation of the class by programme personnel with companion animals that meet the above criteria, both school authorities and parents must be informed and convinced of the value of such encounters.

4. Precise learning objectives must be defined and should include:
  - a) enhancement of knowledge and learning motivation in various areas of the school curriculum
  - b) encouragement of respect and of a sense of responsibility for other life forms
  - c) consideration of each child's expressive potential and involvement.
5. The safety and well-being of the animals involved must be guaranteed at all times.